



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Câmpus Universitário de Três Lagoas
Programa de Pós-Graduação em Letras



DIOGO AYANO BRAGA DA SILVA

O SUBESQUEMA [ADV DE EXCLUSÃO + SE] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

TRÊS LAGOAS - MS

2022



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Câmpus Universitário de Três Lagoas
Programa de Pós-Graduação em Letras



DIOGO AYANO BRAGA DA SILVA

**O SUBESQUEMA [ADV DE
EXCLUSÃO + SE] NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de concentração: Estudos Linguísticos) do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Taísa Peres de Oliveira

TRÊS LAGOAS - MS

2022



BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Taísa Peres de Oliveira
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS)

1º examinador: Prof^ª. Dr^ª. Gisele Cássia de Sousa
(Universidade Estadual Paulista - UNESP)

2º examinador: Prof^ª. Dr^ª. Solange de Carvalho Fortilli
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS)

Suplente: Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS)

Suplente: Prof^ª. Dr^ª. Cibele Naidhig de Sousa
(Universidade Federal do Paraná - UFPR)



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Câmpus Universitário de Três Lagoas
Programa de Pós-Graduação em Letras



Dedico este trabalho, aos
meus dois alicerces,
meu pai e minha mãe.



AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Taísa Peres de Oliveira por acreditar no meu potencial, por me ajudar e incentivar a seguir a carreira acadêmica. Por abrir meus os olhos para o intrigante objeto de estudo que hoje me dedico. Por dedicar seu tempo, desde a graduação, com sábios ensinamentos durante as reuniões de orientação. Obrigado por tudo.

A todos os professores da UFMS de Três Lagoas, da graduação e da pós-graduação em Letras, que foram de suma importância para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

A todos os profissionais da UFMS e externos, por contribuir direta ou indiretamente com a manutenção da universidade em bom funcionamento.

A todos os integrantes do Grupo de Estudos Sociofuncionalistas (GESF), os quais contribuíram fortemente com o desenvolvimento desta pesquisa, através das reuniões presenciais e *online*, bem como através dos encontros em eventos.

Aos professores da banca, pela dedicação de tempo à leitura desta dissertação.

Aos amigos que conheci na faculdade, que ajudaram por inúmeras vezes com conselhos, com comentários sobre minha pesquisa. Por estarem presentes nos momentos difíceis e de descontração.

À minha queridíssima amiga Noêmia, por ter me ajudado e compartilhado toda sua sabedoria de vida comigo. Com ela aprendi a buscar em mim a leveza para levar a vida.

À Lenir, minha primeira patroa, que sempre puxou minha orelha e me motivou a não desistir de nenhuma dificuldade no caminho.

À minha tia Osmarina, por servir de exemplo e inspiração.

Aos meus irmãos, por nunca soltarem minha mão.



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Câmpus Universitário de Três Lagoas
Programa de Pós-Graduação em Letras



Novamente, aos meus pais por acreditarem em mim e por se esforçarem sem medir esforços para que eu pudesse alcançar meus sonhos.

A todos que contribuíram, de alguma forma, com a minha formação acadêmica.

À CAPES, por financiar e possibilitar o desenvolvimento desta pesquisa.

RESUMO

SILVA, Diogo Ayano Braga da. **O subesquema [ADV de exclusão + SE] no português brasileiro**. Dissertação (Mestrado, Estudos Linguísticos). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Três Lagoas. 2022.

O principal objetivo desta dissertação é descrever o subesquema [ADV de exclusão + se] pautado na noção de que ele integra a rede dos conectores condicionais e que os conectores instanciados pelo subesquema, *somente se*, *só se* e *exceto se*, são conectores restritivos, diferindo-se do sentido manifestado pelo conector prototípico *se*, que é capaz de acionar uma condicionalidade mais básica. O embasamento teórico desta pesquisa é composto, principalmente, pelos teóricos que interpretam as unidades linguísticas em termos de pareamentos de formas e significados, as construções, como Traugott e Trousdale (2021) juntamente com os estudos de Bybee (2016), os quais possibilitam a interpretação do sentido condicional por meio da correlação de aspectos formais e semântico-pragmáticos, que foram essenciais para comprovar que a hipótese de que os conectores complexos instanciados pelo subesquema [ADV de exclusão + se] são diferentes dos casos em que há somente a presença de *se*, bem como comprovar que há diferenças entre os conectores instanciados pelo subesquema desta pesquisa. Para a interpretação da condicionalidade nas ocorrências coletadas foi utilizado a obra de Dancygier (1998), que reúne alguns parâmetros que caracterizam a categoria condicional, a saber: não assertividade, predição, espaços mentais, causalidade e postura epistêmica. Somam-se aos parâmetros de Dancygier (1998) outros parâmetros relevantes para a interpretação das ocorrências, tal como: função dos advérbios e conectores, correlação modo-temporal, posição da oração condicional, hierarquia construcional de [ADV de exclusão + se] na rede dos conectores condicionais, os slots do subesquema [ADV de exclusão + se]. Para este estudo, de cunho sincrônico, foram consideradas 600 ocorrências do século atual, coletadas no *Corpus do Português* (disponível em: www.corpusdoportugues.org) na modalidade Web/Dialetos e após as análises ficou constatado que o sentido restritivo dos advérbios foi essencial para que o sentido restritivo fosse mantido ao formar um conector condicional complexo, bem como foi possível notar que os conectores possuem diferenças em alguns parâmetros da condicionalidade.

Palavras-chave: Modelos Baseados no Uso. Subesquema. Categoria condicional. Conectores condicionais. Condicionalidade.

ABSTRACT

The main objective of this dissertation is to describe the subscheme [ADV de exclusão + se] based on the notion that it integrates the network of conditional connectors and that the connectors instantiated by the subschema, *somente se*, *só se* and *exceto se* are restrictive connectors, differing them based on the meaning manifested by the prototypical connector *se*, which is capable of introducing a more basic conditionality. The theoretical basis of this research is mainly composed of theorists who interpret linguistic units in terms of pairings of forms and meanings, constructions, such as Traugott and Trousdale (2021) together with studies by Bybee (2016), which enable the interpretation of the conditional meaning through the correlation of formal and semantic-pragmatic aspects, which were essential to prove that the hypothesis that the complex connectors instantiated by the [ADV de exclusão + se] subscheme are different from the cases in which there is only the presence of *se*, also proving that there are differences between the connectors instantiated by the subschema of this research. For the interpretation of the conditionality in the collected occurrences, the book of Dancygier (1998) was used, which gathers some parameters that characterize the conditional category, namely: non-assertiveness, prediction, mental spaces, causality and epistemic posture. In addition to Dancygier's (1998) parameters, other relevant parameters for the interpretation of occurrences, such as: function of adverbs and connectors, temporal-mode correlation, position of conditional clause, constructional hierarchy of [ADV de exclusão + se] in the network of the conditional connectors, the subscheme slots [ADV de exclusão + se]. For this synchronic study, 600 occurrences of the current century were considered, collected in the Corpus do Português (available at: www.corpusdoportugues.org) in the Web/Dialects modality and after the analyzes it was found that the restrictive meaning of the adverbs was essential so that the restrictive sense was maintained when forming a complex conditional connector, as well as it was possible to notice that the connectors have differences in some conditionality parameters results.

Key words: Usage-Based Models. Subschema. Conditional category. Conditional connectors. Conditionality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Modelo de estrutura simbólica das construções.	20
Quadro 2: Dimensões das construções	21
Quadro 3: Molduras sintáticas das orações introduzidas pelo conector "se"	36
Quadro 4: Molduras sintáticas das orações condicionais	37
Quadro 5: Tipos de articulações de orações	39
Quadro 6: Esquemas dos conectores condicionais complexos.....	41

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1: Hierarquia das construções	24
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Divisão e tamanho do Corpus do Português.....	57
Tabela 2: Quantidades de ocorrências de dados do Corpus do Português	58
Tabela 3- Os conectores do subesquema [ADV de exclusão + se] conforme os parâmetros de Kortmann (1996).....	68
Tabela 4 - Hierarquia esquemática da rede dos conectores condicionais complexos	69
Tabela 5 – Atualização na hierarquia esquemática da rede dos conectores condicionais complexos.....	73
Tabela 6: Frequência dos domínios cognitivos nas orações introduzidas por conectores do subesquema [ADV de exclusão + se]	74
Tabela 7: Correlação modo-temporal das orações introduzidas por "exceto se"	81
Tabela 8: Correlação modo-temporal das orações introduzidas por "só se"	82
Tabela 9: Correlação modo-temporal das orações introduzidas por "somente se"	84
Tabela 10 - Frequência da mais numerosa correlação modo-temporal nas orações introduzidas pelas microconstruções instanciadas pelo subesquema [ADV de exclusão + se]	89
Tabela 11 - Frequência de ocorrências com formas verbais na prótase que indicam postura epistêmica negativa.....	91
Tabela 12 - Frequência dos tipos de postura epistêmica nas ocorrências do subesquema [ADV de exclusão + se]	94
Tabela 13: Posição das orações condicionais introduzidas por conectores do subesquema [ADV de exclusão + se].....	103

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Frequência do traço de predição do subesquema [ADV de exclusão + se] ..	98
Gráfico 2 - Frequência do traço de predição dos conectores do subesquema [ADV de exclusão + se]	99

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Relação hierárquica entre esquemas e subesquemas.....34

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	18
2.1 A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES	18
2.1.1 Surgimento dos Modelos Baseados no Uso (MBU).....	18
2.1.2 Unidade de análise.....	19
2.1.3 Propriedades das construções: esquematicidade, produtividade e composicionalidade.....	22
2.1.4 Processos cognitivos de domínios gerais envolvidos na linguagem.....	27
3. A CATEGORIA CONDICIONAL	31
3.1 A ORAÇÃO CONDICIONAL	34
3.2 OS CONECTORES CONDICIONAIS.....	40
3.3 PARÂMETROS DA CATEGORIA CONDICIONAL.....	43
3.3.1 Causalidade.....	44
3.3.2 Não-assertividade.....	48
3.3.3 Predição	50
3.3.4 Distância epistêmica	52
3.3.5 Espaços mentais	54
4. METODOLOGIA	56
4.1 CÓRPUS	56
4.2 PROCEDIMENTOS DE SELEÇÃO DOS DADOS	57
4.3 PARÂMETROS DE ANÁLISE.....	59
4.3.1. Composicionalidade.....	61
4.3.2. Esquematicidade	62
4.3.3. Produtividade.....	63
5. ANÁLISE DO SUBESQUEMA [ADV DE EXCLUSÃO + SE]”	64
5.1 O FUNCIONAMENTO DOS ADVÉRBIOS E DOS CONECTORES: POSICÃO E ESCOPO.	64
5.2 OS SLOTS DO SUBESQUEMA [ADV DE EXCLUSÃO + SE].....	72
5.3 CAUSALIDADE NÃO-PREENCHIDA	74
5.4 CORRELAÇÃO MODO-TEMPORAL	80
5.5 NÃO-ASSERTIVIDADE	87
5.6 POSTURA EPISTÊMICA.....	88
5.7 PREDIÇÃO	94
5.8 ESPAÇOS MENTAIS	100

5.9	POSIÇÃO DA ORAÇÃO CONDICIONAL.....	102
	CONCLUSÃO.....	107
	REFERÊNCIAS	111

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objetivo analisar parte dos conectores que compõem a rede condicional, os conectores condicionais **somente se**, **exceto se** e **só se**. Traugott e Trousdale (2021) postulam que as unidades linguísticas resultam do pareamento de forma e sentido e que esses pareamentos, chamados de construções, compõem as línguas. Portanto, no desenvolver deste trabalho, considera-se que esses conectores são construções sancionadas pelo subesquema [ADV de exclusão + se] e que eles integram a rede de conectores condicionais, isto é, assume-se que esse subesquema é um pareamento de forma [ADV de exclusão + se] com o sentido de conector condicional restritivo na rede dos conectores condicionais.

Sendo assim, para comprovar que os conectores condicionais da presente pesquisa possuem características específicas foram traçados alguns objetivos específicos, a saber: (i) analisar o funcionamento dos termos que compõe o subesquema [ADV de exclusão + se] para verificar se os termos que compõem esse subesquema ainda desempenham funções de sua categoria de origem; (ii) analisar o tipo de condição veiculado pelos conectores do subesquema [ADV de exclusão + se]; (iii) analisar as propriedades do subesquema (composicionalidade, produtividade e esquematicidade); (iv) analisar os parâmetros da condicionalidade propostos por Dancygier (1998), causalidade, não assertividade, predição, espaços mentais e distância epistêmica nas ocorrências coletadas do subesquema [ADV de exclusão + se]; (v) verificar se o subesquema [ADV de exclusão + se] reorganiza e/ou modifica a rede dos conectores condicionais.

Assume-se neste trabalho que as partes que compõem cada conector contribuem para que as características do conector e o tipo de condição veiculada seja diferente dos outros itens da mesma categoria, isto é, acredita-se que o sentido condicional manifestado por **se** é diferente de **somente se** (OLIVEIRA, 2008), pois a condicionalidade manifestada pelo conector **se** é canônica e neutra, enquanto **somente se** é um conector restritivo que remete aos casos em que a relação entre as orações é mais estreita, isto é, interdependentes, podendo assim instaurar a bicondicionalidade e o mesmo ocorre com construções com **exceto se** e **só se**.

Oliveira e Hirata-Vale (2011) ao estudarem as construções correlativas hipotéticas constataram que a presença do conector **se** na oração condicional e do **então** na oração

secundária atuam para estabelecer uma sequencialidade dos eventos e que a presença dos termos **se** e **então** é responsável por marcar correlativamente as orações, fazendo com que as duas orações sejam vistas como um única expressão linguística correlativa que são logicamente e sintaticamente complementares e não podem ocorrerem sozinhas, isto é, elas são mutuamente dependentes, o que remete a implicatura bicondicional das construções com **se** e **então**.

As construções com a combinação “**se – então**” são vistas como bicondicional, pois o termo **então** na oração secundária é capaz de retomar anaforicamente o conteúdo da oração condicional e ele também estabelece uma relação sequencial entre as orações, dando assim, a noção de interdependência entre as orações.

Oliveira e Hirata-Vale (2011) ainda destacaram o fato de que “no caso da condicional iniciada por **somente se**, o próprio uso do advérbio **somente** serve para licenciar o significado bicondicional”, visto que a implicatura mutual entre as orações é atribuído ao valor restritivo do termo **somente**, isto é, o termo **somente** restringe uma única situação possível em que a informação da oração secundária pode ser considerada e, dessa forma, representam casos em que as orações se implicam mutuamente e são interdependentes, e é o mesmo tipo de condicionalidade visto em construções com **exceto se** e **só se**.

Dito isso, para entender os advérbios do subesquema [ADV de exclusão + se], foi necessário retomar Souza (2004) que analisa formas adverbiais que desempenham foco no português do Brasil e dentre os termos analisados há um grupo de especial interesse para esta dissertação, que é o grupo de advérbios com valor semântico restritivo, uma vez que eles formam também conectores condicionais complexos (CCC). Conforme Souza (2004), os advérbios **só**, **apenas**, **somente** e **exclusivamente** são advérbios focalizadores restritivos, pois “desempenham a função de restringir, entre um número de informações possíveis, a informação que o falante considera mais relevante para ser adicionada à informação pragmática de seu interlocutor”.

- 1) L2 você...chegou a trabalhar e depois deixar de trabalhar por causa de::
L1 eu trabalhei **só** no início de casada.
- 2) O João **só** foi à praia.

Acima, em (1) o advérbio **só** tem função de restringir a ação do verbo “trabalhar” eliminando a possibilidade de qualquer outra interpretação, pois ele modifica a situação expressa pelo verbo. O mesmo ocorre em (2), pois **só** atua como advérbio para especificar o que João fez, que foi ir à praia e nenhuma outra coisa. Nota-se que nos exemplos (01) e (02) de Souza (2004) as situações são dadas como verdadeiras e realizadas e que em ambos os casos é o advérbio focalizador restritivo que é responsável por especificar as informações relevantes ao interlocutor.

Diferentemente dos casos acima, em (3) o termo **só** não especifica ou modifica a ação expressa pelo verbo, mas une-se ao conector **se** e forma um conector condicional restritivo responsável por introduzir uma oração condicional que contém a única informação que deve ser considerada como hipotética e não real, na qual o conteúdo da oração núcleo se torna possível e, portanto, ou ambas as orações dever ser consideradas como falsas ou ambas como verdadeiras, o que remete a implicação mútua entre elas. Em outras palavras, o valor semântico do conector implica uma leitura condicional restritiva na relação hipotética entre duas orações, a prótase e a apódose.

- 3) Disse que não poderia ir sozinha, **só se** o marido fosse junto e ele tinha jogo de futebol para ver na televisão.

(Corpus do Português: http://www.bestiario.com.br/25_arquivos/olga.html)

No português do Brasil, no inventário de conectores condicionais, estão disponíveis formas simples e formas complexas. As formas simples podem ser ilustradas através dos conectores **se** e **caso**, enquanto o grupo dos conectores complexos tem se mostrado mais diverso nos estudos de condicionalidade, abrigando conectores de diversas bases categoriais como **contanto que, desde que, dado que, a menos que, supondo que, a não ser que, salvo se, exceto se, somente se, só se**, entre outros (OLIVEIRA, 2019).

A lista de Oliveira (2019) contempla o conector condicional **exceto se** que é formado por um advérbio, mas que não se encontra na lista de advérbios focalizadores de Souza (2004) e tal fato levou à hipótese de que não é por conta da função focalizadora que alguns advérbios se unem ao conector **se** para formar conectores condicionais complexos, mas que o valor semântico do advérbio é que contribui para a formação de

um conector condicional complexo de valor restritivo que em alguns casos é capaz de instaurar a bicondicionalidade.

Por conta disso, inicialmente, a pesquisa do subesquema [ADV de exclusão + se] seria apenas dos conectores **somente se** e **só se**, devida a semelhança funcional e semântica entre eles, isto é, ambos são originados de advérbios focalizadores com valor semântico de restrição e que se unem ao conector condicional **se** para formar um conector condicional complexo restritivo positivo, mas foi adicionado o conector **exceto se**¹, que possui valor semântico de exclusão, a fim de elucidar que o subesquema da presente pesquisa é também capaz de instanciar conectores condicionais complexos restritivos negativos.

Dito isso, as análises realizadas corroboram a ideia de que a condicionalidade deve ser vista como uma categoria conceitual que deve ser analisada levando em conta todos os termos que compõem as construções condicionais. Nesse sentido, os conectores instanciados pelo subesquema [ADV de exclusão + se] são capazes de manifestar diferentes valores semânticos, podendo ser restritivos ou positivos e, além disso, as construções com os conectores do subesquema analisado são capazes de instaurar um tipo de condicionalidade diferente da condicionalidade canônica manifestada por **se**, que se situa mais próxima do sentido condicional visto em construções bicondicionais.

Este trabalho se pauta na noção de que as condicionais encabeçadas pelos conectores desta pesquisa possuem aspectos semântico-pragmáticos e morfossintáticos específicos e são utilizados Dancygier (1998) e Traugott e Trousdale (2021) como aporte teórico para analisar as ocorrências encabeçadas por **somente se**, **só se** e **exceto se**, a fim de verificar as semelhanças e diferenças entre eles.

Para examinar a condicionalidade das construções com os conectores desta pesquisa, é indispensável verificar como eles se relacionam com os demais termos das orações, uma vez que alguns traços da condicionalidade são interpretados com base em outros termos das orações, e não no conector (DANCYGIER, 1998). Nesse tocante, a moldura mais básica condicional “**se p q**” serve como padrão para que outros conectores

¹ **Exceto se** foi selecionado para que fosse possível comprovar que o subesquema [ADV de exclusão + se] pode tanto instanciar conectores restritivos positivos quanto conectores restritivos negativos. Para esta dissertação não foram selecionados os conectores **apenas se**, **salvo se** e **exclusivamente se** pela baixa quantidade de amostras no *corpus*, mas isso não descarta a hipótese de que esses termos são instanciados pelo subesquema da rede de conectores condicionais [ADV de exclusão + se], devido a semelhança semântica e funcional entre eles.

sejam atestados e interpretados, portanto, ao tomar esse objeto como estudo, é especialmente necessário também analisar como os contextos em que o subesquema [ADV de exclusão + se] contribuem para que o sentido restritivo dos conectores seja instaurado, bem como observar a implicatura bicondicional entre as orações.

Nesse sentido, pretende-se mostrar como o sentido restritivo se constrói em orações hipotáticas adverbiais com os conectores instanciados pelo subesquema [ADV de exclusão + se], entendendo que “se uma construção é sintaticamente distinta de outra(s), também deve ser semântica ou pragmaticamente distinta” (GOLDBERG, 1995).

A respeito da organização da dissertação, ela está dividida em cinco seções: (ii) pressupostos teóricos; (iii) categoria condicional; (iv) metodologia; (v) análise do subesquema [ADV de exclusão + se]. A segunda parte contém reflexões teóricas acerca dos postulados funcionalistas e dos modelos baseados no uso, juntamente com reflexões acerca de alguns princípios cognitivos necessários para o entendimento desta dissertação. No terceiro capítulo, também de cunho teórico, há as principais reflexões sobre a condicionalidade no português do Brasil. Especificamente, essa seção traz considerações a respeito dos tipos de conectores que são considerados como condicionais e os parâmetros que possibilitam a interpretação condicional. Na quarta seção, é apresentada a metodologia do trabalho, ou seja, onde e como os dados foram recortados do corpus, quais parâmetros foram considerados durante a seleção das ocorrências e quais parâmetros de análise foram selecionados para a interpretação dos traços que definem uma construção (produtividade, esquematicidade e composicionalidade). A quinta seção abarca os resultados obtidos através da análise das ocorrências, ou seja, como o sentido condicional se revela em ocorrências com conectores do subesquema [ADV de exclusão + se]. Por fim, nas conclusões são apresentados, resumidamente, os principais pontos discutidos na dissertação e os principais resultados obtidos através da análise.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A presente seção apresenta o aporte teórico utilizado para o desenvolvimento desta dissertação, na qual brevemente há uma exposição a respeito da visão de linguagem para os Modelos Baseados no Uso (MBU), que é a vertente na qual este trabalho se apoia. Este trabalho se pauta numa teoria que traz uma união entre os componentes linguísticos com aspectos cognitivos, pois se acredita que através da união é possível compreender como aspectos cognitivos contribuem com a estrutura linguística.

Portanto, considera-se que o uso linguístico ocorre a partir das experiências humanas em que a linguagem se faz necessária e por isso a habilidade linguística deve ser vista tal como outros processos cognitivos mais gerais também presentes em outras áreas, como as habilidades musicais, as habilidades físico-motoras, entre outras.

Dito isso, nesta seção há uma breve exposição a respeito das principais contribuições do Funcionalismo para o surgimento dos Modelos Baseados no Uso, em seguida são expostas as principais contribuições e definições da gramática de construções de Traugott e Trousdale (2021) e, por fim, são expostos alguns dos postulados de Bybee (2016) que serão essenciais para o entendimento das seções seguintes.

2.1 A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

2.1.1 Surgimento dos Modelos Baseados no Uso (MBU)

Conforme Rosário e Oliveira (2016), nos últimos anos, as pesquisas funcionalistas têm recorrido aos postulados cognitivistas para incorporar às análises linguísticas funcionalistas, uma vez que essa união tem se demonstrado bastante promissora para os estudos linguísticos. Por um lado, entre os autores ligados ao funcionalismo norte-americano mais clássico, é possível mencionar os autores Hopper, Givón, Heine, Traugott, entre outros e no outro lado temos os autores cognitivistas como Goldberg, Bybee, Croft, Fillmore, Langacker e outros.

Para os pesquisadores de Linguística Cognitiva, as construções das línguas são como esquemas cognitivos formados a partir das situações comunicativas entre os falantes, assim como entendem que a capacidade de categorizar os termos nas línguas

advém do conhecimento de mundo, o que também pode ser visto em Bybee (2016), pois ela assume que a estrutura linguística é derivada de processos cognitivos gerais. Neste viés, os usos que os falantes fazem das línguas são entendidos como produto das experiências vividas pelos mesmos e por isso as línguas apresentam certas regularidades e padrões, mas também está sujeita a variações em todos os níveis.

É importante salientar que algumas semelhanças entre os modelos funcionalistas e cognitivistas já podiam ser resgatadas em estudos linguísticos, tal como em Furtado da Cunha *et al* (2013) que postularam:

(...) rejeição à autonomia da sintaxe, incorporação da semântica e da pragmática às análises (...), a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação, o entendimento de que os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013, p. 14)

Assentado nas considerações acima, é possível dizer que a gramática é uma representação cognitiva da experiência dos falantes com a língua e que o uso que os falantes fazem da língua pode afetar toda a estrutura gramatical linguística. Ainda nesse viés, as regras linguísticas são vistas da mesma forma que as regras da cognição humana, como é o caso de categorização conceptual e a categorização linguística que ocorrem da mesma forma. O uso linguístico é o responsável pela manutenção de uma língua, bem como é responsável pelas atualizações nela, mas é importante lembrar que são os falantes os responsáveis pela rotinização e convencionalização de todo uso linguístico a fim de estabelecerem relações interacionais.

2.1.2 Unidade de análise

Para estudar a condicionalidade como categoria conceitual é bastante importante que se considere o contexto linguístico em que os conectores condicionais estão sendo utilizados, sendo assim, é imprescindível se pautar nos Modelos Baseados no Uso para realizar um estudo abrangente sobre a condicionalidade em português. Oliveira (2013) destaca que a união dos modelos funcionalistas e cognitivistas, que ficou conhecido como “Modelos Baseados no Uso, doravante MBU, “tende a conferir maior rigor analítico às pesquisas desenvolvidas nessa vertente”, uma vez que essas vertentes analisam a línguas com base nos pareamentos de forma e significado, as construções.

Diferentemente dos estudos funcionalistas que se centravam em unidades

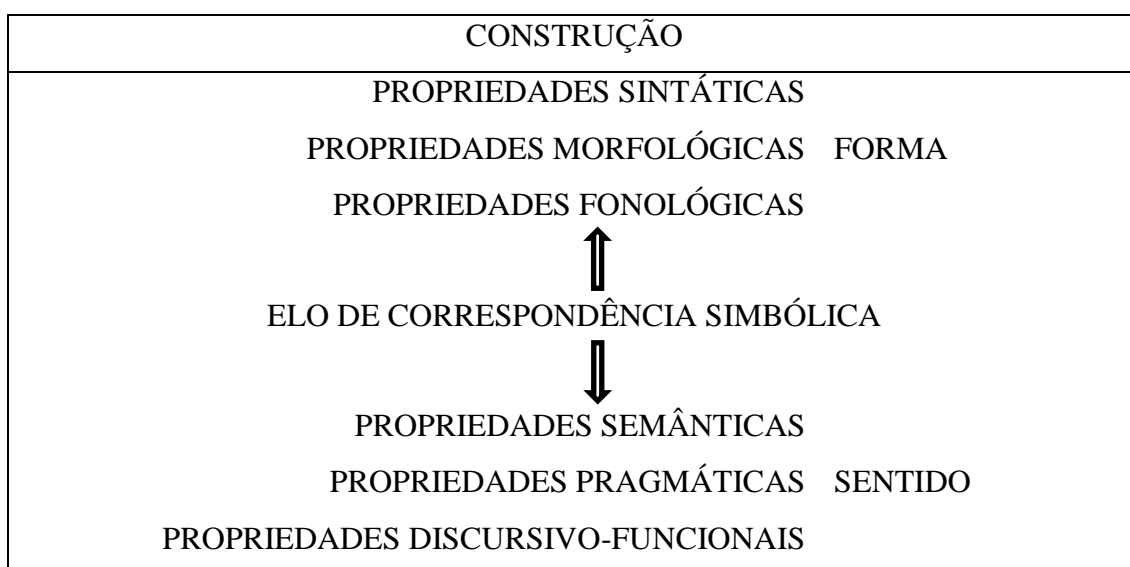
linguísticas, os estudos que tomam a língua pelo viés construcional são mais abrangentes e selecionam toda a construção como objeto de análise, pois os estudiosos dos MBUs não acreditam na autonomia do léxico e gramática. Assim, nesse viés teórico se acredita que os termos que compõem as línguas, sejam lexicais ou gramaticais, situam num *continuum* de construções, independentemente de seus níveis de complexidades, isto é, todos os pareamentos de forma e significado, os simples e complexos, são todos considerados como construções pertencentes ao *continuum* (GOLDBERG, 1995).

Assim, é necessário observar a definição de construção na literatura linguística, pois é o ponto central de muitas pesquisas construcionalistas. Goldberg (1995) entende uma construção como um pareamento convencionalizado de forma e sentido que deve ser considerada como a unidade básica de análise e que o conjunto de construções linguísticas formam as línguas. Resumidamente, Golberg (1995) define que “C é uma construção se C é um pareamento forma/sentido”.

Bybee (2016) concebe que as formas que compõem as construções podem ter posições fixas ou abertas, isto é, as construções com posições fixas não podem sofrer alteração em sua forma, enquanto as construções abertas podem sofrer alterações em sua forma, incluindo alterações em *slots* da construção.

A definição de construção como uma correlação simbólica entre dois eixos, forma e sentido, pode ser compreendida através do quadro de Croft (2001):

Quadro 1: Modelo de estrutura simbólica das construções.



Fonte: Croft, 2001.

A construção, de acordo com Traugott e Trousdale (2021), ainda pode ser vista de acordo com sua dimensão percebida em três dimensões mais amplas e gradientes: tamanho, especificidade fonológica e conceptualização, exemplificada no quadro abaixo:

Quadro 2: Dimensões das construções

Tamanho	Atômicas <i>red (vermelho), -s</i>	Complexas <i>pull strings (mexer os pauzinhos), on top of (no topo de)</i>	Intermediárias <i>Bonfire (fogueira)</i>
Especificidade fonológica	Substantivas <i>Dropout (desistência), -dom</i>	Esquemáticas <i>N (substantivo), SAI (inversão auxiliar de assunto)</i>	Intermediárias <i>Adj -mente</i>
Conceptualização	Lexicais <i>red (vermelho), N (substantivo)</i>	Procedurais <i>-s, SAI ((inversão auxiliar de assunto)</i>	Intermediárias <i>way-construction</i>

Fonte: Adaptado de Traugott e Trousdale (2021).

Conforme o quadro acima de Traugott e Trousdale (2021), as construções podem variar em tamanho, especificidade fonológica e conceptualização. Assim, a respeito do tamanho, pode haver estruturas atômicas, como o indicador de plural *-s*, complexas, como a expressão *pull strings* (mexer os pauzinhos), bem como as de tamanho intermediário, como *bonfire* (fogueira), pois é possível perceber o significado de *fire* (fogo), mas não o significado de *bon*, demonstrando assim que essa construção é parcialmente analisável e, portanto, intermediária.

A respeito da especificidade fonológica, elas podem ser substantivas, como termos lexicais, esquemáticas, como SV e SPrep e ainda há as intermediárias, como Adj-mente capaz de instanciar construções como “legalmente”, “rapidamente”, “corriqueiramente” etc.

A terceira dimensão da construção, a conceptualização refere-se ao tipo de sentido veiculado pela construção, dividindo-as em construções lexicais dotadas de sentido,

quando envolvem nomes, como “árvore”, “casa”, “Ricardo”, entre outros e, por outra via, a conceptualização também engloba construções procedurais, quando envolvem construções gramaticais com significado mais abstrato, como a desinência de plural “-s” ou conectores que não possuem sentido no mundo físico. Por fim, ainda há construções intermediárias nas quais se encontram os sentidos de modalidade e evidencialidade que são conceitos que podem ser vistos tanto através de formas lexicais quanto gramaticais.

Dessa forma, a dimensão da construção é disposta em um *cline* direcional (e não unidirecional, como nos estudos de gramaticalização e/ou de lexicalização) entre o léxico e gramática, no qual é assumido que todas as construções linguísticas compartilham traços.

2.1.3 Propriedades das construções: esquematicidade, produtividade e composicionalidade

Ao assumir a noção da construção como a unidade básica de análise da língua é necessário levar em consideração que essas construções possuem propriedades que são necessárias para sua caracterização, são elas:

(1) esquematicidade que está relacionada ao grau de abstratização dos padrões linguísticos, que são caracterizados hierarquicamente entre esquemas que vão de mais gerais e abstratos aos menos gerais e menos abstratos;

(2) produtividade que, conforme Traugott e Trousdale (2021), está relacionada ao quanto um determinado esquema pode ser medido por meio de sua extensibilidade, isto é, ao quanto um esquema pode sancionar construções menos esquemáticas e, também, ao grau em que os esquemas são restringidos. Além disso, a produtividade pode ser explicada através dos termos de Bybee (2016) que define a frequência através de duas distinções, a frequência de tipo, que se refere aos diferentes tipos de padrões de uma construção, e a frequência de ocorrências, que se refere ao número de vezes que uma determinada construção é usada;

(3) composicionalidade que remete ao quanto as partes de uma construção contribui para o significado do todo. Conforme Traugott e Trousdale (2021), há dois tipos de composicionalidade, a composicionalidade semântica, mais relacionada ao significado das partes, e a composicionalidade sintática, mais relacionada ao nível de integração das

partes que compõem as construções.

Esquematicidade, conforme os autores propõem, é vista como uma generalização taxonômica que remete aos padrões convencionalizados linguisticamente através da experiência de seus falantes, uma vez que eles inconscientemente armazenam esses padrões e os codificam por meio da língua no momento da interação (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2021).

A esquematicidade está relacionada com os níveis de estruturação dos diferentes graus de abstratização e generalização das construções. Portanto, padrões mais abstratos e mais gerais compõem o nível mais alto e são chamados de esquemas, os padrões intermediários são os subesquemas, e os padrões com baixo nível de abstratização e de generalização compõem o nível mais baixo, o nível das microconstruções. Assim, no nível do esquema existem padrões, como [SVO], que podem abrigar diferentes termos para o preenchimento dos slots, já no nível do subesquema é possível encontrar outros padrões menos esquemáticos, como o padrão [Xmente] em que apenas parte dessa construção pode ser preenchida e, por fim, existem as construções menos abstratas, como as expressões idiomáticas.

Logo, assim como no mundo biossocial, as experiências são diversas e podem ser mais complexas ou mais simples, e, portanto, as construções podem ser alocadas em um *continuum* esquemático que vai das construções altamente esquemáticas (altamente abstratas) > construções medianamente esquemáticas (menos abstratas) > construções pouco esquemáticas (pouco abstratas).

Rosário e Oliveira (2016) apontam alguns exemplos no português que denotam essa noção gradual que está relacionada diretamente com os níveis de especificidades das construções. Observe o excerto extraído dos autores:

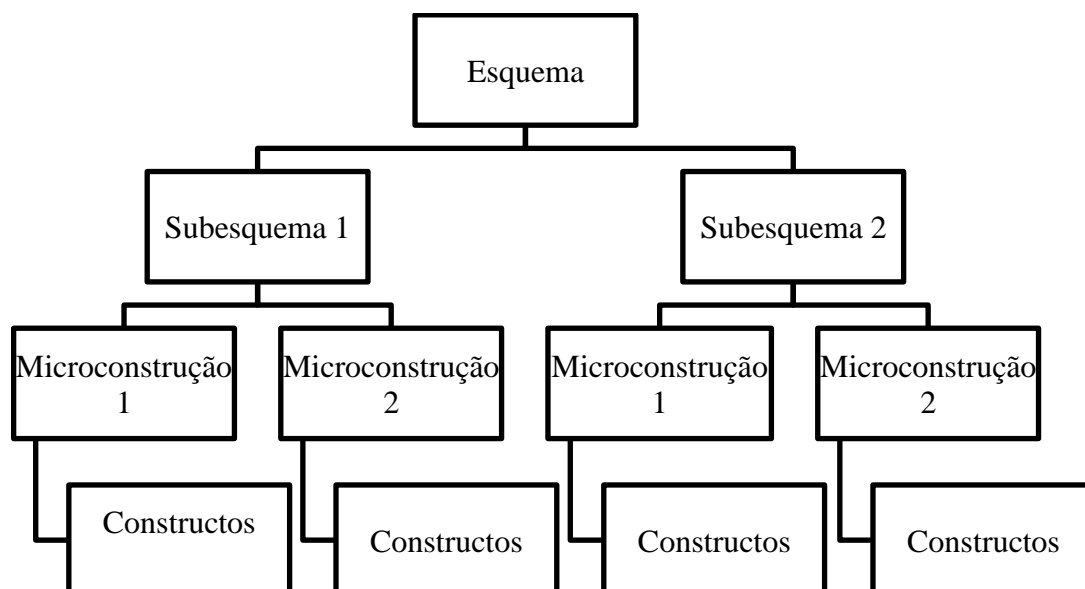
Por exemplo, a palavra mosquito é um item mais específico, e, portanto menos geral do que inseto. Animal, por sua vez, é mais geral e menos específico do que inseto. No plano das relações gramaticais, verbos intransitivos são mais específicos do que a grande categoria dos verbos. Os adjetivos são mais específicos e menos gerais do que os nomes.

Traugott e Trousdale (2021) retomam Goldberg (2006) para afirmar que os falantes reconhecem essa noção esquemática e seus níveis de generalização e que isso faz parte das nossas capacidades cognitivas que se revelam através do uso linguístico. Esquematicidade são padrões rotinizados, como o esquema SVO (sujeito, verbo e objeto), em português, no qual o falante pode abarcar diversas frases respeitando o esquema, e/ou

sancionar novos esquemas (menos abstratos) a partir desse esquema mais geral, sancionando assim os subesquemas que por sua vez sancionam esquemas menos abstratos, as microconstruções, capazes de instanciar os constructos. Veja abaixo a definição de Zhan e Traugott (2015) para os níveis de esquematicidade de uma construção e em seguida a representação de Traugott e Trousdale (2021) para os níveis das construções:

- a. Esquemas: construções abstratas que são generalizações taxonômicas sobre diversas construções mais particulares.
- b. Subesquemas: subgrupos de esquemas, menos abstratos, mas ainda assim construções esquemáticas.
- c. Microconstruções: construções do tipo individual. Membros de um subesquema pequeno.
- d. Constructos: Instâncias de microconstruções, *tokens* de uso real.

Diagrama 1: Hierarquia das construções



Fonte: Adaptado de Traugott e Trousdale (2021).

Bueno (2015), pelo viés da gramaticalização, buscou compreender o conector condicional complexo **supondo que** na língua portuguesa e tais postulados foram ampliados por Clemente (2021) que estudou especificamente o subesquema [V que] na rede dos conectores condicionais e constatou que esse conector também atraiu novos

conectores para a categoria condicional, como **dado que** e **posto que** provocando, assim, uma expansão na rede dos conectores condicionais.

Tendo isso em mente, uma descrição em esquemas de uma certa categoria pode nos revelar como novos conectores foram atraídos para aquela categoria e quais processos linguísticos e cognitivos contribuíram para as mudanças nas categorias. Portanto, esta dissertação se apoia na noção de esquemas proposta por Traugott e Trousdale (2021) a fim de expandir as descrições dos subesquemas que compõem a categoria dos conectores condicionais.

A produtividade, por sua vez, está relacionada ao quanto um esquema sanciona outras construções menos esquemáticas e ao quanto tais esquemas são restringidos (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2021). Bybee (2016) aborda dois tipos de frequência das construções, a frequência de tipo (originalmente *type frequency*) e a frequência de ocorrências (originalmente *token frequency*).

A primeira delas, frequência de tipo, se refere quantitativamente aos novos padrões que podem ser sancionados a partir de padrões existentes, medidos em tipos. É importante destacar que a criatividade dos falantes é essencial para o surgimento de novos tipos e por meio da regularização e convencionalização entre os falantes é que esses novos padrões podem se tornar produtivos na língua. Em outra via, o segundo conceito elencado por Bybee (2016), frequência de ocorrências significa o número de ocorrências empiricamente concretas, ou seja, ao número atestado de determinada construção.

Esta segunda noção, a frequência de ocorrências, tem sido bastante importante para a análise de como se convencionalizam os novos usos linguísticos através da repetição de uso, enquanto a frequência de tipo tem se mostrado mais eficiente em estudos que analisam propriedades semânticas, como são os casos dos trabalhos que analisam a diferença entre determinados tipos de construções pertencentes a uma mesma rede construcional.

Os estudos de Clemente (2021) demonstram que em termos de produtividade o subesquema [V que] da rede dos conectores condicionais é produtivo em termos de *types*, uma vez que ele é capaz de instanciar um número relativamente alto na rede hierárquica dos conectores condicionais, como os conectores **dado que**, **considerando que**, **supondo que** e **posto que**, entretanto esse mesmo subesquema revela ter baixa produtividade de tokens uma vez que seu uso é bem baixo em comparação com outros conectores da mesma

categoria.

Outro exemplo é o conector **caso** na categoria condicional que é bastante produtivo em termos de ocorrências de uso e por isso é considerado um termo páreo do conector condicional prototípico, o **se**, devido ao grande número de ocorrências com ambos os conectores. Apesar disso, o conector **caso** não é uma construção produtiva na rede dos conectores condicionais, em termos de *types*, uma vez que não há uma grande diversidade de construções mais abstratas instanciadas por ele. Oliveira (2019) corrobora esse fato e descreve que o subesquema [V que] é capaz de instanciar **dado que, visto que, posto que, supondo que, considerando que**, enquanto o termo **caso** atrai um número menor de construções, como **no caso de**, do subesquema [PREP N PREP], e **no caso se**, do subesquema [PREP N se].

É importante ressaltar que ambos os meios de se analisar a produtividade são importantes para os estudos linguísticos e que, embora os tipos de frequência elencados por Bybee (2016) são distintos e podem ser analisados de maneira separada, eles se relacionam e podem influenciar-se mutuamente, o que corrobora a ideia de que uma descrição mais completa deve levar em consideração que ambas as formas de se analisar a frequência são relevantes para uma descrição linguística construcional.

A composicionalidade, uma terceira propriedade que deve ser considerada na análise e descrição de uma construção, diz respeito ao grau de transparência entre forma e sentido da construção, isto é, ao quanto o significado da construção é resultante da soma das partes.

Na obra de Traugott e Trousdale (2021), os autores postulam que há dois tipos de composicionalidade, a composicionalidade semântica e a composicionalidade sintática. A definição do primeiro tipo está vinculada ao quanto a soma do significado das partes contribui para o significado do todo, ou seja, uma construção é mais composicional quando o significado de suas partes pode ser recuperado na construção, mas ela é menos composicional semanticamente quando o significado das partes já não é transparente na construção e assim o significado da construção é atribuído a soma do todo e, portanto são classificadas como menos composicional. Por outro lado, a composicionalidade sintática é a característica que se refere ao nível de integração morfossintática de uma construção e então uma construção é vista sintaticamente como mais composicional quando a combinação das partes que compõem a construção interfere no sentido da construção,

como é o caso da combinação de termos como “João”, “ama” e “Maria” que podem se combinar de duas maneiras distintas “João ama Maria” e “Maria ama João”, mas que não pode formar “ama Maria João”, visto que seria agramatical em português.

Para fins de exemplificação, o conectivo “embora” é visto como menos composicional, tanto semanticamente quanto sintaticamente, uma vez que o sentido de “em boa hora” que originou esse conector já não é mais possível ser percebido, bem como sintaticamente há uma total integração entre os termos que originou o conector. O mesmo ocorre com o caso do pronome “você” que semanticamente perdeu o sentido original de “vossa mercê”, isto é, não é possível mais recuperar o significado de “vossa” e “mercê” que eram utilizados com pessoas da realeza.

De maneira geral, o que se tem observado nos estudos que assumem o viés construcional de gramática é que as mudanças linguísticas estão mais relacionadas com a redução de composicionalidade, pois fica evidente que há perdas das características das partes que compõem as construções e que, em alguns casos, é impossível recuperar o significado das partes. Em outros casos, acredita-se que uma construção pode apresentar resultados diferentes na composicionalidade sintática e semântica, como é o caso da presente pesquisa, uma vez que os conectores condicionais do subsquema [ADV de exclusão + se] são formados com advérbios com sentido de restrição e que esse sentido se mantém ao formarem conectores condicionais complexos, sinalizando assim que são semanticamente composicionais, mas o grau de integração dos termos denota que os conectores não são sintaticamente composicionais, uma vez que as subpartes perderam propriedades de sua categoria de origem, como é o caso da possibilidade de mudança de posição do advérbio na oração que se perde ao se formar um conector complexo.

2.1.4 Processos cognitivos de domínios gerais envolvidos na linguagem

A cognição passou a ser paulatinamente estudada entre os linguistas funcionalistas e atualmente está intrinsecamente ligada aos estudos que tomam o viés da organização linguística pela gramática construcional. Os pesquisadores construcionais assumem que a organização da gramática resulta da experiência dos usuários e que a gramática é organizada à medida que os falantes fazem uso da língua em situações reais de interação. Nesse pressuposto se assenta a noção de que as línguas são dinâmicas, pois se adaptam

conforme às necessidades comunicativas dos falantes.

Bybee (2016) afirma que as estruturas linguísticas são originadas da mesma forma que processos cognitivos de domínios gerais, ou seja, as estruturas linguísticas e os fenômenos linguísticos ocorrem da mesma forma que as atividades cognitivas, pois essas atividades são interdependentes. A experiência do falante com o mundo real é o que mantém a língua em funcionamento, pois, através da experiência, é que se inova o uso linguístico para então rotinizar e regularizar esses novos padrões de uso.

Bybee (2016) postula cinco processos cognitivos de domínio geral que valem ser mencionados e que são importantes para a compreensão da descrição do objeto desta pesquisa, exposta na seção de análise desta dissertação. Os cinco processos cognitivos são:

(i) categorização: categorização diz respeito à estocagem de itens semelhantes em conjunto na memória dos indivíduos, isto é, ao notar o surgimento de um novo item linguístico o falante observa as características e funcionamento dele para o classificar em determinada categoria. Ademais, a categorização é um processo de domínio geral que também pode ocorrer nas línguas, da mesma forma que nas demais categorias perceptuais, o que significa dizer que independentemente das línguas os seres humanos criam diversas categorias no mundo biossocial, como é o exemplo da categorização de objetos, animais, etc. Assim, ao descobrir um animal na natureza, ele pode ser classificado como uma ave se ele tiver asas, ou se ele voar, ou se ele tiver penas, ou se tiver bico, entre outras características das aves, pois essas são algumas características que define o grupo de aves e que elimina a possibilidade desse novo animal fazer parte de algum outro grupo, como os equinos, pois equinos são definidos por outras características. Portanto, categorização refere-se à capacidade de classificar itens em conjunto de acordo com suas características;

(ii) *chunking* (traduzido como “agrupamento” em Bybee (2016)): refere-se ao processo pelo qual duas unidades linguísticas são utilizadas juntas com frequência até que se fundem em uma única unidade complexa que passa a ser estocada cognitivamente como uma só. O *chunking* como processo de domínio geral pode ser percebido através da maneira em que os seres operacionalizam e aprimoram tarefas cognitivas e motoras através da execução repetitiva na prática. A fim de exemplificação, ações em esportes são vistas como representações de movimentos em *chunks*, como em um jogo de vôlei no momento de saque, pois o jogador precisa pegar uma bola, se deslocar para o final da

quadra, analisar e criar uma estratégia de saque para aquele determinado momento do jogo, analisar a força com que precisa sacar e, por fim, executar o saque, entretanto todas essas ações são agrupadas cognitivamente como uma única ação dentro do jogo que é o saque. O mesmo ocorre nas línguas, por exemplo, ao memorizar um número de telefone, em que há uma combinação de oito números, ou mais, memoriza-se uma sequência de oito números, como 8-7-6-5-4-3-2-1, ou podemos agrupá-los em *chunks* para fácil memorização, isto é, podemos memorizar quatro pares de números 87-65-43-21.

(iii) memória enriquecida: processo cognitivo de domínio geral responsável pelo armazenamento linguístico juntamente com as informações a respeito da experiência com a língua no mundo real no contexto sociocomunicativo. Portanto, memória enriquecida armazena o conhecimento linguístico juntamente com o conhecimento não-linguístico, incluindo detalhes fonéticos, contextos de usos, inferências e diversas outras operações que ocorrem no momento de interação;

(iv) analogia: se refere a capacidade de os falantes formarem novos enunciados com base em experiências previamente estocadas na cognição. Em resumo, analogia é, tanto na língua quanto em outras situações, a capacidade de criar novas formas por meio da análise de semelhanças com itens existentes que são analogamente categorizados, ou seja, ao observar o surgimento de uma nova unidade linguística, ela será comparada com as existentes para então ser classificada. Bybee (2016) postula que as construções se desenvolvem a partir do uso linguístico e com isso novos pareamentos de forma e sentido são criados e convencionalizados entre os falantes, mas que essas criações não são aleatoriamente estocadas em categorias, mas sim são analogicamente analisadas com os itens com funções semelhantes. Nesse sentido, ao surgir um novo conector na língua, então ele será analisado analogicamente com os termos prototípicos das categorias, a fim de mapear suas semelhanças e diferenças para que se possa determinar qual categoria ele irá ocupar;

(v) associação transmodal: este processo cognitivo de domínio geral diz respeito a capacidade de unir forma e função em pareamentos na qual “experiências coocorrentes tendem a ser cognitivamente associadas” (BYBEE, 2016). É possível estabelecer um elo entre forma e função das unidades linguísticas, através da associação transmodal, pois essa capacidade cognitiva é o que possibilita o entendimento de que determinada forma corresponde à determinada função linguística. Como exemplo, em uma determinada sala

em que alguém chame pelo nome “Roberta” e um outro alguém levante a mão, ou responda, haverá então uma relação, um elo, entre um nome e uma pessoa específica, mas se ninguém responder ao chamado, então não haverá correspondência entre o nome e uma pessoa e o mesmo ocorre nas línguas, todas as formas são capazes de estabelecer correspondências de forma e função.

Assim, fica claro a importância de se analisar as línguas fazendo uso de um arcabouço teórico que esteja pautado em postulados cognitivos, pois do mesmo modo que os processos cognitivos atuam em diversas situações atividades no dia a dia da vida humana, os mesmos processos cognitivos também estão presentes nas línguas, como é o caso da formação de *chunking* que pode explicar como houve a junção de um advérbio de exclusão com um conector condicional para formar um conector condicional complexo restritivo.

3. A CATEGORIA CONDICIONAL

Esta seção tem como objetivo apresentar questões essenciais para a compreensão da condicionalidade como categoria no português brasileiro, bem como apresentar questões mais específicas dos conectores dessa categoria. É importante ressaltar que o empenho atual dos pesquisadores em analisar essa categoria e os conectores que dela fazem parte fez com que as pesquisas se expandissem para além dos conectores prototípicos, dando foco também na análise e descrição dos conectores periféricos. Tais feitos culminaram em grandes contribuições para a caracterização da condicionalidade em português. Além disso, as teorias linguísticas mais recentes, como as teorias baseadas no uso, apresentam novos caminhos de se analisar como a categoria condicional se organiza e de que modo os itens dessa categoria são formados.

A condicionalidade pode ser vista através de orações introduzidas por conectores condicionais (simples e complexos), bem como por meio de outras formas capazes de expressar condicionalidade sem um conector que marque essa relação, conforme aponta o quadro 4 “Molduras sintáticas das orações condicionais”, na subseção 3.1 deste trabalho.

O conector **se**, herdado do latim *sí*, é o conector prototípico para marcar o significado de condição no português brasileiro, isto é, ele é o conector que manifesta o maior número de traços da categoria condicional, conforme os parâmetros definidores dessa categoria expostos em Dancygier (1998).

Com base nas características do conector **se** é possível analisar outros conectores a fim de mapear as semelhanças e diferenças entre eles e, assim, analogicamente categorizá-los na categoria condicional, ou em outras categorias, como tempo, causa, ou outras, entretanto, vale lembrar, que algumas categorias possuem características similares e por isso alguns conectores podem ser multifuncionais e atuar em mais de uma mesma categoria.

Tendo como foco os casos em que há conectores condicionais, Meillet (1948) já havia notado a existência de outros conectores nas línguas capazes de estabelecer relações, seja de causa, tempo, condição, entre outras e em seu estudo ele analisou a capacidade de formação de novos conectores, os complexos, através da junção de um ou mais itens linguísticos.

Meillet (1948) observou que o surgimento de novas formas para desempenhar novas funções era pautada no uso do repertório linguístico, em que os falantes atribuíam novas funções aos itens linguísticos de diferentes categorias e os utilizavam como uma única unidade linguística para expressar um único sentido e não mais os sentidos de origem. Ele argumenta que a necessidade de renovação da força expressiva de formas existentes leva ao acréscimo de uma palavra ou outro elemento a uma conjunção já existente, como é o caso do conector condicional simples **se** que manifesta um sentido condicional neutro, mas que ao se unir com **somente** forma um conector condicional complexo, o **somente se**, e passa a desempenhar função de conector condicional restritivo que é um tipo de condicionalidade diferente da que se observa em casos com o conector condicional simples **se**.

Nas pesquisas funcionalistas de gramaticalização, o interesse em se estudar as mudanças linguísticas se pauta na possibilidade de analisar quais funções gramaticais os itens lexicais ou gramaticais adquiriram no decorrer do tempo, tornando-os gramaticais e/ou mais gramaticais, para então classificar os termos analisados em categoriais, isto é, o foco dessas pesquisas é analisar unidades linguísticas a fim de descrever se houve mudança categorial e a trajetória de mudança.

Assim, a trajetória de formação de conectores condicionais complexos era analisada a fim de observar as mudanças que ocorreram ao longo do tempo, para descrever quais foram as propriedades linguísticas que os itens ganharam e quais propriedades perderam, para então estocar esses novos conectores em alguma categoria linguística que correspondesse com as funções desempenhadas por eles.

Em contrapartida das pesquisas de gramaticalização, os Modelos Baseados no Uso interpretam a união de itens independentes como um processo linguístico multidirecional em que os itens sofrem constantes mudanças de forma e/ou de significado, a depender da construção em que estão sendo utilizados e, então, não somente um único item dever ser analisado, mas todos os termos que compõem uma construção e a relação entre eles.

A condicionalidade é entendida como uma categoria conceitual bastante dinâmica que abrange construções diversas capazes de instaurar o valor condicional, e essas construções podem ser introduzidas por unidades linguísticas simples ou compostas de diferentes bases categoriais e isso dificulta a descrição dessa categoria, uma vez que cada construção pode manifestar diferentes traços de condicionalidade (DANCYGIER, 1998).

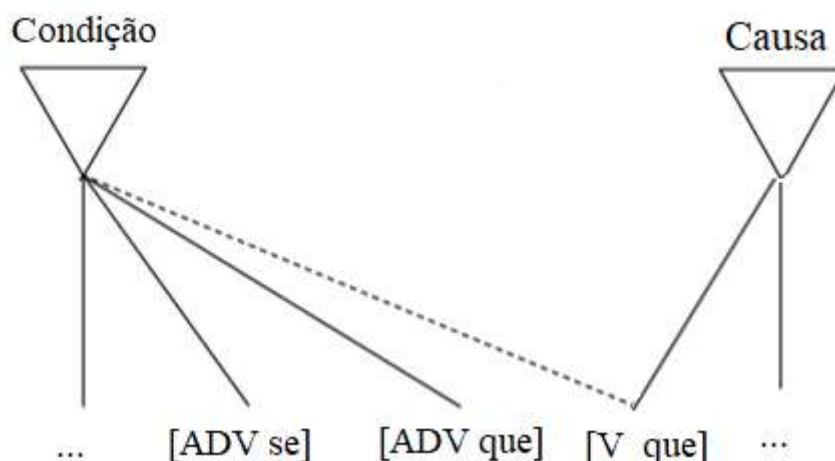
Nesse direcionamento, vale mencionar que diversos autores buscaram caracterizar e descrever aspectos dessa categoria, como Sweetser (1990), Dancygier (1998), Ferrari (1999, 2000, 2001) Neves (1999), Dancygier e Sweetser (2005), Oliveira (2014, 2017, 2019b), dentre outros.

Logo, uma descrição a respeito de algo da categoria condicional, por mais abrangente que se realize, dificilmente estará esgotada de análises, visto que a língua é viva e as unidades linguísticas estão em constante processos de mudanças de forma ou significado, podendo originar novas construções que podem se cristalizar nas gramáticas, assim como formas já existentes podem sofrer mudanças gramaticais, sem que o panorama categorial seja alterado.

Sendo assim, a justificativa dessa seleção teórica-metodológica se dá pela possibilidade de analisar as especificidades dos conectores condicionais, pois a língua, para a gramática de construções, está organizada por meio de redes linguísticas em que os itens se ligam aos demais itens da língua, por meio de elos. Por isso, na gramática de construções, os itens linguísticos de uma categoria são hierarquicamente classificados de acordo com seu nível abstratização em que os itens mais abstratos se conectam por meio de elos relacionais aos menos abstratos, o que implica no entendimento que uma mudança em algum item impacta em toda sua rede (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2021).

Clemente (2021) postula que o subesquema [V_que] é um subesquema pertencente a rede construcional causal, mas que, ao decorrer do tempo, esse mesmo subesquema passou a compor também a rede condicional e, portanto as construções “dado que”, “posto que”, “considerando que” e “supondo que” podem ocorrer nas duas redes construcionais e ligarem-se por meio de elos, denotando que parte das características dos conectores dessas categorias são similares, isto é, há características de forma ou significado que contribui com que os conectores instanciados por [V_que] possibilite que esse item seja multifuncional. A autora elabora uma figura que apresenta como o subesquema [V_que] está ligado nas duas redes.

Figura 1: Relação hierárquica entre esquemas e subesquemas



Fonte: Clemente (2021)

Baseada na vertente dos Modelos Baseados no Uso, a autora argumenta que, com a inserção do subesquema [V_que] na rede dos conectores condicionais, novos termos além dos atestados por ela, podem ser recrutados para esse subesquema e passar a compor a rede dos conectores condicionais.

Dadas as breves considerações acima, esta seção tem como objetivo descrever aspectos relevantes para o entendimento da categoria condicional e dos conectores que fazem parte dela, pois as reflexões expostas aqui são indispensáveis para a compreensão da seção de análise, visto que este trabalho toma como objeto de estudo o subesquema da categoria dos conectores condicionais [ADV DE EXCLUSÃO + SE] que é capaz de instanciar os conectores **exceto se, somente se e só se** de valor condicional.

3.1 A ORAÇÃO CONDICIONAL

A gramática de construções considera a construção, concebida como pareamento de forma e significado, como unidade básica de análise e, por sua vez, as construções estão hierarquicamente ligadas umas às outras em redes nas quais as construções podem compartilhar semelhanças entre si. Dito isso, uma rede construcional pode abrigar diversas construções que desempenham funções similares, tal como é visto na rede dos conectores condicionais, pois diversas formas podem acionar a condicionalidade.

A busca em classificar os itens linguísticos em categorias frequentemente é assunto entre os pesquisadores funcionalistas e essa tendência segue até os dias atuais,

pois há uma dificuldade em estabelecer limites rígidos entre os itens linguísticos, uma vez que as gramáticas das línguas são compostas por unidades multifuncionais que estão sempre sujeitas a renovações em suas propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas, pois a língua é dinâmica. A respeito disso, Neves (2012) retoma os postulados funcionalistas para mencionar que as categorias possuem fronteiras dificilmente descritas, pois a língua é viva e está em constante processos de mudanças e reorganizações, tal como as unidades das categorias linguísticas.

Nesse viés, alguns autores têm dedicado suas pesquisas em análises mais aprofundadas da condicionalidade, e/ou das orações condicionais, e/ou especificamente sobre alguns conectores, no português do Brasil, a fim de buscar explicações para os questionamentos que permeiam os estudos de acerca da categoria condicional. Dentre esses autores, se encontram Neves (1999), Oliveira (2008; 2010; 2014; 2019), Ferrari (1999; 2000; 2001) e Hirata-Vale (1999) que, além da semelhança de tema de pesquisa, esses autores têm em comum a aceitação dos modelos teóricos que consideram aspectos cognitivos como pontos centrais para a interpretação linguística. Entretanto, vale destacar que, embora os postulados da linguística cognitiva têm sido de grande interesse nos dias atuais, Ferrari (2000) já considerava que era importante analisar as unidades linguísticas em termos de construções, pois para ela:

Dentro da perspectiva cognitivista, não é possível tratar forma e significado separadamente, já que se postula a hipótese de que a gramática é essencialmente simbólica (Fillmore 1977, 1982, Langacker 1987, Lakoff 1987, e outros). Nos termos da Gramática das Construções (Fillmore 1988, Fillmore, Kay & O'Connor 1988, Fillmore & Kay 1994, Goldberg 1994), cada construção gramatical lexical ou sintática, possui uma interpretação semântica e/ou pragmática como parte de sua descrição. Considera-se, portanto, que aspectos da estrutura de uma dada sentença contribuem para a interpretação global da mesma.

Ferrari (2000) também considera que a condicionalidade expressa por meio da moldura sintática mais básica “se p, q” deve ser analisada de maneira combinada com os outros aspectos formais, observando também as formas verbais, os tipos de conectores envolvidos (e não só levar em consideração o protótipo **se**, mas também os periféricos) e os contextos.

Neves (1999) caracteriza a condicionalidade em português como enunciados que assumem as seguintes molduras:

Quadro 3: Molduras sintáticas das orações introduzidas pelo conector "se"

1	SE	ORAÇÃO CONDICIONAL Prótase (p)	ORAÇÃO PRINCIPAL Apódose (q)
2	ORAÇÃO PRINCIPAL Apódose (q)	SE	ORAÇÃO CONDICIONAL Prótase (p)

Fonte: Neves (1999). Adaptado pelo autor.

Entretanto, esses casos não engloba todas as variedades de formas capazes de desempenhar a condicionalidade, pois, conforme Ferrari (2000), há casos de orações condicionais sem a presença de conectores nas quais é possível observar nuances de condicionalidade, mas que são expressas através de outras formas, como é o caso das coordenadas imperativas. Para ilustrar esses casos, a autora apresenta um exemplo que reafirma a necessidade de a condicionalidade ser interpretada por meio de uma análise mais complexa que necessariamente precise recorrer a questões pragmáticas e cognitivas que contribuam para a interpretação de todas as formas. Veja o exemplo da autora:

- 4) Diga mais uma palavra e eu corto a sua mesada.

Nesse caso, a leitura condicional é interpretada através da relação causal hipotética entre o conteúdo da prótase e apódose que exemplifica a moldura “p e q”, na qual o enunciado da prótase não pode ser assumido como verdade e, portanto, o conteúdo da apódose também não. Logo, a leitura semântica condicional está assentada na relação causal entre “p e q”, além de que há um processo inferencial envolvido nesse caso, que é a implicatura da perfeição condicional que, em suma, se refere à noção de que há em “p” uma condição necessária e suficiente para a validade de “q”. Em vista disso, esse caso poderia facilmente ser realizado por meio de uma oração introduzida por um conector condicional. Veja abaixo:

- 5) Se disser mais uma palavra, eu corto sua mesada.

A semelhança entre esses dois casos corrobora a ideia de que não somente os conectores condicionais já atestados em pesquisas sobre a categoria condicional são

essenciais e únicos para o acionamento de condicionalidade, mas sim que outros tipos semânticos também são capazes de acionar traços condicionais. Oliveira (2017) apresenta um quadro mais amplo que contempla algumas molduras sintáticas que podem acionar essa relação causal entre as orações:

Quadro 4: Molduras sintáticas das orações condicionais

se p q
caso p q
ccc ² p q
ou p ou q
p e q
quando p q

Fonte: Oliveira, 2017.

Como visto, além dos casos mais canônicos que envolvem orações condicionais, que são os casos com hipotáticas adverbiais introduzidas por conectores condicionais, há também outras molduras com termos de outras categorias que podem manifestar a condicionalidade. Nesse viés, Souza (2015) analisa que a moldura “se p q” manifesta um significado condicional diferente da moldura “se p então q”, argumentando que na moldura com o termo “então” há uma implicatura bicondicional como parte do seu significado semântico-pragmático.

- 6) **Se** estiver úmido, a televisão irá funcionar.
- 7) **Se** estiver úmido, **então** a TV irá funcionar.

Os exemplos acima, apresentados em Oliveira e Hirata-vale (2011), são utilizados para elucidar a diferença da leitura condicional entre a moldura “se p q” e a moldura “se p então q”. Em (06) há na prótase uma condição suficiente para que a televisão funcione, que é “se estiver úmido” e que nesses casos o grau de vinculação entre as orações é menor, visto que a prótase poderia abarcar outras condições possíveis para que houvesse o funcionamento da televisão.

² Conector condicional complexo

Já o caso apresentado em (07) apresenta uma única condição necessária para que a televisão funcione, visto que o termo “então” contribui para uma leitura de que a televisão funcionará somente e exclusivamente se a condição expressa em *p* for satisfeita, isto é, “se estiver úmido”, e somente assim, é que “então a TV irá funcionar”. Conforme Dancygier (1998) aponta, o termo **então** funciona como um marcador de sequencialidade entre as orações envolvidas em construções condicionais, bem como ainda pode ter função anafórica, mas somente em alguns casos. Nas palavras de Oliveira e Hirata-vale (2011) pode-se dizer que o termo **então**

tem a função de reintroduzir a prótase na estrutura da apódose, mas sem a “incerteza” que o *se* impõe à proposição. Semanticamente, o *então*, tem o papel de “factualizar” a asserção que se encontra na oração condicional. O *então* serviria para reintroduzir a asserção apresentada na prótase, de modo a assinalar que ela tem que ser factual antes de a apódose ser asseverada.

Assim, as molduras condicionais, por mais similares que se pareçam, não podem ser consideradas como equivalentes e é necessário que se analise o comportamento dos termos que compõem essas molduras a fim de analisar o tipo de condicionalidade manifestado através delas, pois “*se p q*” é capaz de desencadear um significado condicional mais “neutro”, em que há na prótase uma condição suficiente para a realização da apódose, que pode ou não acontecer, mas a moldura “*se p então q*” desencadeia uma leitura mais estreita da relação entre as orações, pois o significado restritivo dessa moldura implica que as situações na prótase e apódose ou devem ser ambas verdadeiras ou ambas falsas, isto é, a condição exposta em *p* é a situação específica na qual *q* se realize, que é a mesma leitura encontrada nas bicondicionais.

Nesse direcionamento, é importante observar que a categoria condicional como uma categoria conceitual é diversa e abarca várias formas que contribuem para o significado condicional, necessitando assim que se considere o significado semântico-pragmático dos termos que formam os conectores complexos juntamente com os demais termos que compõem a construção condicional.

Hopper e Traugott (1993) descrevem que a articulação de orações pode ser interpretada conforme um *continuum* em que há um polo em que as estruturas são menos dependentes e menos encaixadas, as estruturas paratáticas, e no polo oposto há as estruturas mais encaixadas e mais dependentes, e assumem que há entre esses dois polos um ponto intermediário em que as estruturas são mais dependentes e menos encaixadas, que representam as estruturas hipotáticas. Conforme mostra o quadro abaixo:

Quadro 5: Tipos de articulações de orações

Parataxe	Hipotaxe	Encaixamento
- dependência	+ dependência	+ dependência
- encaixamento	- encaixamento	+ encaixamento

Fonte: Hopper e Traugott (1993)

A partir da descrição dos tipos de articulações de orações é possível interpretar as orações condicionais em relação a oração secundária. Nesse sentido, a atenção especial deste trabalho se volta para os casos hipotáticos, visto que uma oração condicional é capaz de modificar outra oração, adicionando a ela uma circunstância, como a de condição.

Vale ressaltar que as construções hipotáticas condicionais são consideradas como dependentes devido o significado das orações se tornar incompleto sem a presença de uma oração condicional e uma oração núcleo em que as orações envolvidas são caracterizadas como menos encaixadas, pois podem ocorrer em diferentes posições (anteposta, intercaladas e pospostas), e esse fato se relaciona com a ordem icônica dos eventos, ou seja, a expressão linguística segue a tendência de ser realizada conforme os eventos são realizados no mundo real.

No caso das orações condicionais, a iconicidade é analisada conforme a ordem das orações, pois a oração condicional traz uma causa que é capaz de desencadear uma consequência exposta na oração núcleo. Portanto, a ordem icônica é a posição anteposta, enquanto nos casos que não seguem a ordem de acontecimento dos eventos traz a oração secundária (consequência) antes da oração condicional (causa), caracterizando a posição posposta, e, por fim há ainda a posição intercalada que intercala termos de ambas as orações.

Neste trabalho, o foco de análise são os casos de hipotáticas adverbiais introduzidos por conectores instanciados pelo subesquema [ADV DE EXCLUSÃO + SE], assumindo que uma interpretação pautada na gramática de construções e de cunho cognitiva necessita que se analise toda a estrutura envolvida na expressão de condicionalidade, pois, conforme apontado anteriormente, a categoria condicional possui diversas formas e aspectos que são relevantes para o entendimento dessa categoria tão complexa e heterogênea. Dito isso, o objeto de análise desta dissertação é o subesquema

[ADV de exclusão + SE], com foco na descrição de aspectos formais e de significado, pois os conectores instanciados por ele expressam um tipo de condicionalidade diferente do conector prototípico **se**.

3.2 OS CONECTORES CONDICIONAIS

Os conectores condicionais podem ser simples, como o **se** e **caso**, e complexos, de base verbal + **que** como **dado que**, **supondo que**, assim como de base adverbial + **se** como **exceto se**, **só se** e **exceto se**, entre outros. A respeito dos conectores condicionais, Ferrari (2000) diz que é necessário também que eles não sejam analisados apenas para fins documentais, isto é, de cunho descritivo e motivados para fins categóricos apenas para inseri-los na categoria condicional, mas sim para expandir os estudos dessa categoria, a fim de compreender a categoria condicional. A respeito dos conectores capazes de introduzir orações condicionais cita os seguintes exemplos:

- 8) **Caso** chova, eles vão cancelar o jogo.
- 9) **A menos que** chova, vai haver jogo.
- 10) **Mesmo se** chover, eles não vão cancelar o jogo.
- 11) **Só se** chover, eles vão cancelar o jogo.

O exemplo (06) ilustra um caso em que a oração condicional é introduzida por um conector simples, o **caso**. Os demais casos, de (07) à (09), há conectores complexos introduzindo orações condicionais, ou seja, conectores formados por mais que uma única unidade linguística, como **a menos que**, **mesmo se** e **só se**.

Nos dois últimos casos, o conector complexo é formado pelo conector condicional prototípico, o **se**, acompanhado de outros itens lexicais e isso pode alterar a leitura condicional nesses casos, uma vez que a união do **se** de valor condicional com outro termo pode alterar as características do conector. Observe os exemplos abaixo e uma breve comparação entre eles:

- 12) **Se** chover, eles vão cancelar o jogo.
- 13) **Só se** chover, eles vão cancelar o jogo.

O primeiro caso expressa um tipo de condicionalidade neutra, pois seu sentido é mais aberto, uma vez que estabelece uma condição hipoteticamente marcada pelo conector **se** com a leitura de “considere q na situação dada por p ”, no qual uma suposição expressa em p deve ser considerada pelo falante e ouvinte, mas não pode ser afirmada. Por outro lado, o segundo caso ilustra um exemplo de condição restritiva na qual há uma única condição expressa em p para que não haja jogo, ou seja, o segundo exemplo tem a leitura de “ p é a situação específica na qual q ” (OLIVEIRA, 2009).

Nesse viés, Oliveira (2008) postula que a categoria dos conectores condicionais é composta pelos conectores: **caso, no caso (em) que, somente se, salvo se, exceto se, a menos que, sem que, uma vez que, supondo que, contanto que, a não ser que, desde que, dado que, na condição de que, na eventualidade de que**, entre outros. E em 2019 a autora atualiza essa lista descrevendo-os por meio de (sub)esquemas, embasada nas teorias de modelos baseados no uso:

Quadro 6: Esquemas dos conectores condicionais complexos

ESQUEMA	CONECTORES
[V que]	dado que, visto que, posto que, supondo que, considerando que
[ADV que]	contanto que
[PREP que]	desde que, sem que
[ADV se]	somente se, exceto se, só se
[PREP N de]	no caso de
[PREP N se]	no caso se
[PREP N PREP que]	na condição de que, na eventualidade de que
[PREP NEG COP que]	a não ser que
[PREP ADV que]	a menos que
[conectivo]	se, caso

Fonte: Oliveira, 2019.

De acordo com o quadro acima, é possível dizer que na maioria dos esquemas, senão em todos, a lista de conectores não está fechada, devido ao uso criativo e adaptativo dos itens linguísticos pelos seus falantes. Como esse trabalho se apoia na noção da gramática como uma construção, um pareamento simbólico de forma e significado, é importante observar se a diversidade entre as bases dessas construções também contribui para a diversidade de sentidos que a condicionalidade é capaz de acionar, uma vez que alguns itens podem conter mais traços da condicionalidade do que outros, sendo caracterizados mais próximos da prototipia, como “se” e “caso”, enquanto outros podem possuir menos traços de condicionalidade e depender mais do contexto linguístico para acionar a condicionalidade e assim serem caracterizados como itens mais periféricos.

Kortmann (1996), ao analisar os limites gramaticais entre as categorias e as diferenças entre os conectores nas categorias, constatou que os estudos sobre as categorias linguísticas buscavam critérios de classificação através da identificação de propriedades morfossintáticas e semânticas do termo prototípico da categoria, o que excluía os estudos sobre as características dos mais periféricos, que evidentemente, por ter sentido lexical mais marcado, possui distinções em relação ao protótipo, mas que ao serem incluídos podem enriquecer as pesquisas categoriais. Para englobar e definir as unidades linguísticas como conectores, ele estabelece alguns critérios que devem ser seguidos, a saber:

- i. São formas não flexionáveis. Não estão sujeitas à marcação de caso, número e gênero, o que as distingue de pronomes relativos;
- ii. Atuam sobre uma oração que funciona como um adjunto (geralmente finita);
- iii. Não assumem funções argumentais de sujeito/objeto na oração em que participam;
- iv. Assumem uma posição fixa na margem da oração;
- v. Não pertencem a um determinado registro ou modalidade da língua.

Nesse sentido, é importante retomar Oliveira e Hirata-Vale (2017) que somam os critérios acima com algumas questões que não devem ser perdidas de vista ao se analisar a condicionalidade em português, pois as autoras apresentam outras formas que acionam a condicionalidade. Abaixo há as considerações das autoras a respeito do assunto:

- i. A condicionalidade manifestada em construções marcadas pela conjunção *se*, considerada a conjunção condicional por excelência no português, herdada do latim;
- ii. A condicionalidade manifestada por conectores como *caso*, *desde que*, *dado que* e *uma vez que*, plenamente produtivos, aplicáveis a uma certa variabilidade de contextos e que demonstram certo grau de gramaticalização;

- iii. A condicionalidade manifestada por conectores condicionais complexos (ccc) diversos, que demonstram diferentes graus de gramaticalização e que se aplicam a contextos mais específicos de uso;
- iv. A condicionalidade manifestada pela mescla com esquemas de outros significados e processos de junção, como se vê no caso das paratáticas aditivas e alternativas e nas temporais.

Logo, para uma interpretação cognitivo-funcional da categoria é necessário considerar a condicionalidade como uma categoria conceitual diversa que pode ser expressa através de outras molduras, além de “se p q”, e que os conectores que compõem essa categoria vão muito além do **se**, visto que ela é composta por outros padrões linguísticos formados por diversas bases lexicais que expressam condicionalidade.

3.3 PARÂMETROS DA CATEGORIA CONDICIONAL

As subseções acima servem para ilustrar a grande variabilidade da expressão da condicionalidade em termos oracionais e dos tipos de conectores que compõem a categoria condicional. Esta subseção, por sua vez, tem como objetivo expor os parâmetros básicos da condicionalidade de Dancygier (1998), pois eles definem a categoria condicional possibilitando a sua caracterização.

Para a análise do objeto de estudo da presente dissertação, é indispensável que se recorra a essa autora, pois suas contribuições a respeito da condicionalidade são as que melhor descrevem essa categoria. Nesse sentido, os conectores condicionais por **somente se**, **só se** e **exceto se** serão avaliados em relação aos demais itens da categoria condicional, a fim de verificar suas semelhanças e distinções.

Dancygier (1998) corrobora a ideia de Goldberg (1995) de que as construções são padrões convencionalizados do pareamento entre forma e interpretação³, o que reforça a visão de que é necessário descrever as características formais e funcionais das ocorrências com condicionais. Desse modo, análises a respeito da correlação verbal entre as orações, tipo de conector, posição da oração condicional, entre outros assuntos, são necessárias e

³ Esse entendimento dos itens linguísticos é bem similar ao que a proposta de Traugott e Trousdale (2021) postula, uma vez que para eles a construção é também um pareamento simbólico de forma e significado, porém, devido ao caráter recente e inovador de sua proposta, esses autores trazem novas considerações que explicam de maneira mais eficiente como novos itens são formados, como eles se relacionam com os demais itens da língua, como a língua se organiza, entre outras questões.

relevantes para entender como a condicionalidade é realizada.

Retornando a discussão aos parâmetros básicos da condicionalidade, Dancygier (1998) elenca um conjunto de cinco parâmetros que podem ser analisados em orações condicionais, a saber: (i) causalidade; (ii) não assertividade da construção; (iii) predição; (iv) distância epistêmica e (v) espaços mentais. Contudo, é de suma importância destacar que a autora elenca esses parâmetros como básicos e que podem ser percebidos em maior ou menor grau entre os tipos de orações condicionais e esse caráter variável desses parâmetros entre as formas é o que ajuda a caracterizar as construções condicionais em mais prototípicas e menos prototípicas.

3.3.1 Causalidade

Conforme Dancygier (1998), a causalidade é um traço fundamental para o significado condicional e está presente em toda construção condicional, mesmo que de maneira mais subjetiva, isto é, interpretada em contextos mais abstratos. Em linhas gerais, o que se entende a respeito da causalidade em construções condicionais é que há uma relação de causa e consequência entre a prótase e a apódose, com a leitura de que a verdade contida em p leva a verdade contida em q .

14) Crianças em essa idade, já aprendem a respeitar regras e já podem ser disciplinadas desde cedo. *Caso* ela não faça o que todos fazem em a sala, ela deve ser levada a um cantinho e permanecer lá por 2 minutos, longe de as outras crianças para ir percebendo que ela perde sempre alguma coisa quando não segue as regras... (Corpus do Português: <http://artigosdepsicologia.wordpress.com/2009/03/12/2-a-4-anos-comportamento-comentarios/>)

15) *Caso* ela tivesse uma hemorragia, bastaria levar- la a o hospital sem dar explicações. (Corpus do Português: <http://aborto.aaldeia.net/maos-manchadas-de-sangue/>)

A relação de causa e consequência pode ser verificada entre as orações, na qual o evento contido na oração introduzida pelo conector condicional *caso* é a causa da

consequência exposta na oração núcleo. Então há no exemplo (12) que “não fazer o que todos fazem na sala” é a causa para “ela ser levada a um cantinho e permanecer lá por 2 minutos”; e no exemplo (13) a causa “ela ter uma hemorragia” é o que motiva a consequência de “ela ser levada ao hospital”.

Contudo, essa relação causal é mais marcada em alguns casos do que em outros, pois ela pode ser vista em construções mais concretas e reais e em construções mais intersubjetivas, uma vez que essa relação é percebida por aspectos que envolve o contexto semântico-pragmático de uso real da língua.

Dessa forma, Sweetser (1990) e Dancygier (1998) postulam que essa relação, que nem sempre é bem nítida, pode ser caracterizada por meio de domínios conceptuais diferentes, a saber: (i) de conteúdo; (ii) de domínio epistêmico; (iii) atos de fala; (iv) as metatextuais.

As condicionais de conteúdo são os tipos que veiculam uma informação mais concreta, na qual a relação de causa de consequência está bem visível, pois esses casos envolvem eventos do mundo real. A leitura desses tipos de condicionais é a de que “a realização do evento descrito em *p* é suficiente para a realização de *q*” (NEVES, 1999). Conforme o caso abaixo:

16) *Se* chover, Max não irá ao jogo. (Corpus do Português: <http://criticanarede.com/>)

Esse caso, como pode ser observado, refere-se a um acontecimento no mundo real e a informação introduzida pelo conector condicional “se chover” é a causa hipotética para a realização do evento descrito na oração núcleo “ir ao jogo”. Além disso, vale dizer que há uma relação sequencial entre os eventos e que essa relação temporal é essencial para a interpretação desse tipo de causalidade, pois, assim como no mundo real, as situações seguem a premissa de que uma causa desencadeia consequências.

No domínio epistêmico, a relação causal entre as orações é percebida através da inferência entre o conteúdo da prótase e da apódose. Esses casos têm a leitura de que “*p* é o que leva o falante concluir *q*” ou, nos termos de Neves (2002), que “o conhecimento da verdade da premissa hipotética expressa na prótase é uma condição suficiente para se deduzir a verdade da proposição expressa na apódose”.

17) "« Mamãe »», disse-me ele certa vez, "« *se* você conseguiu, qualquer pessoa também pode! "_(Corpus do Português : <http://007blog.net/dicas-para-ser-um-homem-charmoso-e-confiante/http://beinbetter.wordpress.com/documentos/tratado-contra-o-homossexualismo/>)

Esse exemplo elucida uma noção causal mais abstrata que envolve uma suposição expressa em p “você conseguiu” que leva a acreditar no que está em q “qualquer pessoa também pode”.

As condicionais de atos de fala são definidas por Dancygier (1998) como sentenças em que a prótase é uma condição suficiente para um ato de fala na apódose a respeito do conteúdo da prótase. Nesses casos a leitura é a de “dada a consideração de p há um ato de fala em q ”. Sweetser (1990) explica que esse tipo de condicionalidade é mais intersubjetivo, uma vez que está relacionado com o contexto no momento da situação comunicativa. Nesse sentido, o exemplo a seguir ilustra esse caso:

18) Em o contrato de a empresa possuo 10 % de as cotas, *caso* eu queira pagar a dívida, eu pago 100 % ou somente 10 %? (Corpus do Português: <http://007blog.net/consulte-um-advogado-online/>)

Nesse caso, o falante considera a oração condicional “caso eu queira pagar a dívida” para proferir sua questão em seguida “eu pago 100% ou somente 10%?”. No exemplo (18), o conector condicional **caso** é responsável por introduzir um enunciado hipotético em p que leva o ouvinte a realizar uma interrogação exposta em q .

Ao selecionar um conector condicional para introduzir uma informação hipotética, a intenção do falante pode ser de querer se livrar do comprometimento com a verdade da informação e por isso introduz uma informação encabeçada por um conector condicional. Essa estratégia comunicativa é bastante realizada através da condicionalidade, uma vez que um dos traços da condicionalidade é a não-assertividade, ou seja, toda construção condicional envolve situações hipotéticas a serem consideradas e que não podem ser tomadas como verdadeiras, tirando assim a responsabilidade do falante

a respeito da realização das informações. Entretanto, os casos de condicionais de atos de fala são mais incomuns em conectores periféricos devido ao fato de conectores mais prototípicos serem utilizados em contextos menos concretos.

Por fim, um último tipo de orações condicionais são as metatextuais que se assemelham aos casos de atos de fala, visto que há também uma relação mais abstrata entre o conteúdo da prótase e apódose, pois o conteúdo expresso em q é realizado independente do que há expresso em p . Todavia, a diferença entre esses tipos é que o conteúdo expresso em q faz referência ao que está exposto em p . Esses casos são utilizados pelos falantes como uma estratégia metalinguística, pois há sempre algum termo na oração condicional que retoma alguma informação anterior no texto (DANCYGIER, 1998). Veja o próximo exemplo:

19) As crianças chegam à ONG por meio de os educadores sociais de rua ou são encaminhadas pelo Conselho Tutelar. Antes é feito um estudo de caso para entender a situação em que ela se encontra. Após uma avaliação de a situação uma equipe de a ONG procura fazer a reintegração familiar. *Caso* isso não seja possível de imediato, a criança é encaminhada a o sítio de a ONG para participar de um programa sócio-educativo_e, em paralelo, a família também é atendida. (Corpus do Português:

http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_canal=39&cod_noticia=12976)

Esse exemplo representa um caso de condicional metatextual, pois o conteúdo da oração condicional “caso isso não seja possível” é utilizado para retomar uma informação anterior do texto, que nesse caso é “fazer a reintegração familiar”, sendo assim, a condicionalidade, nesses casos, é utilizada para introduzir uma hipótese que deve ser considerada a partir das informações antecedentes. Nesses casos, é possível notar que há a causalidade não-preenchida, pois não é possível verificar uma relação de causa e consequência entre os eventos e a leitura que se faz desses casos é “considerado determinado elemento no discurso enuncia-se esse ato” (OLIVEIRA e HIRATA-VALE, 2017).

Dadas as considerações acima, verifica-se que a relação de causalidade entre a

oração condicional e a oração núcleo pode ser vista em termos gradientes, nos quais se podem distinguir casos de condicionais de conteúdo, que são altamente concretas, dos casos de domínio epistêmico, que são menos concretas que as de conteúdo, e dos casos de atos de fala e metatextuais em que não é possível verificar a existência de uma relação causal entre causa-consequência.

Portanto, Oliveira e Hirata-Vale (2017) explicam a necessidade de se analisar a causalidade nas orações condicionais, pois as análises desse traço revelam a diversidade de tipos de causalidade que podem ser acionadas, uma vez que alguns conectores, os mais periféricos, são mais comuns em construções em que a causalidade é vista em domínios cognitivos mais concretos, enquanto outros conectores, os mais prototípicos, tendem a apresentar resultados parecidos quanto ao tipo de causalidade que acionam, ou em outras palavras, conectores mais periféricos podem atuar mais em domínios cognitivos concretos do que em abstratos, enquanto conectores mais prototípicos, devido ao alto grau de convencionalização de uso, podem atuar igualmente em domínios cognitivos concretos e abstratos. Veja a explicação das autoras:

Como possuem conectores ainda pouco gramaticalizados e com significado lexical bastante específico, essas construções estão ainda muito presas ao contexto e, portanto, não podem ainda expressar significados mais abstratos, como os valores intersubjetivos pertencentes aos domínios dos atos de fala e metatextual.

Logo, a causalidade é uma característica importante de se analisar nas estruturas condicionais, haja vista que esse tipo de análise contribui para uma melhor descrição dessa categoria e dos itens que a compõe, em outras palavras, a causalidade deve ser considerada para que seja possível classificar os itens dessa categoria como mais prototípicos e mais periféricos, pois itens mais gramaticalizados conseguem acionar construções mais intersubjetivas, enquanto os menos gramaticalizados apresentam resultados contrários, pois estão mais ligados ao mundo concreto.

3.3.2 Não-assertividade

Outro traço da condicionalidade elencado por Dancygier (1998) que deve ser considerado para caracterizar a condicionalidade é a não-assertividade. A autora explica que, para entender esse traço, é necessário levar em conta que a relação entre o conteúdo da prótase e da apódose pode ser verificada em termos da não factualidade, visto que as

condições de felicidade não podem ser dadas como certas nas estruturas condicionais, pois não estão totalmente preenchidas. Nas palavras da autora, isso significa que “o falante não tem motivos suficientes para afirmar *p* como uma afirmação factual e, de fato, não acredita que *p* seja verdade”⁴.

Nesse sentido, o que a autora quer elucidar através desse traço é que a informação veiculada na oração condicional, no momento do discurso, não pode ser considerada como verdadeira. A respeito dos conectores condicionais, nos postulados de Dancygier (1998), o *se* é um conector que sempre irá introduzir uma informação na prótase que é não-assertiva e que precisa ser validada para a realização do conteúdo da apódose. Em suma, esse traço se refere à incerteza da prótase. Veja o exemplo abaixo extraído de Ferrari (2000):

- 20) “Se ela preferiu ficar sozinha,
ou se tem um outro bem
se ela me deixou, a dor é minha,
não é de ninguém”

Ferrari (2000) ilustra o caráter de marcador de não-assertividade do conector condicional prototípico, em que ela argumenta que o *se* é utilizado para anunciar uma suposição que, naquele momento, não pode ser afirmada como verdadeira, mas que precisa ser analisada, pois o que há implícito é que essas suposições precisam ser consideradas pelo falante porque, provavelmente, elas já estão sendo consideradas por outras pessoas que podem estar envolvidas naquele contexto biossocial e que possuem informações que contribuem com o pensamento de que uma traição possa estar ocorrendo. Então o falante recorre a estruturas condicionais não-assertivas encabeçadas pelo *se* “para reivindicar a administração pessoal e intransferível de sua própria dor” (FERRARI, 2000).

Oliveira e Hirata-Vale (2017) assumem que outros conectores também são capazes de manifestar esse traço, que são os conectores condicionais complexos formados com *se* e o conector **supondo que**. Sendo assim, a lista de conectores que indicam não-

⁴ “the speaker does not have enough grounds for asserting *p* as a factual statement and may in fact not believe *p* to be true” (DANCYGIER, 1998).

assertividade é composta por: **só se, somente se, salvo se, exceto se e supondo que**. Vale ressaltar que, nos casos desses conectores que são capazes de introduzir uma informação como uma possibilidade, não afirmável e não-assertiva, o que há por trás é a noção hipotética vinculada por eles.

Além disso, não somente os conectores utilizados na oração condicional é que implica na leitura não-assertiva do conteúdo informacional, mas também os tempos e modos verbais utilizados na oração condicional, pois é através deles que diferentes referências temporais são acionadas. Abaixo há um caso em que na oração condicional, introduzida pelo conector **supondo que**, há o uso do verbo “existir” utilizado no tempo presente e no modo subjuntivo para marcar a incerteza da informação contida na prótase e, em consequência disso, o conteúdo da apódose também deve considerado como não-assertivo.

- 21) *Supondo que* exista mesmo uma bolha em o setor imobiliário, o que fazer?
(Corpus do Português: <http://bdadolfo.blogspot.com/2013/05/bolha-imobiliaria-o-que-fazer.html>)

3.3.3 Predição

A escolha do modo-temporal do verbo nas estruturas condicionais não é realizada por acaso, mas sim motivada pela necessidade comunicativa do falante. Dessa forma, o falante recorre à diversidade linguística para realizar seu enunciado. O modo-temporal do verbo está relacionado à capacidade de acionar a não-assertividade da oração condicional. As formas verbais também são responsáveis por acionar o traço de predição, que, em suma, remete à capacidade da oração condicional de projetar a realização de uma situação expressa na apódose, que evidentemente é condicionada ao que está descrito na prótase (DANCYGIER, 1998).

Em outros termos, esse traço da condicionalidade refere-se à capacidade de explicitar uma relação de causa-consequência na qual a informação condicional prevê e se relaciona com a realização futura da informação na oração núcleo. Logo, nos casos que envolvem predição, há na oração condicional (causa) um verbo utilizado em um modo-temporal que antecede o modo-temporal no futuro utilizado na oração núcleo

(consequência).

22) Como seu dinheiro de a poupança fica depositado em um banco, *caso* ele quebre, você somente conseguirá recuperar os investimentos de até R\$ 250.000, que é o valor garantido por o Fundo Garantidor de Crédito. (Corpus do Português: <http://blog.bussoladoinvestidor.com.br/nao-investir-na-poupanca/>)

23) *Caso* ela faça isso com certeza qualquer juiz irá reverter está condição..
(Corpus do Português:
<http://joselitobortolotto.wordpress.com/2009/09/12/dispensa-com-justa-causa-desidia/>)

Nos exemplos acima, o que se verifica em ambos os casos é que a oração condicional introduz uma referência temporal anterior (presente do subjuntivo) ao tempo verbal utilizado na oração núcleo (futuro do indicativo), o que culmina na interpretação preditiva desses casos.

Além dos casos acima, que são os mais comuns, é possível verificar a presença da predição em casos que envolvem tempos verbais no passado. Oliveira e Hirata-Vale (2017) argumentam que nos casos em que isso ocorre “a referência temporal é anterior ao tempo de fato indicado pelo verbo”, que a literatura denomina de recuo temporal, e nas palavras das autoras:

Nesses casos acontece o que a literatura denomina recuo temporal, quando um tempo verbal constrói uma referência temporal diferente daquela indicada pela especificação semântica das formas verbais, como se observam nas construções abaixo, formadas a partir da combinação do imperfeito do subjuntivo com o futuro do indicativo.

Para exemplificar esse tipo de predição Oliveira e Hirata-Vale (2017) apresentam os exemplos (22) e (23), expostos logo abaixo:

24) Na há dúvida de que se tivéssemos nascido em outros países ou noutros tempos seríamos muito diferentes. (Neves, 2000: 851)

25) Jamais poderia fazê-lo sem sair do quarto - tal a localização deste – salvo se gritasse (Oliveira, 2008: 99)

A interpretação que se faz desses casos é a de que a oração condicional é responsável por projetar uma condição que ocasionaria em uma determinada consequência.

Além dos casos já mencionados, Dancygier (1998) postula que existem casos que se opõem aos acima, que não são preditivos e há uma escolha verbal livre que não está ligada a uma relação de causa-consequência como os casos de predição mais comuns, mas sim que as formas verbais indicam habitualidade ou tempo implicado. Veja abaixo o exemplo, extraído de Neves (2000), que ilustra esse tipo:

26) *Se um recém-nascido apresentar Aids, o vírus foi transmitido pela mãe.*

Portanto, conforme explicitado através das explicações a respeito da predição, as formas verbais são essenciais para marcar o traço de predição envolvido em estruturas condicionais. Além disso, é possível observar que há diferentes combinações temporais que implicam em uma leitura preditiva e por esse motivo é importante analisar como esse traço pode ser percebido através das orações condicionais introduzidas por diferentes conectores.

3.3.4 Distância epistêmica

O penúltimo traço da condicionalidade também está relacionado com a escolha do tempo verbal utilizado nas orações. A distância epistêmica, conforme o próprio nome sugere, está relacionado ao distanciamento do falante com a informação das orações, ou seja, a associação ou não do falante com a verdade da informação enunciada. Vale lembrar que toda oração condicional é vista como uma informação hipotética que está vinculada ao conhecimento do falante em relação ao que se diz e por isso, ao acionar a condicionalidade, fica claro que ele não tem plena certeza da veracidade das informações descritas (FILLMORE, 1990).

Conforme Dancygier (1998), nas construções condicionais, o falante dispõe de tempos verbais que acionam diferentes posturas epistêmicas, a saber:

(i) postura epistêmica neutra: nesses casos, o falante não tem certeza das

informações e, portanto, utiliza formas verbais que sinalizam seu desconhecimento a respeito dos eventos. Em português a postura epistêmica neutra é realizada por meio do uso do verbo no futuro do subjuntivo, pois esse modo-temporal evidencia a preservação da face do falante, uma vez que através dessa escolha de uso o falante não se compromete e nem se descompromete com a veracidade dos eventos, sinalizando assim a neutralidade, conforme o exemplo abaixo de Oliveira e Hirata-vale (2017);

27) o governo aceitará o registro da associação somente se a sua carta de princípios apresentar uma referência ao papel do partido (Oliveira, 2008: 104).

(ii) postura epistêmica negativa: para ser considerada como negativa, é necessário que as formas verbais indiquem que o falante não acredita no evento descrito na oração condicional e por consequência também não acredita na realização do conteúdo apresentado na oração núcleo. Conforme Oliveira e Hirata-Vale (2017), dois tempos verbais são capazes de codificar essa postura, o pretérito imperfeito do subjuntivo e o mais-que-perfeito, assim como pode ser visto em (26);

28) Se você tivesse nascido no mesmo dia 22 de março, mas às 18 horas, o seu ascendente ficaria assim. (Neves, 2000: 851).

(iii) postura epistêmica positiva: o falante tem um conhecimento maior a respeito da informação descrita na apódose e por isso enuncia uma probabilidade eminente na prótase como algo que de fato acontecerá. Os casos em que as orações envolvem formas verbais no presente do indicativo são mais comuns para marcar a associação do falante ao enunciado, o que caracteriza uma crença positiva a respeito da realização dos eventos. Dancygier e Sweetser (2005) argumentam que o conector condicional “se” é apenas capaz de indicar postura epistêmica negativa ou neutra, devido ao valor hipotético vinculado à ele.

Nesse direcionamento, é possível verificar, então, que as condicionais manifestam diferentes graus de distanciamento do falante a respeito das informações do enunciado e tal fato está intimamente ligado ao uso de formas verbais que demonstram qual é esse

grau de distanciamento. Além disso, é evidente que as orações condicionais devem ser tomadas como hipotéticas, pois essa é uma característica básica de toda oração condicional, e então o conteúdo dela não deve ser tomado como algo verídico, mas sim interpretado em termos de expectativas, possibilidades e crenças acerca dos eventos.

3.3.5 Espaços mentais

Por fim, de acordo com os postulados de Dancygier (1998), o último traço das orações condicionais diz respeito à capacidade de introduzir diferentes espaços mentais. Conforme exposto anteriormente, a categoria condicional é bastante complexa e necessita de uma interpretação que abrigue toda sua complexidade, pois é necessário reconhecer que a expressão de condicionalidade não é uma mera escolha, mas sim uma escolha que está bastante ligada ao processamento mental dos falantes e de suas necessidades comunicativas.

Ao buscar entender e explicar parte da complexidade dessa categoria que Dancygier retoma a teoria dos espaços mentais desenvolvida por de Fauconnier (1994, 1997 e 1998) que, em linhas bem gerais, assume que os espaços mentais são representações mentais de algo no mundo. Nessa perspectiva, na linguagem, diferentes espaços mentais podem ser criados a partir de determinada expressão linguística, como é o caso das orações condicionais, pois elas são capazes de introduzir novos espaços mentais a partir de um espaço fundante.

Ferrari (2000) argumenta que, nas condicionais, os conectores atuam como um marcador de não-assertividade que estabelece condições a serem validadas. Portanto, os conectores condicionais, dado seu caráter hipotético, criam espaços mentais hipotéticos a partir da informação contida na oração condicional. Seguindo então os postulados de Fauconnier (1994, 1997 e 1998), a oração introduzida por um conector condicional, a prótase, fornece o espaço mental de fundação que acarreta a expansão de um espaço mental na oração subsequente, na apódose. Conforme os exemplos extraídos de Bueno (2015):

- 29) *Se* você não estudar, não passará no concurso.
- 30) *Caso* minha mãe chegue, ficarei em casa.

É possível notar que os dois primeiros casos apontados por Bueno (2015) são comumente vistos na condicionalidade, haja vista que as orações condicionais são introduzidas por dois conectores que são altamente utilizados nesses tipos de orações, pois o *se* é o conector prototípico da categoria e o *caso* se aproxima bastante dele em termos classificatórios.

Percebe-se que a condicionalidade pode ser acionada através de conectores mais prototípicos, mas é importante mencionar que em todos os casos observa-se que a criação de espaços mentais pode ser vista. Em (23) há o espaço mental base “Se você não estudar, não passará no concurso” que é capaz de acionar espaços mentais alternativos, como “Você estudar / passar no concurso” e “Você não estudar / não passar no concurso”. O mesmo ocorre em (24), pois “*Caso* minha mãe chegue, ficarei em casa” é capaz de acionar os espaços mentais “Minha mãe chegar / ficar em casa” e “Minha mãe não chegar / não ficar em casa”.

Tendo em vista as considerações acima, fica claro que a condicionalidade em português é bastante complexa e que os parâmetros propostos por Dancygier (1998) foram descritos para englobar todas as formas capazes de acionar a condicionalidade, isto é, desde as formas mais comuns, em que o significado condicional é mais presente, até as que são mais abstratas, que fogem da moldura básica “*se p (então) q*”, nas quais o significado condicional é percebido através da análise combinada dos parâmetros mencionados acima.

Portanto, esses parâmetros são necessários para analisar e descrever as formas que desempenham condicionalidade e como essas formas se organizam em termos de prototipia e como se relacionam dentro da categoria condicional. Assim, a próxima seção irá explicar a metodologia de análise utilizada na descrição do objeto desta dissertação.

4. METODOLOGIA

Na presente seção, encontram-se os aspectos metodológicos que orientam essa investigação. Portanto, aqui estão expostas as informações a respeito do tipo de pesquisa realizada, do *corpus* utilizado para a coleta de dados, das especificidades a respeito de como os dados foram selecionados e recortados do *corpus* e, por fim, os parâmetros utilizados para a análise dos dados.

Vale mencionar aqui que a seleção teórico metodológica adotada para a descrição do subesquema [ADV DE EXCLUSÃO + SE] está alinhada com os postulados das teorias dos Modelos Baseados no Uso, especialmente Bybee (2016) e Traugott e Trousdale (2021), além de trabalhos que tratam especificamente sobre a categoria condicional, como Dancygier (1998), Dancygier e Sweetser (2005), Ferrari (1999, 2000), Hirata-Vale (1999, 2012, 2017), Neves (2000), Oliveira (2008, 2010, 2012, 2014, 2019a, 2019b), entre outros.

4.1 CÓRPUS

Esta pesquisa, de caráter sincrônico, propõe uma descrição do subesquema da categoria condicional [ADV DE EXCLUSÃO + SE] no português brasileiro que abriga os conectores condicionais restritivos *somente se, só se e exceto se*, a fim de caracterizar as semelhanças e divergências entre eles.

O *corpus* selecionado para esta pesquisa foi o *Corpus do Português*, acessível em <https://www.corpusdoportugues.org>, criado por Mark Davies e financiado pelo *National Endowment for the Humanities*. Este *corpus* é constituído por amostras de língua escrita e falada e além disso os dados foram recolhidos de diversos gêneros textuais, o que pode favorecer pesquisas em diversas áreas linguísticas.

O *corpus*, como mostra na página inicial, está organizado em quatro *corpora*, das quais apenas o primeiro, denominado de “Gênero / Histórico”, é composto por dados diacrônicos do século XIII ao XX, enquanto os demais são constituídos de dados sincrônicos, do século XXI. A divisão e o tamanho de cada *corpus* podem ser visualizados através da figura abaixo, recortada da página inicial do site:

Tabela 1: Divisão e tamanho do Corpus do Português

	CORPUS	TAMANHO	CRIADO
1	Gênero / Histórico	45 milhões de palavras	2004-06
2	Web / Dialeto	1 mil milhão de palavras	2015-16
3	NOW (2012 – 2019)	1 mil milhão de palavras	2018
4	WordAndPhrase	40.000 palavras principais	2017

Fonte: <https://www.corpusdoportugues.org>

Para esta pesquisa foram considerados os dados do *corpus* Web / Dialeto que possui dados do século XXI. Vale mencionar que para esta pesquisa não foi feita nenhuma seleção específica de gênero textual, não foram considerados os dados do português de Portugal e os dados foram limitados ao número máximo de 200 dados coletados de cada conector.

Embora esta pesquisa se pautar na teoria proposta por Traugott e Trousdale (2021), na qual postulam que as construções possuem três propriedades, a composicionalidade, produtividade e esquematicidade, a análise que se faz de produtividade neste trabalho deve ser considerada como uma análise quantitativa que fornece fortes indícios da real frequência das características do subesquema analisado, então a análise de produtividade, embora quantitativa, deve ser mais considerada como qualitativa, pois ela é realizada neste trabalho para analisar o grau de convencionalização dos conectores desta pesquisa, visto que quanto mais gramaticalizado um conector, mais diversos são os contextos em que ele pode ser utilizado.

4.2 PROCEDIMENTOS DE SELEÇÃO DOS DADOS

A primeira etapa de seleção de dados foi realizada no *corpus* Web / Dialeto e que possui uma ferramenta de para seleção específica de dados de determinadas seções que é o que nos possibilitou não visualizar dados do português de Portugal. Nesta etapa, foi pesquisado *somente se*, *só se* e *exceto se* no campo de pesquisa e na ferramenta de seleção foram selecionadas as seguintes opções: Brasil, General e Blog. Os resultados das buscas desses conectores totalizaram os números expostos na Tabela 2 e esses dados serviram para que pudesse ser recortado o total de 200 ocorrências de cada conector.

Tabela 2: Quantidades de ocorrências de dados do Corpus do Português

CONJUNÇÃO	QUANTIDADE DE DADOS TOTAIS
Só se	38505
Somente se	3784
Exceto se	904

Fonte: Elaboração própria.

Porém vale ressaltar que esses números se referem ao número total de ocorrência de cada sequência, compreendendo então todos os seus usos, isto é, independentemente de atuarem como conjunção ou não. A partir disso foi realizado uma seleção manual de ocorrências da sequência atuando como conector condicional, limitada ao número máximo de 200 dados de cada conector para serem analisados através dos parâmetros elencados na subseção 4.3, logo abaixo.

Nessa primeira etapa de seleção, foram observados quatro critérios que foram pensados para eliminar os usos que não são instâncias do subesquema [ADV DE EXCLUSÃO + SE] com significado condicional, a saber:

i) Articulação de orações: nesta pesquisa, foram considerados apenas os casos das orações hipotáticas adverbiais⁵⁶. Neves (1999) menciona que o significado das orações adverbiais é decorrente de toda a estrutura oracional, por isso foram analisados os casos de articulação entre orações e nas palavras da própria autora:

Dentro da visão de uma gramática de usos, as relações entre uma oração nuclear e uma oração adverbial são vistas como análogas às relações retóricas que constroem o texto. Assim, entende-se que essas relações permeiam e governam todo o texto, independentemente do nível das unidades (micro ou macro-estruturais) envolvidas (sintagmas, orações, enunciados, parágrafos, capítulos etc.), penetrando nas suas subpartes como reflexo e consequência da organização geral a que estão subordinadas.

⁵ Embora Hirata-Vale, Oliveira e Silva (2017) atestam que há casos em que se pode ter casos de insubordinação em orações introduzidas por conectores condicionais, nesta pesquisa não foram selecionadas amostras desse tipo, uma vez que no site do Corpus do Português temos acesso a uma porção limitada do texto em que a amostra se encontra e a oração núcleo poderia estar em outra parte do texto e como o Corpus do Português é composto de dados de blogs e sites, é possível que esses sites não estejam mais disponíveis, impossibilitando que se pesquise a parte total do texto para verificar se seria de fato casos de insubordinação.

⁶ Um fato que contribui para que esses tipos de amostras não fossem consideradas é que o objeto de pesquisa desta dissertação retrata casos de bicondicionais, em que é obrigatoriamente necessário haver duas orações, visto que esse significado emerge da correlação entre duas orações.

ii) Posição inicial na oração condicional: a posição da conjunção tende a localizar-se sempre no início da oração (CUNHA e CINTRA, 2007), enquanto o advérbio tem uma mobilidade maior e pode ser visto em diversas posições na oração. Portanto, foram selecionados apenas os casos em que temos *advérbio* + *se* em posição inicial da oração;

iii) *Se* de valor condicional: considerando que o termo *se* desempenha diversas funções na língua, foram selecionados apenas os casos em que o termo *se*, acompanhado dos advérbios desta pesquisa, desempenha função de conector condicional;

iv) Co-ocorrência de conectores na mesma amostra: dados como em (31) e (32) não foram recortados, pois, devido ao fato das orações serem introduzidas primeiramente pelo conector condicional simples *se*, acredita-se que a escolha da posição das orações, a correlação modo-temporal e outros resultados poderiam ser diferentes dos casos em que há conectores complexos, visto que os conectores complexos desta pesquisa são mais periféricos e, por isso, é possível que sejam utilizados em uma menor variedade de contextos linguísticos que o conector conector *se*, que é o conector prototípico da categoria. Além disso, as análises deste trabalho têm como foco os conectores condicionais complexos instanciados pelo subesquema [ADV DE EXCLUSÃO + SE], excluindo assim outros dados que podem comprometer a caracterização do subesquema.

31) A empresa deve pagar (se puder) o pró-labore **se** e **somente se** o sócio trabalhar em a empresa. (*Corpus* do Português: <http://acdematos.wordpress.com/about/>)

32) Somente iremos obter o sucesso desejado, **se** e **somente se** a derrota foi compreendida em todas as suas nuances por a equipe e seus erros de fato corrigidos para que não haja nova decepção por parte de a torcida. (*Corpus* do Português: <http://blog.chicomaia.com.br/2013/07/05/condenacao-por-racismo-e-calote-de-treinador-em-arbitro/>)

4.3 PARÂMETROS DE ANÁLISE

Finalizada a etapa de seleção que possibilitou separar os dados de usos identificados como conectores dos demais, foi possível então seguir para a etapa de análise e descrição dos aspectos de forma e de significado, bem como para a análise dos parâmetros descritivos das orações condicionais. Assumindo que os conectores **exceto se**,

só se e **somente se** são instanciados pelo subesquema da rede dos conectores condicionais [ADV de exclusão + se], analisa-se o grau de produtividade, composicionalidade e esquematicidade que são interpretados através dos parâmetros previamente selecionados e listados a seguir.

Vale ressaltar que alguns parâmetros de análise são discutidos ao decorrer da seção de análise, uma vez que eles podem contribuir com a interpretação de diferentes traços da construção, como é o caso da análise da correlação modo-temporal que ao mesmo passo que fornece informações a respeito da produtividade desse subesquema, através da frequência de combinações possíveis, também contribui para a interpretação da composicionalidade, uma vez que alguns traços da condicionalidade são interpretados através da combinação modo-temporal.

Para a composicionalidade:

1. Causalidade não-preenchida;
2. Correlação modo-temporal;
3. Não-assertividade;
4. Distância epistêmica;
5. Predição;
6. Espaços mentais;
7. Posição dos advérbios e conectores;
8. Escopo dos advérbios e conectores;

Para a esquematicidade:

9. Hierarquia construcional de [ADV de exclusão + se];
10. Preenchimento dos *slots* de [ADV de exclusão + se];

Para a produtividade:

11. Os *slots* do subesquema [ADV de exclusão + se];
12. Frequência dos domínios cognitivos das orações com conectores do subesquema [ADV de exclusão + se];
13. Frequência da relação modo-temporal das orações com conectores do subesquema [ADV de exclusão + se];

14. Frequência da não-assertividade em construções com o subesquema [ADV de exclusão + se];
15. Frequência do traço de predição em construções com o subesquema [ADV de exclusão + se];
16. Frequência da posição da oração condicional introduzida por conectores do subesquema [ADV de exclusão + se];

Esses parâmetros indispensáveis aos estudos de condicionalidade foram pensados para verificar o comportamento do objeto de estudo, a fim de conseguir provar a pluralidade da categoria dos conectores condicionais e descrever o subesquema e suas especificidades formais e de significado.

Os estudos linguísticos de construcionalização têm a concepção de que os itens que compõem a língua são construções, o que Traugott e Trousdale (2021) concebem como um pareamento simbólico de forma e significado, desde o pareamento mais abstrato ao mais concreto. Assim, para a análise e descrição do objeto de pesquisa, utiliza-se os parâmetros de Dancygier (1998) para a caracterização das propriedades do subesquema, a saber: esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

4.3.1. Composicionalidade

Esta propriedade é observada através da transparência das partes de uma construção, isto é, da relação entre forma e significado da construção. De acordo com Traugott e Trousdale (2021), se as partes revelam o sentido da construção, ela é composicional. Caso não dê para recuperar algum sentido de suas partes, ela é pouco composicional ou tem uma composicionalidade opaca.

Posto isso, pretende-se analisar se o grau de composicionalidade do subesquema desta pesquisa com intuito de verificar as características dos termos que o compõe, isto é, analisar o advérbio e o conector para verificar se há resquícios de suas categorias de origem.

Incorporada à discussão do subesquema, ainda analisa-se também toda a construção em que os conectores da presente pesquisa são utilizados, seguindo os parâmetros de Dancygier (1998), indispensáveis para a interpretação da condicionalidade e que contribuem para a composição do significado condicional, pois acredita-se que o

significado condicional não é resultado somente da soma do conteúdo semântico dos termos do conector, mas sim que há outros traços formais e funcionais que contribuem para que a condicionalidade seja vista nas construções iniciadas por esses conectores.

Neste trabalho, acredita-se que os conectores exemplificam casos em que há uma perda na composicionalidade sintática, uma vez que o nível de integridade sintática das partes é absoluto e nenhum dos termos que compõe o conector condicional pode sofrer nenhum tipo de alteração, mas, por outro lado, há uma conservação da semântica do advérbio que contribui com o tipo de conector condicional que se forma, pois são conectores condicionais restritivos, os quais representam casos de manutenção na composicionalidade semântica.

As propriedades das construções, a depender do objetivo da pesquisa, podem revelar resultados mais ampliados sobre o uso linguístico dos usuários de uma determinada língua natural, como é o caso dos conectores analisados nesta pesquisa, pois, após as análises, ficou bastante claro que, embora sejam instanciados pelo mesmo subesquema, eles apresentam especificidades relevantes para a descrição da rede de conectores condicionais.

4.3.2. Esquematicidade

Segundo Traugott e Trousdale (2021), a esquematicidade é a abstração de um esquema percebido pelo falante e por isso as construções são classificadas de maneira diferente na hierarquia construcional. A esquematicidade está relacionada ao modo como as línguas se organizam, visto que a dinamicidade das línguas contribui para uma constante renovação e atualização em determinada rede de construções, podendo até alterar as noções de prototipia na rede.

Portanto, inicialmente pretende-se descrever a rede esquemática na qual o subesquema [ADV DE EXCLUSÃO + SE] está situado, descrevendo-o de acordo com seu nível de abstração. Os conectores condicionais instanciados pelo subesquema [ADV DE EXCLUSÃO + SE], devido ao fato de serem formados por advérbios que não são passíveis de modificação, não podem ser atestados com alteração em sua forma, entretanto, será analisado se os slots do subesquema podem ser preenchidos com outras formas além de advérbios + se, o que revelaria se as construções instanciadas pelo subesquema são esquemáticas ou não.

Pretende-se ainda verificar se nas construções instanciadas pelo subesquema há a possibilidade de alteração ou não da posição do advérbio, o que corroboraria com a ideia de que houve a formação de um *chunking* linguístico e que as características da categoria de origem do advérbio se perderam.

4.3.3. Produtividade

Consoante com Traugott e Trousdale (2021), esta propriedade refere-se à frequência de tipo e a frequência de ocorrências. Esta propriedade da construção é importante para observar a frequência do subesquema [ADV DE EXCLUSÃO + SE].

Então, pretende-se chegar a resultados que demonstrem o modo como esse subesquema é produtivo na rede condicional, através da análise dos *types* que podem preencher os slots do subesquema, da análise dos domínios cognitivos (conteúdo, epistêmicas, atos de fala e metatextuais) das orações, da análise na variabilidade da correlação modo-temporal entre as orações envolvidas em condicionais com os conectores desta pesquisa, do tipo de assertividade nas ocorrências coletadas, do traço de predição nas amostras coletadas e da posição da oração condicional para que assim se obtenham resultados a respeito de como os conectores instanciados pelo subesquema desta pesquisa são produtivos.

Através da análise da frequência espera-se fornecer dados de como se caracteriza a produtividade do subesquema [ADV DE EXCLUSÃO + SE], pois, conforme Traugott e Trousdale (2021), quanto mais produtivas, maior são as chances de instanciar novas construções menos esquemáticas e/ou atrair novas formas para os esquemas já existentes.

5. ANÁLISE DO SUBESQUEMA [ADV DE EXCLUSÃO + SE]”

Na presente seção, encontra-se a análise e a descrição do funcionamento dos conectores **somente se**, **exceto se** e **só se** a fim de caracterizar o subesquema da rede dos conectores condicionais [ADV de exclusão + SE] no português do Brasil. Para cumprir com esse propósito, primeiramente serão expostas algumas particularidades que caracterizam os advérbios, mas que se perdem quando o advérbio se une ao conector condicional **se** para formar um conector condicional complexo

5.1 O funcionamento dos advérbios e dos conectores: posição e escopo.

Conforme Souza (2004), o advérbio nas gramáticas tradicionais, em sua função mais básica, é classificado como o termo que modifica o verbo ou um outro advérbio e que goza de certa mobilidade na oração. Entretanto, conforme esse mesmo estudo de Souza, alguns advérbios são mais bem representados se forem entendidos como partículas de foco, ou advérbios focalizadores, visto que esses tipos de advérbios são funcionalmente diferentes dos advérbios terminados em *-mente*.

Focalização, em linhas gerais, é uma função pragmática que se refere a partes das informações de destaque da oração que o falante deseja salientar para seu ouvinte, isto é, o falante pode recorrer aos meios de focalização para dar destaque a uma parte da informação e assim causar o efeito de sentido desejado no ouvinte.

Em português, a focalização pode ser realizada por meio da sintaxe, quando um termo é deslocado de sua posição preferida para outra posição de maior destaque, por meio da fonologia, quando há uma mudança na intensidade do som da fala, e também em nível morfológico, quando se recorre ao emprego de formas não usuais, mas que são utilizadas a fim de destacar uma parte da informação, como o diminutivo para se referir carinhosamente a alguém (fofinha, lindinha, gracinha...). Ainda pode ocorrer casos em que há a co-ocorrência de estratégias de focalização, isto é, há a possibilidade de ocorrer mais que uma estratégia de focalização simultaneamente, sendo assim, é possível deslocar uma palavra para uma posição de proeminência e também enunciar ela de maneira mais alta, representando assim, respectivamente, a estratégica de focalização sintática e a fonológica.

Para a compreensão do objeto deste trabalho, é mais importante observar a focalização sintática, pois conforme Gonçalves (1997; 2002) *apud* Spoladore (2017) “Em nível sintático, a focalização em português pode ser veiculada por meio do emprego de certos advérbios e quantificadores, autênticos marcadores focais, ou por meio da repetição do constituinte a ser intensificado”. Assim, o grupo de advérbios focalizadores é de especial interesse no presente estudo, uma vez que os conectores do subesquema [ADV de exclusão + se] são formados com advérbios com função de foco.

Um dos pontos principais a serem considerados para analisar o subesquema [ADV de exclusão + se] é a noção de escopo dos advérbios focalizadores, a fim de verificar se há ainda resquícios da categoria de origem. Neste direcionamento, Souza (2004) postula que os advérbios terminados em -mente podem não só escopar verbos, mas também pode até escopar sentenças inteiras, enquanto os advérbios com função focalizadora só conseguem escopar um único termo da oração. No estudo de Souza (2004), o autor apresenta o seguinte exemplo:

33) Francamente, **eu não gosto de você.**

Em (33) observa-se que o escopo do advérbio “francamente” é toda informação subsequente, visto que “francamente” refere-se a forma com que o falante diz “eu não gosto de você”, que é de maneira franca. Embora esse caso elucide um exemplo em que o advérbio tem como escopo mais de um termo, escopo amplo, pode também haver casos em que os advérbios escopam apenas um único termo, conforme são os casos mais comuns em que os advérbios modificam o verbo. Por outro lado, a análise dos advérbios focalizadores de Souza (2004) revelou que em português eles podem apenas focalizar um único termo da oração, o que remete ao foco estreito.

Na análise de Souza (2004), o autor postulou que no português brasileiro, há uma diversidade de formas que desempenham função focalizadora e, ao observar os advérbios capazes de desempenhar função de foco, ele encontrou as formas “também”, “só”, “principalmente”, “até”, “exatamente”, “inclusive”, “apenas”, “justamente”, “próprio”, “somente”, “exclusivamente”, “especialmente” e “especificamente”.

Através dessa lista, surgiu o questionamento de que a formação de conectores condicionais a partir do subesquema [ADV de exclusão + se] não ocorre somente por

conta de os advérbios serem advérbios focalizadores que ao se deslocarem para o início da oração na posição esquerda e se unir ao conector “se” formam um *chunking*, mas que na verdade o sentido do advérbio é especialmente importante para que essa união ocorra, já que “somente se” e “só se” são conectores condicionais restritivos capazes de instaurar a bicondicionalidade e em sua base adverbial há o significado de exclusão, restrição e exceção.

Assim, Souza (2004) retrata que advérbios como “só” e “apenas”, que são advérbios focalizadores, “tem como efeito a exclusão de tudo o que não está no seu escopo” e que esses tipos de advérbios possuem um comportamento mais padronizado e “lógico” do que os demais tipos de advérbios, visto que esses tipos de advérbios costumam ter um escopo definido e sua posição é dependente do termo escopado, isto é, o autor quer dizer que o comportamento desses advérbios é mais rígido, pois é encontrado sempre na posição adjacente anterior de seu escopo.

Dito isso, ao pesquisar na literatura condicional e observar a presença do conector “exceto se” na lista de Oliveira (2019) fica constatado que são os conectores que possuem valor semântico de exclusão, restrição, ou exceção são capazes de formar conectores condicionais complexos, em outras palavras, o fato de os advérbios serem focalizadores não é suficiente para garantir que eles possam formar um *chunking*, mas sim que o significado manifestado por eles é que contribui para a união com o *se* para instaurar a bicondicionalidade.

Assim, é válido dizer que, nas ocorrências com advérbios ao lado do conector “se” para formar conectores condicionais restritivos, há a manutenção de características da categoria de origem, como o sentido dos advérbios, caracterizando os conectores da presente pesquisa como parcialmente composicionais, pois são semanticamente composicionais, enquanto sintaticamente são não composicionais, pois os advérbios perdem propriedades, uma vez que, ao formar um conector condicional complexo, o advérbio se mantém em posição a esquerda do termo *se*, não permitindo nenhuma alteração de posição, enquanto nos casos em que são utilizados como advérbios há a possibilidade de alteração de posição na oração.

Por outro lado, os conectores têm função de estabelecer uma relação entre duas orações, como a de condicionalidade. Conforme explicado por Dancygier (1998), a condicionalidade pode ser manifestada através de alguns traços que a caracterizam e por

isso as construções condicionais podem ser realizadas através de diversas formas além das introduzidas pelo prototípico **se**. Conforme o exemplo abaixo:

- 34) **Exceto se** um homem nascer de novo, ele não pode VER? (Corpus do Português: <http://www.austin-sparks.net/portugues/books/002826.html>)

Em (34), o termo **exceto se** pode ser interpretado como um exemplar da rede dos conectores condicionais, pois o termo **exceto** já não é mais utilizado em sua função prototípica, de modificar um verbo, mas sim que **exceto se** une ao **se** para formar um conector complexo, em que o sentido de exceção/restricção/exclusão do advérbio é mantido ao formar um conector condicional, o que demonstra a criação de um nó na rede dos conectores de valor condicional, inserindo o “exceto se” como um conector condicional complexo restritivo. Além disso, se **exceto** for separado do conector condicional **se** não é possível resgatar o significado condicional restritivo, pois já não há mais a formação de um *chunking*. Conforme ilustram os casos abaixo em que são realizados testes com a mesma oração de (34) com o advérbio em diferentes posições na oração, bem como sem o advérbio **exceto**:

- 35) Se exceto um homem nascer de novo, ele não pode VER?
 36) Se um homem exceto nascer de novo, ele não pode VER?
 37) Se um homem nascer de novo, ele não pode VER?

Primeiramente, em (35) o escopo de exceto é “um homem” e em (36) o escopo é “nascer de novo”. Em ambos os casos, não temos mais um conector condicional complexo, mas sim o conector simples **se** atuando de maneira isolada para introduzir uma oração condicional. Além disso, é possível constatar que em todos os casos não há mais um *chunking* porque nas situações em que o advérbio é posto em outra posição na oração sem ser ao lado esquerdo do conector condicional **se**, ele retoma a função de advérbio.

Ademais, em (37) com a retirada do advérbio, não há significado de condicional restritiva, pois o conector condicional **se** estabelece uma relação de condicional neutra e esse fato corrobora com a ideia de que “exceto se” é um *chunking*, pois os termos passam a atuar em conjunto para formar um novo conector na rede dos conectores condicionais,

um conector condicional complexo restritivo capaz de instaurar a bicondicionalidade em alguns casos.

Portanto, ao aplicar os parâmetros de Kortmann (1996) que definem o que é um conector, é possível concluir que os termos instanciados pelo subesquema [ADV de exclusão + se] são de fato conectores condicionais, visto que as características dos conectores corroboram com os parâmetros estabelecidos, assim como é visto na tabela a seguir:

Tabela 3- Os conectores do subesquema [ADV de exclusão + se] conforme os parâmetros de Kortmann (1996)

Parâmetro	Sim	Não
Forma não flexionável	X ⁷	
Atua sobre uma oração	X	
Não assume funções argumentais	X	
Posição fixa na margem da oração	X	
Não pertence a determinada modalidade da língua	X	

Fonte: Elaboração própria

Quanto à rede dos conectores condicionais, Oliveira (2019b) postula que há no mais alto grau esquemático o esquema “[[CON] ORAÇÃOj] [condição]” no qual “[CON] ORAÇÃOj]” refere-se a forma, “[condição]” representa o significado que a forma desempenha e “j” é a variável utilizada pela autora para especificar a oração. Segundo a autora, esse esquema mais geral é capaz de sancionar outros menos gerais e menos abstratos na rede de conectores condicionais. A autora demonstra a existência dos seguintes subesquemas e microconstruções na rede dos conectores condicionais:

⁷ Embora o termo **somente** é uma flexão advinda de **só**, as pesquisas sobre os advérbios confirmam que esses termos são diferentes entre si, não semanticamente, mas sim funcionalmente, de tal modo que as gramáticas listam e descrevem esses termos separadamente. Assim, nesta pesquisa também se considera que esses termos são diferentes funcionalmente e a subseção 5.3 revela que funcionalmente há uma diferença entre esses termos, visto que a análise do tipo de causalidade revelou que o conector **somente se** é mais utilizado em contextos concretos, o de conteúdo, enquanto o conector **só se** é mais utilizado em contextos abstratos, no domínio de atos de fala.

Tabela 4 - Hierarquia esquemática da rede dos conectores condicionais complexos

Esquema	Subesquema	Microconstruções
[[CON] ORAÇÃO] [condição]	[V que]	Dado que Posto que Supondo que Considerando que
	[ADV que]	Contanto que
	[PREP que]	Desde que Sem que
	[ADV se]	Somente se Exceto se Só se
	[PREP N PREP]	No caso de
	[PREP N PREP que]	Na condição de que Na eventualidade de que
	[PREP NEG COP que]	A não ser que
	[PREP ADV que]	A menos que

Fonte: Oliveira (2019b) adaptado pelo autor.

A rede dos conectores condicionais complexos, conforme exposto em Oliveira (2019b), tem no mais alto grau esquemático [[CON] ORAÇÃO] [condição]; já o nível de subesquemas instaurados pelo esquema mais geral é composto pelos subesquemas [V que], [ADV que], [PREP que], [ADV se], etc; e por fim, apresenta as microconstruções instauradas pelos seus respectivos subesquemas.

Para a descrição do subesquema, optou-se por especificar também o tipo de advérbio que compõe o subesquema e, assim foi possível descrever o subesquema [ADV de exclusão + se]. Dois estudos foram especialmente significativos para que fosse

possível chegar à essa especificação no subesquema, os estudos de Garcia (2019) e Rosário e Moreira (2019).

Garcia (2019) realiza uma investigação a respeito da classificação das conjunções e dos advérbios no português do Brasil reconhecendo que ambas as classes representam classes abertas e variáveis⁸. Garcia (2019) pautou sua pesquisa através de descrições dos advérbios em gramáticas do português do Brasil, expostas abaixo:

- Celso Cunha & Lindley Cintra (Nova gramática do português contemporâneo, 1986, p. 529-541);
- Manoel Pinto Ribeiro (Gramática aplicada da língua portuguesa, 2006, p. 219-225);
- Domingos Pascoal Cegalla (Novíssima gramática da língua portuguesa, 2002, p.243-249);
- Evanildo Bechara (Moderna gramática portuguesa, 1999, p. 287-296);
- Rocha Lima (Gramática normativa do português, 1997, p. 174-177);

Garcia (2019), pautado no estudo das gramáticas acima, propõe então uma vasta classificação que une os pontos em comum entre elas, na qual os termos **exceto**, **só** e **somente** são classificados da seguinte forma:

- Advérbios de exceção: **exceto**, a não ser, além de, senão, etc.;
- Advérbios de exclusão: em vez de, salvo, apenas, **só**, **somente**, etc.

Rosário e Moreira (2019) realizam uma busca mais minuciosa a respeito do termo **exceto**, na qual eles descrevem os usos de **exceto** e suas formas compostas **exceto se**, **exceto quando** e **exceto que**. Em sua pesquisa, eles retomam Neves (2011) que havia constatado que **exceto** pode manifestar uma relação semântica de exclusão e que Castilho (2014) também faz uma classificação dos advérbios e os resume em uma lista de catorze tipos, na qual os advérbios de exclusão estão incluídos.

Através de Rosário e Moreira (2019) e Garcia (2019) é possível verificar que

⁸ Nas palavras de Garcia (2019) “classes abertas (às quais se podem acrescentar novos elementos) e variáveis (um determinado elemento pode aparecer em mais de uma categoria ou mudar de função dentro da mesma categoria)”.

exceto é um termo bastante versátil na língua portuguesa e pode ser uma preposição ou advérbio e que ambas as pesquisas demonstram que a classificação do termo **exceto** pode variar até mesmo dentro da classe dos advérbios, pois a semântica desse termo pode ser ora de exceção ora de exclusão.

Uma questão interessante elucidada por Rosário e Moreira (2019) é a de que o advérbio **exceto** ao unir-se ao conector **quando** adquire sentido bicondicional, na qual ambas as orações se implicam mutuamente, o que não acontece em casos em que o conector “quando” é utilizado sem a presença do advérbio. Observe o exemplo apresentado pelos autores:

38) A lei classifica como “ilegítimo” o uso de arma de fogo contra pessoa desarmada e veículo que desrespeite bloqueio policial em via pública, **exceto quando** representarem risco de morte ou lesão aos agentes ou a terceiros.

Com esse exemplo, os autores discutem que o uso de **exceto quando** com o verbo da oração condicional no subjuntivo são responsáveis pelo sentido bicondicional entre as orações, pois elas se implicam mutuamente. Ademais, **exceto quando** ilustra um tipo de conector condicional restritivo negativo, pois é possível verificar a inversão de polaridade entre as orações, isto é, se a oração condicional for verdadeira, então a oração núcleo é falsa ou vice-versa.

Dessa forma, a interpretação que se faz de (38) pode ser uma das alternativas a seguir: (i) “representa risco de morte ou lesão aos agentes ou a terceiros / a lei não classifica como “ilegítimo” o uso de arma de fogo contra a pessoa desarmada e veículo que desrespeite bloqueio policial em via pública”; ou “não representa risco de morte ou lesão aos agentes ou a terceiros / a lei classifica como “ilegítimo” o uso de arma de fogo contra a pessoa desarmada e veículo que desrespeite bloqueio policial em via pública”.

O uso de **exceto quando** para instaurar o sentido condicional leva à atualização da rede hierárquica dos conectores condicionais, sendo necessário inserir o subesquema [ADV + quando] no nível do subesquema na Tabela 03. Uma hipótese para a emergência desse novo *type* na rede dos conectores condicionais é a de que tenha sido motivada pelo uso frequente e convencionalizado de **exceto se** como conector condicional.

5.2 Os slots do subesquema [ADV de exclusão + se]

No decorrer deste trabalho, a fim de especificar o tipo de advérbio que faz parte do objeto de pesquisa, optou-se por descrever no subesquema o valor semântico dos advérbios analisados, mas há também outras formas que podem ser inseridos nesse mesmo subesquema, como **apenas se**, **exclusivamente se**, **salvo se**⁹, entre outros que não foram selecionadas para essa pesquisa devida à carência de ocorrências encontradas no *Corpus do Português*. Contudo, algumas ocorrências condicionais com esses conectores puderam ser encontradas, veja a seguir:

39) 2001: Pablo, você aceitaria dirigir um filme produzido em Hollywood?
 PL: Faria **apenas se** eu fosse realmente adequado ao roteiro e à proposta do filme.
 (Corpus do Português: <http://2001video.empresarial.ws/blog/?p=9800>)

40) Assim, os mentores -- que em a plataforma se chama o Wizards Lab -- prestam esse serviço exclusivamente se acreditarem em ele e são remunerados em função de os resultados, de um modo a acertar com o promotor. (Corpus do Português: <http://redebiz.net/blog/dinheiro/primeira-plataforma-portuguesa-de-crowd-funding-financ/>)

41) No caso de Nárnia, a bruxa representa o diabo. É bem adequado. Já a questão de magia eu não gosto, por ser algo expressamente condenado por Deus em a Bíblia e, **salvo se** for usado para mostrar ações de o mal, penso que é inadequado...
 (Corpus do Português: <http://andersonpeter9.blogspot.com/2011/04/flores-insetosmacrosuper-macro.html>)

A rotinização do uso de certos termos em sequência é o principal mecanismo que atua para convencionalizar esses usos como *chunkings* linguísticos, fazendo com que os termos se tornem apenas uma unidade linguística como é o caso dos termos **exceto se**, **só**

⁹ Conforme já mencionado anteriormente, foram selecionados os conectores advérbios “só” e “somente” devido as similaridades entre esses advérbios, porém também foi selecionado o advérbio “exceto” a fim de testar se o subesquema [ADV de exclusão + se] era capaz de instanciar conectores de valor restritivo negativo.

se e **somente se**, que são bastante frequentes na rede dos conectores condicionais, e, por outro lado, itens menos rotinizados são menos frequentes, como **apenas se**, **exclusivamente se** e **salvo se**.

Ademais, ao observar as ocorrências (39), (40) e (41), verifica-se que os conectores presentes nelas correspondem à conectores condicionais instanciados pelo subesquema [ADV de exclusão + se]. Portanto, a Tabela 03, da subseção anterior, poderia ser atualizada da seguinte forma:

Tabela 5 – Atualização na hierarquia esquemática da rede dos conectores condicionais complexos

Esquema ¹⁰	Subesquema	Microconstruções
<p style="text-align: center;">[[ADV CONJ¹¹] ORAÇÃOj]</p> <p style="text-align: center;">↕</p> <p style="text-align: center;">[CONDIÇÃO]</p>	[ADV que]	Contanto que
	[ADV quando]	Exceto quando
	[ADV se]	Somente se Exceto se Só se Salvo se Apenas se Exclusivamente se
<p style="text-align: center;">[[CON] ORAÇÃOj]</p> <p style="text-align: center;">↕</p> <p style="text-align: center;">[CONDIÇÃO]</p>	[PREP que]	Desde que Sem que
	[V que]	Dado que Posto que Supondo que Considerando que
	[PREP N PREP]	No caso de
	[PREP N PREP que]	Na condição de que Na eventualidade de que
	[PREP NEG COP que]	A não ser que
	[PREP ADV que]	A menos que

¹⁰ Aqui na representação esquemática a letra “j” representa a oração condicional, a seta marca a relação simbólica entre a forma e o significado da construção.

¹¹ Devido a carência de estudos que analisem esses conectores, são necessários estudos mais específicos para observar o tipo de significado restritivo que manifestam (positivo ou negativo), bem como se as construções em que eles atuam são apenas casos de bicondicionais ou também podem atuar em casos de condicionais canônicas.

Fonte: Oliveira (2019b) adaptado pelo autor.

Acima, foram expostas algumas questões referentes às diferenças dos conectores e advérbios, bem como a respeito da existência de diferentes conectores condicionais. Nas seguintes seções, os parâmetros propostos por Dancygier (1998) serão analisados, a fim de caracterizar o subesquema [ADV de exclusão + se].

5.3 Causalidade não-preenchida

Nesta subseção, será apresentado o traço da causalidade não-preenchida nas orações condicionais introduzidas pelos conectores do subesquema [ADV de exclusão + se]. Sweetser (1990) e Dancygier (1998) assumem que a relação causal entre duas orações pode ser vista através de relações que podem ser concretas e também mais subjetivas, no qual a relação de causa e consequência já não é tão facilmente verificada, sendo assim é proposta uma distinção entre quatro domínios cognitivos, são eles: o domínio de conteúdo, domínio epistêmico, atos de fala e o metatextual.

O resultado da análise das ocorrências recortadas revela que os três conectores desta pesquisa podem aparecer em todos os domínios cognitivos, mas que claramente há dois tipos de domínios cognitivos em que os conectores instanciados pelo subesquema desta pesquisa são mais frequentes. Observe os resultados abaixo:

Tabela 6: Frequência dos domínios cognitivos nas orações introduzidas por conectores do subesquema [ADV de exclusão + se]

	Somente se	Só se	Exceto se	Total de ocorrências	Total em %
Conteúdo	121	48	130	299	49,9
Epistêmica	6	14	12	32	5,3
Atos de Fala	63	125	43	231	38,5
Metatextual	10	13	15	38	6,3
			Total	600	100

Fonte: Elaboração própria.

Na tabela acima, observa-se que o domínio de conteúdo, com 299 ocorrências, e o domínio dos atos de fala, com 231 ocorrências, são mais comuns que os domínios epistêmicos, com apenas 32 ocorrências, e metatextuais, com 38. Uma frequência maior do domínio de conteúdo pode ser explicada pelo fato de que o esse domínio está mais relacionado a situações concretas e que esse tipo de condicionalidade é o tipo mais básico (OLIVEIRA e HIRATA-VALE, 2017). Por outro lado, o número também alto no domínio dos atos de fala reforça a ideia de que os conectores desta pesquisa são bastante utilizados em situações mais abstratas em que a oração condicional serve para introduzir uma situação hipotética relevante para a enunciação de um ato de fala na oração núcleo.

Entretanto, ao analisar separadamente cada conector, observa-se que os conectores **exceto se** e **somente se** são mais vistos no domínio de conteúdo, enquanto o conector **só se** é mais visto no domínio de atos de fala, entretanto as amostras analisadas forneceram apenas um direcionamento para a caracterização desses conectores, visto que seria necessária uma seleção mais específica dos tipos de textos para coletar as amostras de dados.

Os resultados apontam que o traço de causalidade não-preenchida em orações com os conectores da presente pesquisa é mais específico do que se imaginava, pois esperava-se que, devido à similaridade dos termos que formam esses conectores, eles apresentariam dados semelhantes quanto ao tipo de causalidade.

Uma questão importante a se destacar é que o domínio cognitivo de conteúdo totalizou praticamente metade das ocorrências coletadas, totalizando 49,9% das ocorrências, o que denota o fato de que a relação causal com orações introduzidas por conectores do subesquema [ADV de exclusão + se] está bastante vinculado a situações mais concretas e claras, uma vez que a leitura que se faz nesses casos é a de que o conteúdo expresso na prótase é a causa para a consequência exposta na apódose (DANCYGIER, 1998).

Os resultados da análise do traço de causalidade corroboram a noção de que, embora uma das partes do subesquema é formada pelo conector condicional “se”, prototípico da categoria condicional, e que ele é capaz de ser visto numerosamente em todos os domínios cognitivos. Nos casos da presente pesquisa, o advérbio contribui também para os tipos de domínios em que a causalidade é vista. Conforme os dados

apontam, nos casos com o subesquema desta pesquisa a causalidade ocorre em domínios mais concretos.

Ademais, o significado bicondicional nas construções com os conectores da atual pesquisa é diferente do significado canônico e esse tipo de significado é também mais comum em situações mais concretas. Dancygier (1998) demonstrou que as bicondicionais com a estrutura “se – então” não poderiam sequer serem utilizadas em casos de atos de fala, isto é, ela acreditava que as condicionais desse tipo podiam ser encontradas apenas em construções em que a causalidade era mais concreta, como no domínio de conteúdo e epistêmico, mas Souza (2015) provou que na verdade os casos de bicondicionais também podem atuar em domínios mais abstratos, como no domínio de atos de fala e metatextuais. A seguir são apresentados casos de bicondicionais com conectores do subesquema da atual pesquisa, atuando nos quatro domínios cognitivos.

Os casos (42) e (43) são exemplos de orações em que a relação causal estabelecida entre elas é a de domínio de conteúdo.

42) Em caso de gravidez múltipla, não será permitida a redução seletiva, **exceto se** houver risco à vida da gestante. (Corpus do Português: http://www.ghente.org/doc_juridicos/pl2855.htm)

43) E agora é só esperar se passar alguns dias ou meses e a sua conta será excluída. **Exceto se** você entrar em a sua conta durante o período que solicitou a exclusão, ela não será mais excluída. (Corpus do Português: <http://www.internetdicas.com.br/2013/09/como-excluir-uma-conta-do-skype.html>)

Em (42), a permissão de uma redução seletiva em caso de gravidez múltipla é uma consequência de haver risco à vida da gestante, ou seja, a condição única expressa na oração “**exceto se** houver risco à vida da gestante” é a causa de ser permitida a redução seletiva. Já em (43), a consequência de a conta ser, ou não, excluída está ligada à situação condicional expressa em “**Exceto se** você entrar em a sua conta durante o período que solicitou a exclusão”, assim para que a conta não seja excluída é necessário que o usuário não entre em sua conta no período da solicitação da exclusão, porém essa situação não pode ser entendida como verdade, pois o conector condicional **exceto se** introduz uma

situação hipotética, não factual.

Os casos em que a causalidade no domínio de conteúdo pode ser vista estão mais ligados a situações reais e por isso esse tipo de causalidade é mais concreto e menos subjetivo que os outros domínios, como o epistêmico, atos de fala, metatextual.

O domínio epistêmico, diferentemente do domínio de conteúdo, apresenta casos em que as informações das orações estão baseadas nas crenças e atitudes dos falantes. Nesses casos há uma relação entre inferências epistêmicas e não mais uma relação entre estados de coisas (OLIVEIRA, 2017). As ocorrências desse tipo de domínio cognitivo totalizaram apenas 5,3% dos casos. Os exemplos abaixo ilustram casos do domínio epistêmico.

44) Ninguém vale nada, **exceto se** tiver muito dinheiro ou sucesso profissional, pois há um culto à fama, igualmente, o que não ajuda em nada. (Corpus do Português: <http://www.maistato.com.br/2012/08/07/a-dificil-arte-do-dialogo/>)

45) Por isso que em tese as motos podem ser mais rápidas que as bicicletas, **só se** elas andarem fora de a lei. (Corpus do Português: <http://www.apocalipsemotorizado.net/2009/09/28/como-pode-uma-bicicleta-ser-mais-rapida-que-um-helicoptero/>)

O exemplo de domínio epistêmico ilustrado em (44) mostra que o conteúdo expresso na oração núcleo “Ninguém vale nada” está condicionado ao conhecimento expresso do conteúdo na oração condicional “**exceto se** tiver muito dinheiro ou sucesso profissional” e esse tipo de relação é marcado pela noção de que a apódose é uma conclusão da suposição da prótase (NEVES, 2000). Em (45), que exemplifica também um caso de domínio epistêmico, o conteúdo da apódose “Por isso que em tese as motos podem ser mais rápidas que as bicicletas” é uma constatação possível a partir do conteúdo hipotético da oração condicional introduzida por **só se**, isto é, a condição especificada na prótase “**só se** elas andarem fora de a lei” é o que possibilita a constatação na oração núcleo, pois o entendimento de que as motos podem andar mais rápidas que as bicicletas só é possível através do conhecimento de que as leis de trânsito especificam as velocidades das motos, enquanto as leis para a circulação de bicicletas, nem sempre é

sinalizada através de placas, denotando que elas podem andar em qualquer velocidade.

Os exemplos acima de domínio epistêmico manifestam um tipo de causalidade mais abstrata, mas ainda possuem uma relação menos abstratas que as ocorrências de atos de fala, que por sua vez já possui uma relação causal bem mais abstrata que as epistêmicas.

Os casos de atos de fala totalizaram 38,5% das ocorrências dos resultados das análises da atual pesquisa e compõem o segundo maior tipo de relação causal vista entre as orações condicionais introduzidas pelos conectores do subesquema [ADV de exclusão + se]. Outro fato importante a se destacar é que o conector **só se** foi o conector que apresentou um maior número de ocorrências desse tipo, enquanto os outros conectores apresentaram um maior número do domínio de conteúdo, o que demonstra que o conector **só se** é mais usado em contextos abstratos que os demais.

A noção causal das ocorrências de atos de fala já é bem mais intersubjetiva que o domínio epistêmico e a relação causal que se vê nesses casos tem uma leitura de que o ato de fala na oração secundária é ocasionado e/ou é relevante a partir do conteúdo descrito na oração condicional ou, conforme Sweetser (1990), “considere p e eu executo esse ato de fala”. Observe os casos (46) e (47) que exemplificam esse domínio cognitivo:

46) Uma vez eu perguntei se podia dar arroz ou feijão... ela disse que não... **só se** for bem empapado... por exemplo... o arroz com caldo de feijão... que não deixa de ser uma sopa.. (Corpus do Português: <http://www.asdeliciasdodudu.com.br/2012/01/mudando-os-habitos-alimentares.html>)

47) mas se ame mais e **NÃO VOLTE PRA ELE**. **só se** ele fizer muito por merecer! (Corpus do Português: <http://www.diariodemulher.com/Amor-e-Sexo/10-conselhos-para-superar-um-fim-de-namoro.>)

Os casos de atos de fala são mais subjetivos, pois se relacionam com as intenções do falante e os casos acima refletem esses casos. Em (46) e (47), o falante considera a relevante mencionar a condição na qual o conteúdo da oração secundária poderia ser realizado. Em (46) o falante especifica na oração condicional a única situação possível

em que “se podia dar arroz ou feijão” que é “só se for bem empapado”. Similarmente é o caso em (47), pois o falante orienta o ouvinte a respeito da condição necessária para que se realize o conteúdo da apódose, na qual o falante menciona que “só se ele fizer muito por merecer” é que então o conselho da apódose “não volte para ele” deve ser considerado.

É interessante notar que a relação causal nesses casos é bem mais diluída que os casos mais concretos e que a dependência entre as informações contidas na prótase e na apódose é ainda maior, pois o significado entre as orações está relacionado ao contexto interacional em que o falante julga ser necessário enunciar um ato de fala para orientar o ouvinte a respeito das informações.

As ocorrências do domínio de ato de fala podem contemplar casos em que o falante seja mais assertivo e demonstre marcas de seu conhecimento a respeito das informações contidas nas orações ao realizar uma indicação, um conselho, uma ordem, um aviso, um comentário, entre outras funções comunicativas e não somente orações interrogativas. Veja os casos (48) e (49) que representam, respectivamente, um caso em que há um aviso na prótase “exceto se for o mesmo tamanho e modelo” e um conselho na prótase “exceto se desejeis multar-me de uma quantia que eu tenha possibilidade de pagar”.

48) Não recomendo fazer a cópia de uma partição via DD para um hD diferente de o original (**exceto se** for o mesmo tamanho e modelo). (Corpus do Português: <http://br-linux.org/tutoriais/003156.html>)

49) Mas não possuo dinheiro e não posso fazer isso, **exceto se** desejeis multar-me de uma quantia que eu tenha a possibilidade de pagar. (Corpus do Português: <http://www.mundodosfilosofos.com.br/socrates3.htm>)

O último tipo de causalidade elencado por Dancygier (1998) refere-se aos casos de metatextuais e se assemelham aos casos de atos de fala, pois também são caracterizados pela existência de atos de fala, mas nos casos de metatextuais, como o próprio nome sugere, há uma retomada de parte do texto anterior com intuito de expandir o conhecimento do ouvinte acerca das informações. Através das análises realizadas,

constatou-se que o subesquema da presente pesquisa tem baixa capacidade de acionar casos que envolvem esse domínio cognitivo. Os resultados de casos de metatextuais totalizaram apenas 6,3% dos casos das ocorrências analisadas. Observe o exemplo abaixo:

50) Verifique as opções de energia em o Painel de Controle, e configure a opção "« Economia de Bateria "» ou algo parecido para que diminua o brilho de o LCD, desabilite as portas USB (**somente se** você não as usar com frequência) e também para ativar o modo de gerenciamento térmico e de o processador. (Corpus do Português: http://www.blogdoaudio.com/2011/04/bateria-do-meu-notebook-esta-o-que_8146.html)

Em (50), o pronome “as” faz retomada anafórica de “portas USB” e essa retomada permite que o ouvinte saiba perfeitamente de qual objeto o falante está dizendo, pois é provável que no momento discursivo o falante perceba que há dúvida a respeito do que foi enunciado, ou que ele queira especificar de qual objeto está falando e por isso ao realizar a oração condicional, ele escolha formas anafóricas na oração condicional. Assim, as orações metatextuais podem ser entendidas como um comentário, adendo, uma correção, uma especificação sobre informações anteriores.

Como mencionado anteriormente, a causalidade é o que revela a relação de causa e consequência entre as orações e que ela pode ser vista em construções mais concretas e em mais subjetivas, nas quais a relação de causalidade já está bastante diluída e é necessário que se recorra à uma interpretação mais cautelosa das orações. A análise desse traço revelou que a causalidade entre orações que envolvam conectores instanciados pelo subesquema [ADV de exclusão + se] pode ser vista em todos os domínios cognitivos propostos por Dancygier (1998) e, portanto, é possível afirmar que os conectores da atual pesquisa se aproximam do conector prototípico **se**, pois conectores mais periféricos atuam, normalmente, em contextos mais concretos.

5.4 Correlação modo-temporal

A presente seção tem como objetivo discutir as combinações modo-temporais em construções condicionais introduzidas por conectores do subesquema [ADV de exclusão

+ SE]. Para melhor sistematizar as combinações possíveis, os resultados foram expostos nas tabelas a seguir. Sendo assim, em cada tabela encontram-se os resultados das 200 ocorrências analisadas indicando o tempo verbal da prótase a apódose e a quantidade de ocorrências que cada combinação foi encontrada.

Além disso, essas combinações modo-temporais, foram descritas a fim de analisar os traços da condicionalidade estabelecidos por Dancygier (1998) que são essenciais para a interpretação do subesquema [ADV de exclusão + se]. Portanto, essas combinações verbais serão discutidas ao longo da seção de análise nos traços de predição, distância epistêmica e não-assertividade, em busca de caracterizar a composicionalidade, esquematicidade e produtividade.

Tabela 7: Correlação modo-temporal das orações introduzidas por "exceto se"

Exceto se			
Nº	Prótase	Apódose	Total
1.	Futuro do Subjuntivo	Presente do Indicativo	48
2.	Infinitivo	Presente do Indicativo	28
3.	Futuro do Subjuntivo	Futuro do Presente do Indicativo	17
4.	Futuro do Subjuntivo	LV: Presente do Indicativo + Infinitivo	14
5.	Infinitivo	Futuro do Presente do Indicativo	11
6.	Futuro do Presente do Indicativo	Futuro do Subjuntivo	4
7.	Futuro do Subjuntivo	Infinitivo	2
8.	Pretérito Perfeito do Indicativo	Presente do Indicativo	2
9.	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	Futuro do Pretérito do Indicativo	4
10.	Infinitivo	Futuro do Subjuntivo	2
11.	Futuro do Subjuntivo	Infinitivo	3
12.	Sem verbo	Futuro do Presente do Indicativo	3
13.	Futuro do Subjuntivo	Pretérito Perfeito do Indicativo	2
14.	Futuro do Presente do Indicativo	Futuro do Presente do Indicativo	1
15.	Infinitivo	Infinitivo	4
16.	Particípio Passado	Presente do Indicativo	4
17.	Sem verbo	Presente do Indicativo	9
18.	Sem verbo	Futuro do Pretérito do Indicativo	1
19.	Pretérito Perfeito do Indicativo	Pretérito Imperfeito do Indicativo	1
20.	LV: Presente do Indicativo + Infinitivo	Presente do Indicativo	2
21.	Futuro do Subjuntivo	Sem verbo	5
22.	Particípio Passado	Futuro do Presente do Indicativo	1
23.	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	Infinitivo	1

24.	Infinitivo	Sem verbo	2
25.	Infinitivo	LV: Presente do Indicativo + Infinitivo	6
26.	Particípio Passado	Infinitivo	1
27.	Presente do Indicativo	Presente do Indicativo	2
28.	Futuro do Subjuntivo	Presente do Subjuntivo	4
29.	Pretérito Imperfeito do Indicativo	Presente do Indicativo	1
30.	LV: Pretérito Imperfeito do Subjuntivo + Infinitivo	Futuro do Pretérito do Indicativo	1
31.	Presente do Subjuntivo	Presente do Indicativo	1
32.	Infinitivo	LV: Futuro do Presente do Indicativo + Particípio Passado	1
33.	Futuro do Subjuntivo	LV: Presente do Indicativo + Particípio Passado	1
34.	LV: Futuro do Subjuntivo + Infinitivo	Presente do Indicativo	1
35.	Infinitivo	Presente do Subjuntivo	1
36.	LV: Futuro do Subjuntivo + Particípio Passado	Presente do Indicativo	2
37.	Futuro do Subjuntivo	Imperativo	3
38.	Particípio Passado	Presente do Indicativo	2
39.	Presente do Indicativo	Imperativo	1
40.	Gerúndio	Presente do Indicativo	1
Total			200

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 8: Correlação modo-temporal das orações introduzidas por "só se"

Só se			
Nº	Prótase	Apódose	Total
1.	Futuro do Subjuntivo	Presente do Indicativo	43
2.	Futuro do Subjuntivo	Sem verbo	33
3.	Futuro do Subjuntivo	Infinitivo	18
4.	Futuro do Subjuntivo	LV: Presente do Indicativo + Infinitivo	10
5.	Infinitivo	Presente do Indicativo	9
6.	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	Sem verbo	7
7.	Futuro do Presente do Indicativo	Futuro do Subjuntivo	4
8.	Infinitivo	Futuro do Presente do Indicativo	1
9.	Pretérito Perfeito do Indicativo	Presente do Indicativo	2
10.	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	Futuro do Pretérito do Indicativo	5

11.	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	Presente do Indicativo	3
12.	Infinitivo	Futuro do Subjuntivo	2
13.	Futuro do Subjuntivo	Pretérito Perfeito do Indicativo	4
14.	Futuro do Subjuntivo	Futuro do Presente do Indicativo	1
15.	Presente do Indicativo	Infinitivo	1
16.	Infinitivo	Infinitivo	3
17.	LV: Presente do Indicativo + Infinitivo	Presente do Indicativo	1
18.	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	Infinitivo	4
19.	Infinitivo	LV: Presente do Indicativo + Infinitivo	3
20.	Presente do Indicativo	Presente do Indicativo	6
21.	Pretérito Imperfeito do Indicativo	Presente do Indicativo	2
22.	Pretérito Imperfeito do Indicativo	LV: Pretérito Imperfeito do Subjuntivo + Particípio Passado	1
23.	LV: Futuro do Subjuntivo + Particípio Passado	Futuro do Presente do Indicativo	1
24.	LV: Futuro do Subjuntivo + Gerúndio	Presente do Indicativo	1
25.	Futuro do Subjuntivo	Imperativo	1
26.	Presente do Indicativo	Imperativo	1
27.	Gerúndio	Futuro do Presente do Indicativo	1
28.	LV: Futuro do Subjuntivo + Infinitivo	Presente do Indicativo	1
29.	Futuro do Presente do Indicativo	LV: Futuro do Presente do Indicativo + Infinitivo	1
30.	Pretérito Perfeito do Indicativo	Pretérito Perfeito do Indicativo	1
31.	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	LV: Futuro do Pretérito do Indicativo + Infinitivo + Particípio passado	1
32.	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	LV: Futuro do Pretérito do Indicativo + Infinitivo	1
33.	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	LV: Presente do Indicativo + Infinitivo	2
34.	LV: Futuro do Subjuntivo + Infinitivo	Sem verbo	1
35.	Infinitivo	LV: Futuro do Presente do Indicativo + Infinitivo	2

36.	LV: Pretérito Imperfeito do Subjuntivo + Particípio Passado	LV: Futuro do Pretérito do Indicativo + Infinitivo	1
37.	Pretérito Perfeito do Indicativo	LV: Pretérito Imperfeito do Indicativo + Infinitivo	1
38.	Gerúndio	LV: Pretérito Imperfeito do Indicativo + Infinitivo	1
39.	LV: Futuro do Subjuntivo + Particípio Passado	LV: Presente do Indicativo + Infinitivo	1
40.	LV: Futuro do Subjuntivo + Gerúndio	Sem verbo	1
41.	LV: Pretérito Perfeito do Indicativo + Particípio Passado	Sem verbo	1
42.	LV: Presente do Indicativo + Particípio Passado	Futuro do Presente do Indicativo	2
43.	Futuro do Subjuntivo	LV: Futuro do Presente do Indicativo + Gerúndio	1
44.	Pretérito Imperfeito do Indicativo	Pretérito Imperfeito do Indicativo	1
45.	Pretérito Imperfeito do Indicativo	LV: Presente do Indicativo + Infinitivo	1
46.	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	Pretérito Imperfeito do Indicativo	6
47.	Gerúndio	Infinitivo	1
48.	LV: Infinitivo + Gerúndio	Presente do Indicativo	1
49.	LV: Pretérito Imperfeito do Subjuntivo + Infinitivo	LV: Futuro do Pretérito do Indicativo + Infinitivo	1
50.	Futuro do Subjuntivo	LV: Futuro do Presente do Indicativo + Infinitivo	1
51.	LV: Futuro do Subjuntivo + Infinitivo	Futuro do Presente do Indicativo	1
Total			200

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 9: Correlação modo-temporal das orações introduzidas por "somente se"

Somente se			
Nº	Prótase	Apódose	Total
1)	Futuro do Subjuntivo	Presente do Indicativo	49
2)	Futuro do Subjuntivo	Futuro do Presente do Indicativo	20
3)	Infinitivo	Futuro do Presente do Indicativo	11
4)	Futuro do Subjuntivo	LV: Presente do Indicativo + Infinitivo	9
5)	Presente do Indicativo	Presente do Indicativo	9
6)	Futuro do Subjuntivo	Infinitivo	7
7)	Infinitivo	Presente do Indicativo	7

8)	Presente do Indicativo	Futuro do Subjuntivo	1
9)	Futuro do Presente do Indicativo	Futuro do Subjuntivo	3
10)	Presente do Indicativo	LV: Presente do Indicativo + Infinitivo	4
11)	Pretérito Perfeito do Indicativo	Presente do Indicativo	3
12)	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	Futuro do Pretérito do Indicativo	3
13)	Infinitivo	Futuro do Subjuntivo	1
14)	Futuro do Subjuntivo	Pretérito Perfeito do Indicativo	1
15)	Presente do Indicativo	Pretérito Perfeito do Indicativo	2
16)	Infinitivo	Infinitivo	1
17)	Sem verbo	Presente do Indicativo	2
18)	Futuro do Subjuntivo	Sem verbo	2
19)	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	2
20)	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	Pretérito Imperfeito do Indicativo	2
21)	Infinitivo	Presente do Indicativo	3
22)	Infinitivo	Sem verbo	1
23)	Infinitivo	LV: Presente do Indicativo + Infinitivo	7
24)	Presente do Indicativo	Presente do Subjuntivo	2
25)	LV: Pretérito Imperfeito do Subjuntivo + Infinitivo	Futuro do Pretérito do Indicativo	1
26)	Futuro do Subjuntivo	LV: Futuro do Presente do Indicativo + Infinitivo	2
27)	LV: Futuro do Subjuntivo + Infinitivo	Presente do Indicativo	2
28)	LV: Futuro do Subjuntivo + Infinitivo	Futuro do Pretérito do Indicativo	1
29)	Futuro do Subjuntivo	Imperativo	6
30)	Particípio Passado	Presente do Indicativo	1
31)	Presente do Indicativo	Imperativo	1
32)	Gerúndio	Presente do Indicativo	5
33)	Futuro do Presente do Indicativo	Futuro do Presente do Indicativo	1
34)	Futuro do Presente do Indicativo	Gerúndio	2
35)	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	Gerúndio	1
36)	Presente do Indicativo	Gerúndio	1
37)	Infinitivo	Imperativo	5
38)	Imperativo	Infinitivo	1
39)	LV: Futuro do Subjuntivo + Particípio Passado	Futuro do Presente do Indicativo	1
40)	Infinitivo	Gerúndio	1
41)	Sem verbo	Gerúndio	1

42)	Futuro do Subjuntivo	Futuro do Pretérito do Indicativo	2
43)	Particípio Passado	Futuro do Pretérito do Indicativo	1
44)	Sem verbo	Sem verbo	1
45)	Sem verbo	LV: Futuro do Presente do Indicativo + Infinitivo	1
46)	Futuro do Subjuntivo	LV: Futuro do Presente do Indicativo + Infinitivo	1
47)	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	Futuro do Presente do Indicativo	1
48)	Infinitivo	LV: Futuro do Subjuntivo + Infinitivo	2
49)	Presente do Indicativo	Sem verbo	1
50)	LV: Futuro do Subjuntivo + Gerúndio + Infinitivo	LV: Futuro do Presente do Indicativo + Infinitivo	1
51)	Particípio passado	LV: Presente do Indicativo + Infinitivo	1
52)	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	LV: Futuro do Pretérito do Indicativo + Infinitivo	1
53)	Pretérito Perfeito do Indicativo	Futuro do Presente do Indicativo	1
54)	LV: Futuro do Subjuntivo + Infinitivo + Particípio Passado	LV: Presente do Indicativo + Infinitivo + Particípio Passado	1
Total			200

Fonte: Elaboração própria.

Após a apresentação das tabelas com as combinações modo-temporais, alguns resultados podem ser percebidos: (i) a análise dos dados revela que nos três conectores a combinação mais frequente é a do futuro do subjuntivo na prótase (na oração condicional) com o presente do indicativo na apódose (na oração núcleo); (ii) as amostras recortadas provaram que os três conectores podem acionar diversas combinações modo-temporais, o que revela que esses conectores já estão bastante convencionalizados entre os falantes; (iii) diversas combinações com locuções verbais são utilizadas em construções com os conectores do subesquema [ADV de exclusão + SE]; (iv) combinações que envolvem particípio passado ou verbos no imperativos são pouco frequentes.

Do total de 600 ocorrências analisadas, 140 delas (ou 23,33%) são da combinação temporal mais utilizada nas orações condicionais introduzidas por **somente se, exceto se e só se**, que são as ocorrências em que na oração condicional há o futuro do subjuntivo e na oração núcleo há o presente do indicativo, revelando uma certa similaridade quanto ao

uso do subesquema na língua portuguesa. Os três conectores apresentaram um número de ocorrências parecido envolvendo essa combinação, o que totalizou no número de 48 ocorrências envolvendo o conector **exceto se**, 43 ocorrências envolvendo o **só se** e 49 ocorrências com **somente sem**, conforme as ocorrências abaixo:

51) Não podemos possuir em simultâneo mais de 50 itens de este tipo, **exceto se** aplicarmos o item de o Catálogo de o EASFC que permite aumentar o tamanho de a pilha de consumíveis para 75. (Corpus do Português: <http://www.fifauteam.com/pt/guia-consumiveis-fifa-13-ultimate-team/>)

52) Ela acredita que a realidade mudará **somente se** forem feitos investimentos em a capacitação de as mulheres para o mercado de trabalho. (Corpus do Português: <http://blog.opovo.com.br/direitoeinformacao/maria-da-penha-diz-que-lei-precisa-chegar-a-pequenos-municipios/>)

53) [...] mas nada justifica eu fazer uma cesárea desnecessária, **só se** for em último caso, para salvar nossas vidas ou coisa de o tipo, e sem contar o aleitamento, amamentei minha primeira filha até um ano e nove meses. (Corpus do Português: <http://amaequequeroser.wordpress.com/2012/04/01/5-motivos-para-agendar-uma-cesarea-com-36-semanas/>)

5.5 Não-assertividade

A não-assertividade em construções condicionais é marcada pela semântica do conector que introduz uma oração condicional, entretanto não são somente os conectores que contribuem para a interpretação desse traço, mas também as formas verbais utilizadas nas orações. Nesse âmbito, Dancygier (1998) postula que o conector condicional **se** é suficiente para marcar o traço de não-assertividade, uma vez que seu significado implica em uma leitura não-assertiva, isto é, não verdadeira, visto que as informações nas orações introduzidas por esse conector não podem ser assumidas como factuais, mas sim como possibilidades.

Tais considerações corroboram os argumentos de Ferrari (2000) que afirma “a

conjunção “se” estabelece a não-assertividade do evento sob seu escopo. No caso do futuro do subjuntivo, o tipo de não-assertividade codificado baseia-se na falta de evidências para a afirmação”, demonstrando que a semântica do conector **se** é suficiente para estabelecer o traço de não-assertividade e que nas ocorrências condicionais com a presença de outros conectores é a conjugação verbal no subjuntivo, que aciona um cenário de dúvidas a respeito das informações, é que garante a presença do traço de não-assertividade. Logo, o fato de um dos slots do subesquema [ADV de exclusão + SE] ser formado pelo conector prototípico **se** garante a interpretação não-assertiva nas ocorrências que envolvem as microconstruções acionadas pelo.

Do total de 600 ocorrências analisadas, 140 delas (ou 23,33%), representam ocorrências em que o verbo da oração condicional se encontra no futuro do subjuntivo e o verbo da oração núcleo se encontra no presente do indicativo, o que corrobora ainda mais com interpretação de que os conectores dessa pesquisa representam casos de conectores que marcam o traço de não-assertividade, pois o modo do subjuntivo demonstra a incerteza acerca das informações, as quais não podem ser consideradas como verdades, mas sim como possibilidades de realização.

Assim, o que se pode concluir é que o traço da não-assertividade marcado pelo conector **se** também é visto nos conectores condicionais complexos formados com ele, pois ele introduz informações que não podem ser atestadas e assumidas como verdade, mas que todo o conteúdo da oração condicional deve ser levado em consideração como uma hipótese para a realização das informações, confirmando assim a hipótese de que o traço de não-assertividade seria transportado para os conectores complexos. Além disso, o fato de os resultados apresentarem uma maioria das orações condicionais com verbo no subjuntivo contribui ainda mais com a leitura da não-assertividade, pois, conforme Givón (1995), a escolha pelo modo subjuntivo revela a incerteza acerca das informações.

5.6 Postura epistêmica

Conforme os postulados de Dancygier (1998), a postura epistêmica também é um traço da condicionalidade que pode ser analisada através do modo e do tempo verbal empregado nas orações. Esse traço está ligado ao posicionamento do falante a respeito do enunciado. Embora a postura epistêmica possa ser positiva, negativa ou neutra, esse traço,

nas construções condicionais, pode ser visto em apenas duas dessas formas: (i) a posição neutra, que compreende os casos em que o falante não deixa claro seu posicionamento perante o enunciado e, portanto, não se compromete e nem se descompromete com a verdade das informações do que foi enunciado; (ii) a posição negativa, que é quando o falante deixa claro seu descomprometimento com o que está sendo enunciado, pois não crê que o enunciado seja possível de acontecer no mundo real.

Dancygier e Sweetser (2005) sinalizam que a postura epistêmica é em muitos dos casos facilmente percebida, quando há um verbo no modo subjuntivo na oração condicional, pois os verbos nesse modo indicam incerteza a respeito das informações. Através da análise das ocorrências observou-se que o maior número delas são de combinações verbais em que na oração condicional o verbo foi utilizado no futuro do subjuntivo, enquanto na oração núcleo havia o presente do indicativo. Veja abaixo a tabela com os resultados dessa combinação:

Tabela 10 - Frequência da mais numerosa correlação modo-temporal nas orações introduzidas pelas microconstruções instanciadas pelo subesquema [ADV de exclusão + se]

Conector	Maior correlação modo-temporal	Quantidade de ocorrências
Somente se	Prótase: Futuro do subjuntivo Apódose: Presente do Indicativo	49
Só se	Prótase: Futuro do subjuntivo Apódose: Presente do Indicativo	43
Exceto se	Prótase: Futuro do subjuntivo Apódose: Presente do Indicativo	48
TOTAL		140

Fonte: Elaboração Própria

Nota-se que os três conectores analisados apresentaram resultados semelhantes quanto ao uso específico de uma forma verbal, o uso do subjuntivo, que sinaliza postura epistêmica neutra do falante a respeito do que está sendo enunciado, visto que os três conectores apresentaram o maior número de ocorrências com a mesma combinação verbal. Conforme os exemplos abaixo:

54. Afinal, somente se **estiverem** suficientemente insatisfeitas com as instituições é que as pessoas estarão abertas a aceitarem o sistema de o Anticristo e seus planos. (Corpus do Português: <http://www.espada.eti.br/eventos.htm>)

55. Não precisa se preocupar, pois para fazer uma perícia de revisão você será avisado, por AR ou Edital. Normalmente não chamam a cada dois anos, só se **houver** denúncia de que viram você trabalhando ou fazendo alguma atividade incompatível com sua incapacidade. (Corpus do Português: <http://www.aposentadorias.net/2010/02/o-tempo-em-auxilio-doenca-e-considerado.html>)

56. Os veículos de comunicação de Rondônia receberam uma recomendação de o Ministério Público Federal em o estado (MPF / RO) para que não divulguem os serviços de a Telexfree, exceto se a divulgação **for** de notícias que informem e esclareçam a população sobre as restrições de atividades de a empresa por força de decisão judicial. (Corpus do Português: http://www.jaenoticia.com.br/imprimir_noticia/2168/MPF-recomenda-que-veiculos-nao-promovam-Telexfree)

É possível dizer que os três casos acima manifestam a postura epistêmica neutra, pois as informações contidas na prótase são concebidas como possíveis de acontecer, uma vez que o usuário da língua faz uso do verbo no modo subjuntivo para marcar seu desconhecimento a respeito da verdade dessas informações, isto é, o usuário da língua não considera o conteúdo da prótase e nem desconsidera. O que ocorre nesses casos é que o usuário da língua não afirma o conteúdo das orações como certeza, conforme denota o uso do subjuntivo, mas sim que são possíveis de acontecerem, e Neves (2000) ressalta que o modo subjuntivo, o modo da dúvida, indica baixa probabilidade a respeito da realização situação na oração condicional.

Enquanto a Tabela 08 e os exemplos (54) a (56) referem-se à correlação modo-temporal das ocorrências que apresentaram postura epistêmica neutra, uma outra pequena parcela dos resultados apresentaram postura epistêmica negativa, na qual o falante não acredita que as informações são realmente possíveis de ocorrer. As ocorrências

encontradas que apresentaram postura epistêmica negativa, ou seja, as ocorrências que apresentaram impossibilidade de acontecerem no mundo real, totalizaram 66 ocorrências dentre as 600 ocorrências coletadas.

As 66 ocorrências encontradas com traço de postura epistêmica negativa apresentaram formas verbais em que o usuário da língua se distancia negativamente da verdade das informações, pois ele acredita que as informações contidas não são capazes de serem realizadas no mundo real, diferentemente do que a postura neutra revela. Dessa forma, nos casos em que há uma postura negativa em relação às informações, o usuário da língua não acredita mais na possibilidade de que o evento da oração condicional acontecerá. Dancygier e Sweetser (2005) postulam que os tempos verbais no pretérito indicam uma distância temporal e, portanto, os casos que envolvem esse tempo verbal na oração condicional tendem a demonstrar a impossibilidade de realização do evento, uma vez que o usuário da língua já tem conhecimento acerca da realização. Abaixo é apresentada a frequência das ocorrências com esse tipo de postura epistêmica:

Tabela 11 - Frequência de ocorrências com formas verbais na prótase que indicam postura epistêmica negativa

Conector	Formas verbais com postura negativa na prótase	Quantidade de ocorrências
Exceto se	Pretérito Perfeito do Indicativo; Pretérito Imperfeito do Subjuntivo; Pretérito Imperfeito do Indicativo; LV: Pretérito Imperfeito do Subjuntivo + Infinitivo.	10
Só se	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo; Pretérito Perfeito do Indicativo; Pretérito Imperfeito do Indicativo; LV: Pretérito Imperfeito do Subjuntivo + Particípio Passado; LV: Pretérito Imperfeito do Subjuntivo + Infinitivo.	41
Somente se	Pretérito Perfeito do Indicativo; Pretérito Imperfeito do Subjuntivo; LV: Pretérito Imperfeito do Subjuntivo + Infinitivo.	15

TOTAL	66
-------	----

Fonte: Elaboração própria

Através da tabela acima, fica claro que os conectores condicionais instanciados pelo subesquema [ADV de exclusão + se] não são tão frequentes em usos que marcam uma postura epistêmica negativa, pois do total de 600 ocorrências coletadas para análise, apenas 66 apresentaram formas verbais que sinalizam uma dissociação do falante a respeito do que está sendo enunciado. Entretanto, esses mesmos conectores apresentaram uma similaridade das formas utilizadas na postura epistêmica negativa, pois, conforme a tabela acima, é necessário que o verbo da oração condicional esteja no pretérito para indicar esse tipo de postura, conforme os exemplos (57) a (59).

Em (57) o usuário não acredita que “o movimento foi realizado”, pois ao retomar os postulados de Aristóteles, o falante quer dizer que a possibilidade do movimento ocorrer estava condicionada à uma única condição que era “somente se forças fossem aplicadas” e que, portanto, o uso do verbo no “ser” conjugado no Pretérito Imperfeito do Subjuntivo indica uma incerteza, pois o modo subjuntivo denota que o usuário aciona uma conjugação verbal que indica dúvida acerca das informações, mas nesse caso a informação pode ser entendida como uma certeza da não-realização do evento, visto que o pretérito indica que ele já possui conhecimento de que a condição não foi satisfeita e portanto o movimento não ocorreu.

Em (58) a impossibilidade do evento “Obama ter ido para Marte” é indicada pelo verbo “ir” no Pretérito Perfeito do Indicativo na oração condicional “Só se ele **foi assistindo** Marvin, o Marciano” em que o falante aciona um tempo verbal que indica que ele já possui conhecimento acerca da realização de “Obama ter ido para Marte” e não acredita que isso ocorreu de fato, tanto que ele condiciona a realização do evento a uma única condição que é impossível de se realizar no mundo real visto que Marvin é um personagem fictício, então a condição é interpretada como um comentário irônico a respeito da ida de Obama à Marte.

O último exemplo de postura epistêmica negativa, apresentado em (59), o verbo “aprender” no Pretérito Perfeito do Indicativo fornece indícios de que a informação contida na oração condicional “exceto se por uma graça de Deus **aprenderam** a arte de morrer bem” é vista como incerta de sua realização.

57) De acordo com Aristóteles o movimento era possível somente se forças **fossem** aplicadas e inevitavelmente cessaria sem elas. (Corpus do Português: http://www.bertolo.pro.br/fisica_cosmologia/RELATIVIDADE.htm)

58) Obama teria sido um de os 10 jovens selecionados para se teletransportar secretamente para Marte. Oficialmente, a Casa Branca diz que Obama nunca foi para Marte. "« Só se ele **foi assistindo** Marvin, o Marciano "», disse, ironicamente, Tommy Vietor, porta-voz de o Conselho de Segurança Nacional. (Corpus do Português: <http://arquivoufo.com.br/2013/09/02/andrew-basiago-o-homem-que-ja-viajou-no-tempo-e-foi-teletransportado-para-marte/>)

59) Aqueles dizem possuir fé ` sem hipocrisia', não acreditam naquilo que dizem crer, ou não vivem de acordo com os mandamentos da Igreja Católica; e, por isso, demonstram pela sua conduta que ainda não começaram a viver bem, nem podem ter esperança de uma morte feliz, exceto se por uma graça de Deus **aprenderam** a arte de morrer bem. (Corpus do Português: <http://beinbetter.wordpress.com/2012/11/02/a-justificacao-vem-pela-fe-desde-que-verdadeira-e-sincera/>)

Assim, os exemplos de ocorrências que apresentaram resultados de postura epistêmica neutra ou negativa deixam claro que este traço está presente nos conectores condicionais analisados, entretanto uma particularidade nos resultados de postura epistêmica chama a atenção para um outro resultado divergente também notado através das análises deste trabalho, que são os usos com o conector **só se** que divergiram dos demais conectores.

O fato é que na subseção 5.2, na qual se encontra o resultado do traço da causalidade não-preenchida, dentre os três conectores instanciados pelo subesquema [ADV de exclusão + se], o conector **só se** apresentou um resultado maior de ocorrências do domínio de atos de fala, enquanto os demais apresentaram um maior resultado do domínio de conteúdo.

Aqui, conforme a tabela 10, a frequência do tipo de postura epistêmica negativa

do conector **só se** também apresentou um número relativamente maior que os demais conectores, totalizando um total de 41 ocorrências com postura negativa, enquanto o conector **exceto se** somou apenas 10 ocorrências com postura negativa e o conector **somente se** apresentou 15 ocorrências, revelando que os conectores instanciados pelo subesquema [ADV de exclusão + se] possuem diferenças entre si no traço de postura epistêmica. Embora os resultados de **só se** foram relativamente alto se for comparado aos demais, a análise total revelou que uma grande maioria das amostras analisadas apresentaram postura epistêmica neutra, com um total de 534 ocorrências, em oposição à 66 que apresentaram postura epistêmica negativa.

Tabela 12 - Frequência dos tipos de postura epistêmica nas ocorrências do subesquema [ADV de exclusão + se]

Conector	Quantidade de ocorrências com postura epistêmica neutra	Quantidade de ocorrências com postura epistêmica negativa	TOTAL
Exceto se	190	10	200
Só se	159	41	200
Somente se	185	15	200
TOTAL	534	66	600

Fonte: Elaboração própria

5.7 Predição

Conforme Dancygier (1998) o traço da predição, presente nas construções condicionais, é uma característica das condicionais de projetar situações futuras, como se o conteúdo das orações apresentasse uma previsão acerca de eventos futuros. Sendo assim, é especialmente importante que as formas verbais na prótase estejam em tempos futuros para conseguir projetar um futuro potencial. Dancygier e Sweetser (2005) ressaltam que as condicionais de conteúdo, por estarem bastante vinculada à relação de causa e consequência, estão bastante relacionadas a este traço das condicionais. Tal como nos casos a seguir:

60. [...] ifequal Determina que seu bloco em o template **será** renderizado somente se as variáveis ou valores informados forem iguais. (Corpus do Português: <http://www.aprendendodjango.com/apendice-13-template-tags-padrao/>)

61. Contudo, é importante que ambos reconheçam que aquilo por que passaram em a infância e em a adolescência deixou marcas e que, só se falarem abertamente sobre aquilo que sentem, **poderão** sentir- se livres para reivindicar aquilo de que precisam. (Corpus do Português: <http://apsicologaresponde.blogspot.com/2010/10/filhos-de-alcoolicos.html>)

62. Por questões de privacidade, não **será** possível saber o que estão falando sobre você, em o bate-papo, exceto se você for perguntar para ele, ou ela. O internauta receberá apenas o alerta, informando que tal pessoa citou o seu nome em a janelinha de o chat, conforme mostra a imagem de exemplo. (Corpus do Português: <http://www.g17.com.br/noticia/redessociais/facebook-lanca-recurso-que-avisa-quando-alguem-fala-o-seu-nome-no-chat.html>)

Em (60) e em (62), o verbo “será” na apódose indica uma predição acerca da ocorrência do evento ali expresso, pois o tempo futuro na apódose indica que essa informação ocorre em sequência das informações contidas na prótase e, então, considera-se *p* para projetar uma situação hipotética em *q*. Dessa forma, na ocorrência (60), a informação “**será** renderizado”, na apódose, é possível de ocorrer a partir da realização da oração condicional “somente se variáveis ou valores informados forem iguais”.

O mesmo ocorre em (62), “não **será** possível saber o que estão falando sobre você” que também é vista como uma predição, pois há um verbo no futuro que revela o caráter preditivo da oração, na qual o usuário da língua revela seu conhecimento acerca da realidade e, por isso, é capaz de prever o que pode acontecer em *q* a partir da informação contida em *p*. Em outras palavras, o conteúdo da prótase “exceto se você for perguntar para ele, ou ela” projeta uma consequência futura expressa em “não **será** possível saber o que estão falando sobre você”, ou seja, “se perguntar será possível saber” e “se não perguntar, não será possível saber”.

Ambos os casos, (60) e (62), mostram que há uma sequencialidade entre os eventos, pois na oração condicional há um verbo no futuro subjuntivo, enquanto na oração da apódose há um futuro do indicativo e tal combinação indica que em q há uma consequência da realização de p . Assim, esses casos refletem o conhecimento que o usuário da língua possui a respeito dos eventos para expressar a relação de causa e consequência dos eventos da oração condicional e da oração núcleo e, assim, possibilitando a interpretação preditiva.

Em outro exemplo, exposto em (61), o verbo na apódose, “poder”, conjugado no futuro, indica uma informação previsível a partir do conteúdo da prótase. Logo, entende-se que “**poderão** sentir-se livres para reivindicar aquilo de que precisam” é previsível a partir do conteúdo na prótase “só se falarem abertamente sobre aquilo que sentem”, isto é, esse caso revela que o usuário tem conhecimento a respeito do sentimento de liberdade e menciona que, naquela situação discursiva, esse tipo de sentimento é possibilitado a partir da realização da condição estabelecida na prótase.

Dancygier (1998) argumenta que há situações preditivas em que os verbos indicam uma referência temporal diferente da vinculada pelo verbo, ou seja, independentemente de estarem no futuro ou não é possível verificar o traço de predição. A autora menciona que nesses tipos de situação o usuário da língua utiliza um verbo que faz uma referência temporal anterior ao que é indicado pelo verbo, o que é chamado de *backfishing*. Alguns exemplos desses casos podem ser percebidos quando o falante usa o tempo pretérito na oração núcleo para sinalizar um cenário possível que poderia ter acontecido caso a informação da oração condicional tivesse sido confirmada, o que possibilitaria a interpretação da predição. Conforme a ocorrência abaixo:

63) Só se tivesse repetido o teste poderia saber. (Corpus do Português: <http://birabuchinha.blogspot.com/>)

Observe que em (63) o usuário da língua possui conhecimento de mundo suficiente para realizar uma previsão do que poderia acontecer em q caso a informação em p fosse verificada. Para que essa interpretação aconteça, é de suma importância que o usuário da língua tenha conhecimento acerca da sequencialidade dos eventos de p e q . Assim, em (63), observa-se que a presença do verbo “tivesse”, no pretérito imperfeito do

subjuntivo, e o verbo “poderia”, no futuro do pretérito do indicativo, indica que o conteúdo de q é um acontecimento posterior ao conteúdo de p , em outras palavras, q ocorre na sequência de p e por isso é possível atribuir o caráter preditivo nos casos que envolvem tempos verbais no pretérito, pois fica claro que há uma sequencialidade temporal entre p e q .

Ademais, além dos casos de condicionais preditivas, há também os casos que Dancygier (1998) aponta como não preditivas, uma vez que não é possível observar a existência de uma relação de sequencialidade entre o conteúdo de p e q .

Dancygier (1998) menciona que nas condicionais de atos de fala e metatextuais não há a presença do traço de predição, pois nesses tipos de condicionais a oração núcleo não possui dependência com a oração condicional, isto é, a oração núcleo não indica um evento futuro e nem uma sequencialidade entre os eventos de p e q . Assim, diferem-se os casos de condicionais de conteúdo e epistêmicas, que são capazes de manifestar o traço da predição, dos casos de atos de fala e metatextuais que não são preditivas. As ocorrências em (64) e (65) apresentam casos de condicionais de atos de fala nas quais não há a existência do traço de predição:

64. Exceto se um homem nascer de novo, ele não pode VER? (Corpus do Português: <http://www.austin-sparks.net/portugues/books/002826.html>)

65. Como vc pode saber o que Deus quer ou não quer? Só se colocar o Supremo Deus em a imagem de um homem, o que faria de Deus algo mundano. (Corpus do Português: <http://arautodofuturo.wordpress.com/2-arautos-peripateticos-pregoeiros/arautos-profeticos-profetas/>)

As condicionais de atos de fala, conforme Dancygier (1998), são casos de condicionais em que o conteúdo da prótase possibilita a realização de um ato de fala na apódose e que a relação de causalidade entre essas orações é menos concreta que nas orações de conteúdo e epistêmicas.

Dessa forma, em (64) não há uma relação de sequência temporal entre a oração núcleo “ele não pode ver?” e a oração condicional “Exceto se um homem nascer de novo” e, portanto, também não há em q uma projeção baseada no que há expresso em p . O

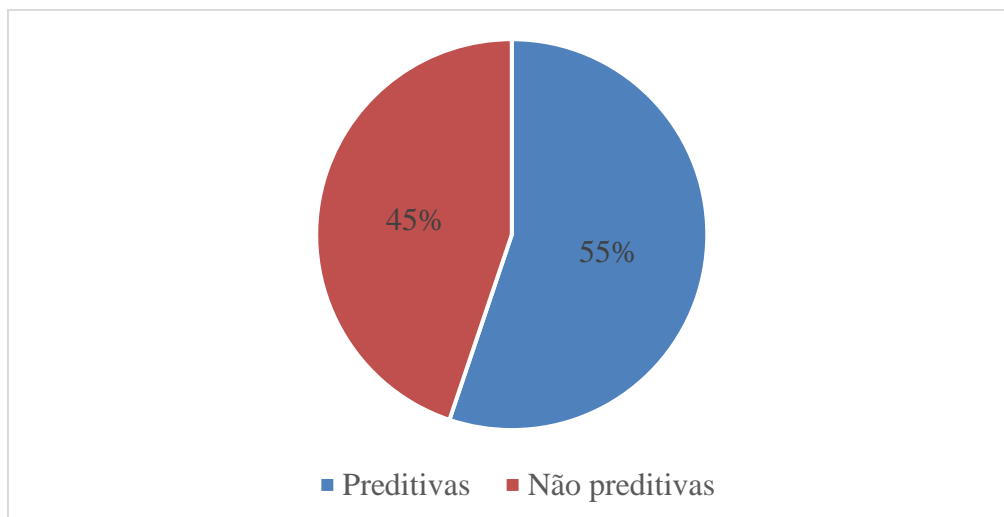
mesmo ocorre na ocorrência (65), em que há um ato de fala na oração núcleo “Como vc pode saber o que Deus quer ou não quer?” não possibilita a interpretação preditiva, pois não há uma relação de futuridade com o conteúdo da oração condicional “Só se colocar o Supremo Deus em a imagem de um homem”.

Já os casos de condicionais metatextuais, semelhantemente as condicionais de atos de fala, possuem grau de dependência do contexto pragmático para a interpretação da relação causal entre *p* e *q* e nesses casos também há um ato de fala na oração núcleo, mas diferentemente dos casos de atos de fala, nas metatextuais há um elemento que retoma alguma informação da situação comunicativa por meio de algum elemento anafórico. Dit isso, nos casos de metatextuais não é possível observar a existência de sequencialidade entre as orações, conforme se pode observar em (66), em que o termo “tal” remete à possível mudança a partir da modificação das opções padrão.

66. Prossiga clicando sobre "« Next »", modificando as opções padrão somente se estiver certo de tal mudança. (Corpus do Português: <http://www.aprendendodjango.com/preparando-um-servidor-com-windows/>)

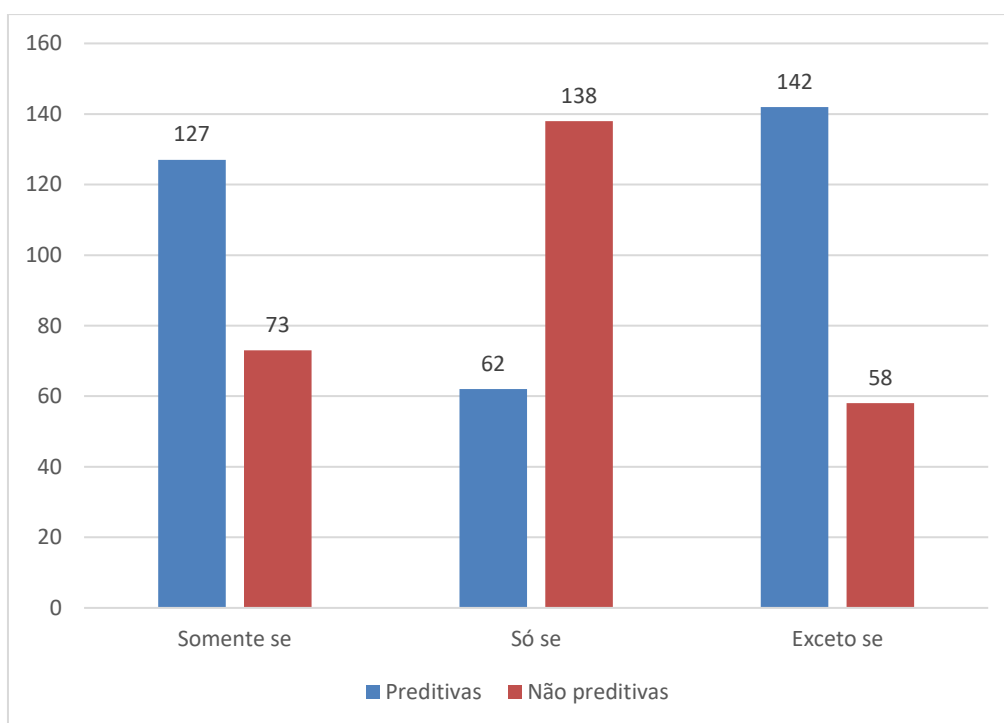
Assim, após a análise das ocorrências, constatou-se que o subesquema [ADV de exclusão + se] apresenta um comportamento mais preditivo que não preditivo. Dito isso, conforme o gráfico 1, fica claro que as ocorrências que envolvem o traço preditivo são mais frequentes que as não preditivas, pois elas representam respectivamente 45% e 55% das ocorrências analisadas. Contudo, ao analisar os conectores de maneira isolada é possível observar resultados diferentes entre eles, pois, conforme o gráfico 2, o conector **só se** envolve mais casos não preditivos que preditivos, diferentemente dos conectores **exceto se** e **somente se** que são mais preditivos do que não preditivos. Abaixo se encontram os resultados do traço de predição sistematicamente expostos nos gráficos 1 e 2:

Gráfico 1 - Frequência do traço de predição do subesquema [ADV de exclusão + se]



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 2 - Frequência do traço de predição dos conectores do subesquema [ADV de exclusão + se]



Fonte: Elaboração própria.

Portanto, conforme os postulados de Dancygier (1998), foi possível analisar o traço de predição nas ocorrências coletadas através da relação de sequencialidade temporal entre o conteúdo de p e q. Os tempos verbais que denotam noção de futuridade

entre as orações são essenciais para elucidar a sequencialidade de p e q nas condicionais para que elas possam, assim, serem interpretadas como preditivas. Por outro lado, as condicionais de atos de fala e metatextuais, por não serem capazes de apresentar uma relação de sequencialidade entre p e q , são vistas como não preditivas, uma vez que o conteúdo de q não pode ser visto como uma previsão de p .

5.8 Espaços mentais

Conforme os estudos de Dancygier (1998), os espaços mentais são, em suma, diferentes espaços mentais no momento de interação, isto é, há no momento de interação um espaço base enunciado e que possibilita a criação de novos espaços mentais no ouvinte. Para a criação dos espaços mentais nas construções condicionais, Dancygier (1998) argumenta que os conectores exercem um papel importante, pois são eles os termos capazes de projetar novos espaços mentais, conforme há nos exemplos (67) e (68):

67. Então, visitas em o dia de o parto, só se você for muito íntima e tiver certeza que a pessoa esta a fim de receber. (Corpus do Português: <http://babies.constancezahn.com/etiqueta-na-maternidade/>)

68. Este tipo de eclipse ocorrerá somente se a Lua, ao longo de sua trajetória, atravessar a região de a penumbra terrestre. (Corpus do Português: <http://www.cdcc.usp.br/cda/aprendendo-basico/eclipses-solares-lunares/eclipses-solares-lunares.htm>)

Na ocorrência (67), o conector condicional **só se** desencadeia dois espaços mentais alternativos, são eles o espaço fundação e o espaço expansão, respectivamente expressos a seguir: (i) “ser muito íntima e ter certeza que a pessoa está a fim de receber e receber visitas no dia do parto”; (ii) “a pessoa não ser muito íntima e não ter certeza que a pessoa está a fim de receber e não receber visitas no dia do parto”.

Em (68), há na ocorrência uma oração condicional introduzida pelo conector **somente se** em que se observa a capacidade de projeção de dois espaços a partir do espaço base, a saber: (i) “a lua, ao longo de sua trajetória, atravessar a região da penumbra

terrestre e este tipo de eclipse ocorrer”; (ii) “a lua, ao longo de sua trajetória, não atravessar a região da penumbra terrestre e este tipo de eclipse não ocorrer”.

As ocorrências acima elucidam a possibilidade de criação de espaços mentais alternativos a partir de construções encabeçadas por conectores condicionais do subesquema [ADV de exclusão +se], contudo, o significado condicional vinculado pelos conectores **só se** e **somente se** é diferente do significado condicional vinculado pelo **se**, pois enquanto o **se** é um conector condicional que possui um sentido condicional mais básico, pois sem a presença de outros elementos não consegue instaurar a condicionalidade restritiva, por outro lado, os conectores complexos **só se** e **somente se** são restritivos, visto que o significado condicional vinculado por eles estabelece uma relação de restrição e implicação mútua, em que ao restringir o conteúdo da oração secundária de acordo com o que está expresso na oração condicional também indica que as duas orações dos enunciados devem ser verdadeiras ou ambas falsas (OLIVEIRA, 2009).

Nas ocorrências com conectores restritivos positivos, o conteúdo da oração núcleo está restringido a realização do conteúdo da oração condicional. Dessa forma, caso o conteúdo da oração condicional seja realizado, então a realização do conteúdo da oração núcleo também é e o mesmo ocorre quando o conteúdo de p não é realizado, pois, então, segue a não realização de q .

Portanto, nas construções com esses conectores é possível notar a presença de um espaço fundação que fornece informações para a validação temporária de um espaço expansão em que as orações ou são ambas afirmativas ou ambas negativas, mas o mesmo não ocorre nas ocorrências que envolvem o conector **exceto se** que é classificado como conector restritivo negativo, pois ele é capaz de restringir a relação condicional com inversão de polaridade entre as orações, isto é, se a oração condicional for validade, então segue a não validação da oração secundária ou se a oração condicional não for validade, então segue a validação da oração secundária.

O conteúdo da oração condicional atua como uma única condição para a não realização do conteúdo da oração núcleo, então dada a realização de p segue a não realização de q ou dada a não realização de p segue a realização de q . O exemplo abaixo ilustra como os espaços mentais são criados a partir do conector condicional restritivo **exceto se**:

69) A extração mineral por esse regime é direito exclusivo de o proprietário de o solo ou de quem ele autorizar, exceto se a jazida situar-se em imóveis públicos. (Corpus do Português: <http://www.cprm.gov.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=1268&sid=129>)

A ocorrência em (69) ilustra um caso em que a partir do espaço mental base é construído espaços mentais alternativos, com inversão de polaridade entre as orações, eles são: (i) “a jazida situar-se em imóveis públicos e a extração mineral por esse regime não ser direito exclusivo do proprietário do solo ou de quem ele autorizar”; (ii) “a jazida não se situar em imóveis públicos e a extração mineral por esse regime ser direito exclusivo do proprietário do solo ou de quem ele autorizar”.

Em suma, a análise dos espaços mentais releva que as ocorrências com conectores do subesquema [ADV de exclusão + se] são capazes de criar espaços mentais alternativos a partir do discurso, entretanto, devido à semântica do conectores, as orações dos espaços mentais alternativos dos conectores **somente se** e **só se** precisam ser mutuamente equivalente, com ambas as orações positivas ou ambas negativas, enquanto as orações dos espaços mentais alternativos do conector **exceto se** devem ter uma inversão polar, com uma oração negativa e uma positiva.

5.9 Posição da oração condicional

A oração condicional pode aparecer em três posições distintas, anteposta, intercalada e posposta em relação a oração núcleo. Alguns estudos a respeito da condicionalidade demonstraram que as orações condicionais se caracterizam pela preferência da posição anteposta da oração núcleo, uma vez que este fato se relaciona com a realização sequencial dos eventos no mundo real descritos na prótase e na apódose, isto é, a ordem das orações segue uma tendência de se realizarem sequencialmente da mesma forma que ocorrem no mundo real, então é mais comum que uma oração condicional, entendida como a causa, se realize primeiro que a oração núcleo, uma consequência desencadeada pela causa.

Após a análise dos dados das orações condicionais do Português do Brasil, foi possível observar a posição preferida das orações condicionais introduzidas por conectores que são instanciados pelo subesquema [ADV de exclusão + se]. Curiosamente, os conectores desta pesquisa se distinguem do funcionamento prototípico das orações condicionais, pois não seguem a ordem sequencial canônica com p antes de q. Assim, o resultado dessa análise revelou que a posição posposta é a preferida nas orações condicionais introduzidas por **somente se**, **só se** e **exceto se**, veja abaixo.

Tabela 13: Posição das orações condicionais introduzidas por conectores do subesquema [ADV de exclusão + se]

	Somente se	Só se	Exceto se	Total	Total em %
Anteposta	37	19	9	65	10,8
Intercalada	4	4	10	18	3
Posposta	159	177	181	517	86,2
Total				600	100

Fonte: Elaboração Própria

Com base na tabela acima, é possível verificar que um grande número de ocorrências analisadas tem a oração condicional em posposição da oração núcleo, representada por 86,2% dos dados (517 ocorrências), enquanto a segunda posição preferida, a anteposta, totalizou 10,8% (65 ocorrências) e a posição intercalada ocorre em pouquíssimos casos, totalizando apenas 3% (18 ocorrências) dos casos.

Vale ressaltar também que os três conectores apresentaram uma similaridade no tipo de posição preferida, pois todos eles apresentaram um maior número de casos em posição posposta, mas em posição anteposta e intercalada, apenas os conectores **somente se** e **só se** apontaram uma similaridade entre eles, pois os dois tiveram um resultado maior da posição anteposta do que das intercaladas, enquanto o conector **exceto se** apresentou um resultado maior de orações intercaladas do que de antepostas.

Comrie (1986) postula que a ordem da oração condicional em relação à oração núcleo, normalmente, segue a ordem icônica dos acontecimentos no mundo real, ou seja, normalmente a ordem das orações segue a ordem natural de como os acontecimentos

ocorreram no mundo real, então é apresentada uma causa que motiva/desencadeia uma consequência. Dito isso, é mais comum que os usuários da língua utilizem a língua conforme se dão os acontecimentos no mundo real.

Os conectores condicionais mais prototípicos são vistos mais em orações na ordem anteposta do que em outras ordens, até mesmo nos casos em que há uma relação mais subjetiva como nos casos de atos de fala e metatextuais, entretanto o resultado da análise de posição aponta que as orações introduzidas pelos conectores não seguem essa ordem natural e icônica. Veja a seguir:

70) Esta é uma pergunta complicada. É que não é possível mudar o país de a PSN, **exceto se** a sua conta fosse japonesa. (Corpus do Português: <http://www.fifauteam.com/pt/fifa-points-em-fifa-13-ultimate-team/>)

71) Acho que nunca vou vestir uma calça 44, 42, ou 40, imagine!.. **só se** eu estiver pesando uns 30 kg.. bom, vou deixar aqui registrado.. é quase inacreditável pensar que isso um dia vai ser possível, vamos ver. (Corpus do Português: <http://afimdevider.blogspot.com/>)

72) Essa prática é necessária **somente se** você quiser utilizar este valor para compensar lucros futuros com este valor. (Corpus do Português: <http://blog.bussoladoinvestidor.com.br/imposto-de-renda-em-acoes/>)

As ocorrências de (70), (71) e (72) ilustram a posição preferida dos conectores do subesquema [ADV de exclusão + SE] nas quais há uma oração nuclear e depois uma oração condicional. Uma motivação para que a posição posposta da oração condicional seja mais frequente que as demais é que nesses casos os conectores condicionais atuam para restringir o evento da oração núcleo à uma única condição, introduzida pelos conectores **somente se**, **exceto se** e **só se**. Nas orações condicionais com esses conectores é possível que os falantes possuem conhecimento de quais são as condições para a realização do conteúdo da oração núcleo, mas não possuem certeza se as condições serão satisfeitas e por isso fazem uso da condicional após reavaliar as informações que possuem, isto é, o falante reavalia a afirmação que quer enunciar em *q* e então expressa *p*

com a condição necessária para que q se realize, elucidando o fato de que não há necessariamente uma sequencialidade entre p e q , mas sim uma sequencialidade conforme o efeito de sentido que o falante quer causar no ouvinte, ou seja, apresentar uma informação verdadeira e em seguida revelar uma condição para a realização da informação.

Em (70) o conteúdo da oração núcleo “É que não é possível mudar o país de a PSN” há uma informação afirmativa marcada através do verbo no indicativo, mas que é seguida pela oração condicional “**exceto se** a sua conta fosse japonesa” que apresenta uma condição que restringe a realização do evento da apódose e, por isso, a veracidade de q já não pode ser dada como certa, pois a oração condicional introduz uma condição a ser verificada para que, então, a oração em q seja verificada. Além disso, o verbo da oração condicional no subjuntivo marca uma incerteza a respeito do conteúdo, e por consequência disso os fatos em ambas as orações não devem ser considerados como afirmações, mas sim que há uma possibilidade da realização do conteúdo da oração núcleo a partir do que é expresso na oração condicional.

Em (71), o falante tem conhecimento suficiente para acreditar que o conteúdo na apódose “vestir uma calça 44, 42, ou 40” não acontecerá, pois há uma única condição “estiver pesando uns 30 kg” para que o conteúdo da apódose se realize. Dada a dificuldade da realização do conteúdo da oração condicional, o falante faz uso da oração condicional com o verbo no subjuntivo para expressar sua incerteza a respeito da possibilidade de realização dos acontecimentos. Além disso, há ainda outras marcas que demonstram alto nível subjetivo do falante como o uso do verbo “achar”, que é um verbo ligado a avaliações cognitivas, bem como há o uso do termo “nunca”, que releva sua crença da não realização do evento.

Em (72) algo similar ao caso (71) ocorre, pois o conteúdo da oração núcleo “Essa prática é necessária” com o verbo no presente do indicativo está condicionado ao conteúdo da oração condicional “**somente se** você quiser utilizar este valor para compensar lucros futuros com este valor” que através do verbo no subjuntivo marca também uma possibilidade da realização do conteúdo da apódose, mas não uma certeza.

Os casos com os conectores condicionais restritivos instanciados pelo subesquema [ADV de exclusão + SE] denotam que a preferência pela posição da oração condicional ser posposta é que há uma sequência entre as etapas de raciocínio, uma vez

que o conteúdo da oração núcleo é posto anterior ao conteúdo da condicional. Conforme Dancygier (1998), a sequencialidade entre as orações condicionais não ocorre apenas entre os eventos contidos nas orações, mas também em níveis mais subjetivos nos quais a sequencialidade pode ser vista através do acionamento de uma afirmação que é reavaliada mentalmente e seguida por uma condição necessária para a realização da apódose, que é o que ocorre com os conectores da atual pesquisa e se confirmou através da análise das ocorrências coletadas.

CONCLUSÃO

O principal objetivo deste trabalho foi descrever o subesquema [ADV de exclusão + se] da rede dos conectores condicionais, a fim de buscar explicações a respeito do funcionamento dos conectores instanciados por ele e analisar as características das estruturas em que eles são utilizados para que pudesse ser explicado o modo como o sentido restritivo é acionado, bem como demonstrar a possibilidade de instauração do sentido bicondicional, em que as duas orações se implicam mutuamente.

Para tanto, primeiramente foi selecionado o corpus *online* no qual a coleta e a seleção de dados seriam realizadas para que, então, a etapa de análise de dados pudesse ser iniciada. Os traços e parâmetros de análise que permitem que os conectores foco da atual pesquisa sejam incluídos na lista de exemplares de conectores condicionais foram baseados especialmente nos estudos de Dancygier (1998) aliados aos princípios funcionalistas e cognitivistas como em Bybee (2016) e Traugott e Trousdale (2021).

Após a etapa de análise foi possível perceber que de fato os conectores analisados caracterizam-se por particularidades em suas propriedades. Ao assumir a proposta de Traugott e Trousdale (2021) juntamente com Bybee (2016) como referencial teórico, é possível dizer que a produtividade do subesquema pode ser caracterizada por meio da frequência, com os seguintes resultados obtidos:

(i) O resultado de 86% do total das amostras na posição posposta demonstrou que as construções condicionais com conectores do subesquema [ADV de exclusão + se] são altamente produtivas em construções em que a oração núcleo vem anterior em relação a oração condicional;

(ii) quanto ao domínio cognitivo, foi possível constatar que as orações que veiculam uma relação causal mais concreta é a mais frequente entre os quatro domínios cognitivos elencados por Dancygier (1998), pois foram 299 ocorrências no domínio de conteúdo, 49,9% dos dados, mas nesse subesquema, especificamente em orações condicionais introduzidas por **só se**, há também uma alta produtividade do domínio de atos de fala, totalizando 231 ocorrências desse tipo, 38,5% das ocorrências analisadas;

(iii) quanto a frequência de casos preditivos, os resultados apontaram que 55% das ocorrências possuem o traço da predição, contra 45% de casos não preditivos,

caracterizando esse subesquema como mais produtivo em casos preditivos;

(iv) ainda, sobre a produtividade, a análise das ocorrências revelou que há uma grande frequência de ocorrências que combinam o futuro do subjuntivo, na oração condicional, com o presente do indicativo, na oração núcleo, e essa combinação modo-temporal esteve presente em aproximadamente 23% das ocorrências.

Uma outra propriedade das construções, a composicionalidade, foi analisada de acordo com os parâmetros de Dancygier (1998), para verificar como se dá a leitura (bi)condicional das ocorrências. Logo, a análise das ocorrências revelou que o significado das construções condicionais de [ADV de exclusão + se] é parcialmente composicional, pois há vários elementos que contribuem para que o sentido condicional restritivo seja instaurado. Para confirmar tal fato, alguns parâmetros de forma e significado foram analisados e os seguintes resultados foram obtidos:

(i) o traço de não assertividade das construções pode ser atestado, pois o conector **se** presente nos conectores complexos garante a presença desse traço, então **se** é tanto um aspecto formal, pois é um dos itens que formam o conector condicional complexo, quanto é um aspecto de sentido, já que é o conector prototípico e carrega o traço de não assertividade, por outro lado, o advérbio não interfere no resultado desse traço, isto é, não há nada nele que remeta a (não) assertividade;

(ii) a respeito da postura epistêmica, que é um traço que contribui com a interpretação do sentido condicional, constatou-se que ocorrências com postura epistêmica neutra são mais comuns que postura epistêmica negativa, pois esse primeiro conjunto totalizou 534 das 600 ocorrências, o que denota que o subesquema analisado se caracteriza por casos em que o usuário da língua não se compromete e nem se descompromete com a verdade dos fatos, ou seja, ele é neutro;

(iii) a análise da capacidade de projetar espaços mentais nas condicionais revelou que os *types* **só se** e **somente se** são capazes de projetar espaços mentais em que a partir de *p* há a projeção de espaços mentais em que ambas as orações envolvidas ou são dadas como verdadeiras ou ambas são falsas, porém o conector **exceto se** difere-se destes casos, pois ele é capaz de projetar espaços mentais com inversão de polaridade entre as orações, ou seja, ele projeta espaços mentais em que as orações são vistas como opostas, então a realização de uma oração segue necessariamente a não realização da outra;

(iv) ao analisar o traço da predição nas ocorrências coletadas percebeu-se que a

maior parte delas, um total de 55%, possuem este traço;

(v) o significado causal entre as orações dos dados coletados revelou que a causalidade é mais vista em casos que envolvem situações concretas, pois as condicionais de conteúdo foram as que apresentaram maior resultado, 299 ocorrências, mas houve também um número alto de atos de fala, 231 ocorrências, caracterizando esse subesquema como bastante convencionalizado em diversos contextos, pois há casos tanto em cenários mais concretos quanto em cenários mais subjetivos;

Por fim, para buscar mais explicações sobre a rede dos conectores condicionais, analisou-se a esquematicidade das construções coletadas, as quais possibilitaram a interpretação de [ADV + SE] como uma construção da rede dos conectores condicionais no nível do subesquema, mas, com intenção de especificar o recorte de advérbios que se estuda na presente proposta, a forma [ADV de exclusão + SE] foi adotada durante esse trabalho. Ao notar a semelhança da natureza dos advérbios desse subesquema e através de buscas a respeito dessa classe gramatical foi possível chegar a trabalhos que discorrem sobre o assunto que demonstram a versatilidade desses termos e a capacidade de se unirem com o conector condicional *se* para formarem conectores condicionais complexos restritivos. Dito isso, foi possível chegar aos seguintes resultados a respeito da esquematicidade desse subesquema:

(i) os conectores em foco na atual pesquisa são *chunkings* linguísticos, pois são sequências que demonstram alto nível de integração, não possibilitando a alteração de posição de nenhum dos termos de [ADV de exclusão + se] e que o significado do conector *se* é realmente diferente dos conectores do subesquema, visto que o *se* não é capaz de funcionar como conector restritivo sem a presença de um outro elemento na construção;

(ii) o subesquema [ADV + se] na rede dos conectores condicionais revela-se relativamente produtivo, uma vez que permite a inserção de mais *types* que os três descritos na presente pesquisa, como *apenas se*, *salvo se*, *exclusivamente se*, além de outras formas como *exceto quando* que levaria à abstratização e unificação dos subesquemas [ADV + se], [ADV + que] e [ADV + quando] em apenas um esquema de nível mais alto, o [ADV + CON], em que o slot “ADV” representaria o advérbio e “CON” representaria uma conjunção.

Portanto, é possível concluir que o sentido condicional manifestado pelos conectores condicionais desta pesquisa é diferente do sentido manifestado pelo conector

se, e que, embora ambos os slots do subesquema [ADV de exclusão + *se*] são analisáveis e que algumas características da categoria adverbial ainda estejam presentes após a união com *se*, isso não invalida que há a formação de um *chunking* linguístico na rede dos conectores condicionais. Além disso, os conectores da presente pesquisa são capazes de instaurar um significado condicional específico, que é o significado restritivo, em que as orações *se* implicam mutuamente, diferentemente do que ocorre em casos em que há o uso do *se*, pois ele sozinho não é capaz de instaurar esse tipo de condicionalidade.

REFERÊNCIAS

- BUENO, Aline F. **O conector *supondo que* no português**. Três Lagoas, 2015, 113 f. Dissertação de Mestrado (Estudos Linguísticos), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
- BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CLEMENTE, Camila Gabriele da Cruz. **O subesquema [V_QUE] condicional no português**. 2020. 101 f. Dissertação (Mestrado) - UFMS, Três Lagoas, 2020.
- COMRIE, B. Conditionals: a typology. In: TRAUGOTT, E. C. et al. (Eds.). **On conditionals**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 77-99, 1986.
- CROFT, William. **Radical construction grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DANCYGIER, Barbara. **Conditionals and predication**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve. **Mental spaces in grammar: conditional constructions**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. **Corpus do Português**. 2006. Disponível em: <<https://www.corpusdoportugues.org/>> Acesso em: 14 jul. 2020.
- FERRARI, Lilian V. Postura Epistêmica, Ponto de Vista e Mesclagem em Construções Condicionais na Interação Conversacional. **Veredas**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, P.115- 128, 1999. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25357>> Acesso em: 14 jul. 2020.
- FERRARI, Lilian V. Os parâmetros básicos da condicionalidade na visão cognitivista. **Veredas**, v. 4, n.1: 21-30, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25328>> Acesso em: 18 abr. 2020.
- FERRARI, Lilian V. Construções Gramaticais e a Gramática das Construções Condicionais. In: **Scripta**, Belo Horizonte, v.5, n. 9. p.143-150, 2001. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/11732>> Acesso em: 14 jul. 2020.
- FILLMORE C. “Epistemic stance and grammatical form in English conditional sentences.” In M. Ziolkowski, M. Noske, and K. Deaton (eds.), **Papers from the 26th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society**. Chicago: Chicago Linguistic Society, 137–62,1990.
- GARCIA, Afrânio da Silva. **Conjunções e advérbios: classes abertas e variáveis**. In:

VII Simpósio mundial de estudos de língua portuguesa, 2019, Porto de Galinhas. 2019. Disponível em: <<http://sites-mitte.com.br/anais/simelp/resumos/PDF-trab-0213-1.pdf>> Acesso em: 14 jul. 2020.

GIVÓN, T. Modal Prototypes of Truth and Action. In: **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Publishing Company, 1995.

GOLDBERG, Adele. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. **Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language**, Oxford: Oxford University Press, 2006.

HIRATA-VALE, Flávia. B. M. **A hipotaxe adverbial condicional no português escrito contemporâneo do Brasil**. Araraquara, 1999. 231p. Dissertação (Mestrado em Letras – Área de Concentração: Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

HIRATA-VALE, Flávia. B. M. O conectivo complexo “supondo que”: história e uso. In: FIGUEIREDO, D. C.; et al (org.). **Sociedade, cognição e linguagem**. Florianópolis: Editora Insular, p. 381-402, 2012.

HOPPER, P., TRAUGOTT, E. (1993) *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.

KORTMANN, Bernd. **Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1996.

MEILLET, A. Le renouvellement des conjonctions. In: _____. **Linguistique Historique et Linguistique Générale**. Paris: Champion, 1948a, p.159-174.

NEVES, Maria. Helena. M. **As construções condicionais**. In: NEVES, M. H. M. Gramática do Português Falado. v. VII. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 1999. p. 497-544.

NEVES, Maria. Helena. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

NEVES, Maria. Helena. M. **A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

OLIVEIRA, Taísa. Peres. de. **A manifestação da polidez nas orações condicionais**. São José do Rio Preto, 2004, 135 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

OLIVEIRA, Taísa. Peres. de. **Conjunções e orações condicionais no português do**

Brasil. Araraquara, 2008, 155 f. Tese de Doutorado (Linguística e Língua Portuguesa), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

OLIVEIRA, Taísa. Peres. de. A relevância do modelo em camadas para o estudo das estratégias comunicativas atualizadas pelas condicionais. In: PEZATTI, E. G. (org.). **Pesquisas em Gramática Funcional.** Descrição do Português. São Paulo: Editora da UNESP, 2009. p. 373-383.

OLIVEIRA, Taísa. Peres. de. HIRATA-VALE, Flávia. B. DE M. Orações correlativas hipotéticas no português. **Revista da ABRALIN**, v. 10, n 2, 31 dez. 2011.

OLIVEIRA, Taísa. Peres. de. **Conjunções condicionais no português.** Acta Scientiarum. Language and Culture, Maringá, v. 32, n.2, p. 247-254, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/8860>> Acesso em: 07 ago. 2019.

OLIVEIRA, Taísa. Peres. de. As conjunções condicionais na Gramática Discursivo-Funcional. In: SOUZA, E. R. F. (org.). **Funcionalismo Linguístico: Análise e descrição.** v. 2. São Paulo: Contexto, 2012. p. 119-146.

OLIVEIRA, Taísa. Peres. de. Conjunções adverbiais no português. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 22, p. 45-66, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/5754>> Acesso em: 07 ago. 2019.

OLIVEIRA, Taísa. Peres. de.; HIRATA-VALE, Flávia. M. B. A condicionalidade como zona conceitual. **DELTA**, v. 33, n. 1, p. 291-313, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/delta/a/KjmLndbBBBhCdJbVP9vLhPx/?lang=pt>> Acesso em: 07 ago. 2019.

OLIVEIRA, Taísa. Peres. de. A construção [[supondo_que]CON. **Estudos Linguísticos** (SÃO PAULO. 1978), v. 48, p. 370-383, 2019a. < <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2372>> Acesso em: 24 dez. 2020.

OLIVEIRA, Taísa. Peres. de. A construção condicional em português. **Revista de Letras**, v.2, n.38, 2019b. <<http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/60342>> Acesso em: 05 set. 2020.

OLIVEIRA, Mariangela. R.; ROSARIO, Ivo. C. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**, São Paulo, 60 (2): 233-259, 2016. <<https://www.scielo.br/j/alfa/a/xMRhGvkvH7QyvX4QqPWL3Hf/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em: 18 abr. 2020.

ROSÁRIO, Ivo Costa; MOREIRA, Fabiana Félix Duarte. Usos do conector ‘exceto’: um panorama sob a perspectiva da linguística funcional centrada no uso. **Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, [S.l.], v. 26, n. 46, p. 35-53, maio 2019. ISSN 2446-6905. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/32050>>. Acesso em: 18 abr. 2020.

SOUZA, Edson Rosa Francisco. **Os advérbios focalizadores no português falado do Brasil: uma abordagem funcionalista**. 2004. 174 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/86609>> Acesso em: 18 abr. 2020.

SOUZA, Gabriela Almeida de. **ORAÇÕES CONDICIONAIS CORRELATIVAS NO PORTUGUÊS**. Orientador: Taísa Peres de Oliveira. 2015. 103 f. Dissertação (Mestrado) - UFMS, Três Lagoas, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/jspui/handle/123456789/2709>. Acesso em: 12 mar. 2022.

SPOLADORE, Fernanda Ferreira. As estratégias de focalização em português brasileiro e sateré-mawé. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 08- 29, jan./jun. 2017.

SWEETSER, Eve. **From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure**. (Cambridge Studies in Linguistics, 54). Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, Elizabeth. C.; TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and Construcional Change**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, Elizabeth. C.; TROUSDALE, Graeme. **Construcionalização e Mudanças Construcionais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

TRAUGOTT, Elizabeth C. The grammaticalization of NP of NP constructions. In: BERGS, Alexander; DIEWALD, Gabriele (Eds.). **Constructions and Language Change**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008b. p. 21-43.

ZHAN, F. & TRAUGOTT, E. C. The constructionalization of the Chinese cleft construction. In: **Studies in Language**. N. 39. John Benjamins Publishing Company, 2015.